

25 ANOS

FUNDAÇÃO
LUSO-AMERICANA

1985
2010

DEPOIMENTOS





DEPOIMENTOS

Lisboa, Abril de 2010

Índice

009 **Nota Preliminar**

Rui Chancerelle de Machete

DEPOIMENTOS

011 Alfredo Borba

O 25.º Aniversário da FLAD

013 Anna M. Klobucka

Depoimento

017 António Câmara

A FLAD, um Agente de Mudança

019 António Costa Pinto

25 Anos: A Juventude da FLAD

021 António Gomes de Pinho

Depoimento

023 António Rendas

***A Aprendizagem Baseada em Problemas (Problem-Based Learning)
Aplicada à Educação Médica: O Que Ficou Vinte Anos Depois?***

027 António Vaz Carneiro

A FLAD como Agente de Intercâmbio Científico

029 Augusto Medina

Depoimento

033 Avelino de Freitas de Meneses

Depoimento

035 Carlos A. A. Bernardo

Depoimento

039 Carlos Gaspar

O Parceiro Indispensável

043 Carlos Monjardino

Fundação Luso-Americana: Um Percorso Exemplar

047 Carlos Pimenta

FLAD, os primeiros 25 anos. O meu testemunho vivido

049 Clara Braga da Costa

Inovação – valorização económica do conhecimento

053 Craig Kennedy

Testimonial

055 Daniel Bessa

Dois Casos Exemplares

059 Demetrios G. Papademetriou

***Testimonial on the Occasion of the 25th Anniversary
of the Luso-American Foundation***

- 063 Duarte D'Orey e Tristão da Cunha
A Bengala de Ouro
- 065 Eduardo Marçal Grilo
Depoimento
- 067 Emílio Rui Vilar
25.º Aniversário da Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento
- 069 Eusebio Mujal-Leon
Testimonial
- 073 Evan Vlachos
Celebrating 25 Years of FLAD
- 075 Fernando Neves
Depoimento
- 079 Fernando Ramôa Ribeiro
Depoimento
- 081 Francisco Carvalho Guerra
Depoimento
- 083 Frank F. Sousa
*A Fundação Luso-Americana e a Universidade de Massachusetts
Dartmouth e a Promoção da Língua e Cultura Portuguesas*
- 089 G. Mathias Kondolf
Testimonial
- 093 Graça Machel
Parceria entre a FLAD e a FDC
- 095 Isabel Ferreira Gould
Depoimento
- 097 James Martin McGlinchey
*Message on the Occasion of the 25th Anniversary
of the Luso-American Foundation*
- 103 João Carlos Gomes-Pedro
Depoimento
- 107 João de Vallera
Depoimento
- 111 John Richardson
Testimonial
- 113 Jorge Couto
*25 anos a fomentar o ensino do Português e a divulgar
a Cultura Portuguesa no mundo anglo-saxónico*
- 117 José Carlos Marques dos Santos
Parceira na Internacionalização das Universidades
- 121 José Cunha-Vaz
25º Aniversário da Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento
- 123 José Cutileiro
FLAD – O Primeiro Quarto de Século

- 127 José Joaquim de Oliveira
Depoimento
- 131 José Manuel Fernandes
Uma Ponte para a Outra Margem
- 133 José Martins Nunes e Nuno Miguel Marta Freitas
A Fundação “Win-Win”
- 135 José Neves Adelino
Depoimento
- 139 José Pedro Sucena Paiva
Por Ocasião dos 25 Anos da Fundação Luso-Americana
- 141 Leonardo Mathias
A Embaixada em Washington e a Fundação
- 143 Luís Amado
Depoimento
- 147 Manuel Braga da Cruz
A Fundação Luso-Americana e a Universidade Católica Portuguesa
- 149 Manuel Carrondo
O suporte da FLAD ao IBET
- 153 Manuel Sobrinho Simões
A FLAD e o IPATIMUP: Apoio generoso e cumplicidade
- 155 Maria Lucinda Fonseca
Uma Instituição Pioneira na Promoção da Investigação sobre Migrações Internacionais e Integração dos Imigrantes
- 159 Miguel Monjardino
Quatro lições de segurança internacional
- 163 Miguel Tamen
Pagar para Ver
- 167 Onésimo Teotónio Almeida
Da FLAD na Brown e não só
- 173 Otilia Macedo Reis
Depoimento
- 175 Ricardo Serrão Santos
A FLAD e o Departamento de Oceanografia e Pescas da Universidade dos Açores
- 181 Rui Campos Guimarães
Sobre os Primeiros Vinte e Cinco Anos da FLAD
- 187 Thomas H. Fox
Happy Birthday, Fundação Luso-Americana!
- 189 Tiago Fleming Outeiro
Prata com sabor a ouro!
- 191 Vartan Gregorian
Testimonial
- 193 Victor K. Mendes
Depoimento
- 196 *Sobre a Fundação*

Nota Preliminar

O GRANDE ADMINISTRATIVISTA MAURICE HAURIUO definia a instituição como “uma ideia da obra ou empresa que se realiza e dura juridicamente no meio social”, como todo o objectivo proposto à sociedade cuja duração não depende da vontade subjectiva de um círculo restrito e determinado de indivíduos.

A Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento começou por ser apenas uma ideia, um projecto: criar um agente que pudesse ajudar a promover o progresso do País, principalmente através da cooperação entre entidades americanas e portuguesas.

O livro que, agora, ao fim de 25 anos de existência da Fundação, se publica, visa testemunhar a transformação desse projecto numa realidade. Um grupo apreciável e variado de pessoas credíveis e responsáveis, que por diversos modos colaboraram com a Fundação ou viram as suas iniciativas aprovadas por esta, atestam que o que, no início, era apenas um mero projecto comungado por dois Governos, o português e o americano, e traduzido num simples acto legislativo de constituição, se tornou numa realidade social. É um agente activo do robustecimento das relações luso-americanas, e, sobretudo, um fautor eficaz da modernização da sociedade civil portuguesa.

Esta é, talvez, a comemoração mais gratificante de um quarto de século de vida da Fundação.

RUI CHANCERELLE DE MACHETE
Abril de 2010



Alfredo Borba

DIRECTOR DO DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS
DA UNIVERSIDADE DOS AÇORES

O 25º Aniversário da FLAD

A FUNDAÇÃO LUSO AMERICANA para o Desenvolvimento (FLAD) assinala o seu 25º aniversário. Como Director do Departamento de Ciências Agrárias da Universidade dos Açores não poderia deixar de me associar a esta comemoração uma vez que, durante muitos anos, a FLAD foi um dos mais importantes parceiros do DCA, financiando projectos de Investigação & Desenvolvimento, muitas vezes em áreas que outras entidades financiadoras não encontraram motivo para o fazer.

Exemplo desta visão por parte da FLAD foi o caso do seu apoio fundamental à investigação na área da produção leiteira nos Açores que, pese embora produzirem em 2% da SAU do país 30% do leite nacional, dificilmente, à altura, era considerada como uma área prioritária por outras entidades financiadoras nacionais. Foi, em larga medida, devido ao apoio da FLAD que é hoje possível afirmar termos realizado do melhor em termos de investigação científica, afirmação corroborada pelos resultados alcançados, muitos deles dando origem a publicações científicas em algumas das melhores revistas do sector a nível mundial.

Resta-me acrescentar que, pese embora a FLAD continue a financiar, com alguma frequência, deslocação de especialistas de Universidades Americanas aos Açores, estou convicto que muito mais poderá ser feito no sentido da recuperação de uma relação que, eventualmente atenuada nos últimos dois anos, tão bons resultados deu no passado.

Reiterando a minha congratulação pelos 25 anos da FLAD, aproveito a oportunidade para lhe desejar os maiores sucessos. ●



Anna M. Klobucka

PROFESSORA NO DEPARTMENT OF PORTUGUESE
UNIVERSITY OF MASSACHUSETTS DARTMOUTH

Depoimento

COMEÇO COM UM PEQUENO DESABAFO: não me parece uma tarefa nada fácil reflectir de forma minimamente abrangente, no limite deste pequeno texto, sobre os programas e as iniciativas da Fundação dos quais tenho tido alguma experiência pessoal, mesmo considerando que esta experiência se limita essencialmente aos últimos 10 anos, e não aos 25 da existência da FLAD que este ano se comemoram. Pois assim como muitos dos meus colegas na comunidade académica com que mais directamente me identifico – professores universitários radicados nos Estados Unidos, a trabalharem (nas modalidades de ensino, investigação e gestão institucional) na área global que abrange a língua portuguesa e as culturas e sociedades dos países lusófonos – tenho vindo a encarar a Fundação como a fonte mais consistentemente empenhada, generosa e fiável de apoio e encorajamento para uma variedade muito grande de projectos e actividades de que consiste a nossa vida profissional: construção e manutenção de programas de ensino e formação, realização de agendas individuais de investigação, edição de livros e revistas, organização de congressos, e assim por diante. Seria difícil exagerar a importância prática e estratégica destes investimentos para a sobrevivência, fortalecimento e expansão da área académica dos Estudos Portugueses nos Estados Unidos. Para dar apenas um exemplo entre muitos possíveis, referir-me-ei a uma das minhas responsabilidades recentes, que foi a coordenação de um novo manual de ensino da língua portuguesa, editado em 2007 pela *Prentice Hall* (pertencente à multinacional *Pearson Education*, o maior grupo editorial de livros de ensino a nível mundial)

e intitulado *Ponto de Encontro: Portuguese as a World Language*. Visto que a ideia centralmente estruturante do projecto de *Ponto de Encontro* foi que o livro oferecesse ferramentas para o ensino e a aprendizagem de qualquer uma das duas variantes principais da língua portuguesa – Português Europeu (PE) e Português do Brasil (PB) – parecia imprescindível que o vídeo que ia acompanhar o manual igualmente se baseasse em materiais visuais e auditivos representativos tanto de PB como de PE. No entanto, o modelo acordado com a editora – a produção do vídeo a partir da filmagem de uma série de entrevistas com falantes de português língua materna, em situações e locais autênticos do seu dia-a-dia típico – apresentava um obstáculo sério à realização deste princípio de representatividade: o orçamento da *Prentice Hall* não previa a possibilidade de financiar a filmagem em mais que um país estrangeiro e, dada esta restrição incontornável e tendo em vista as coordenadas da procura existente no mercado estado-unidense do ensino da língua portuguesa (virado predominantemente para o PB), tal país teria de ser o Brasil e não Portugal. Foi esta a situação delineada no pedido de apoio que dirigi à Fundação Luso-Americana, no qual solicitava fundos para a filmagem de entrevistas com falantes de PE em Lisboa, projecto equivalente ao que a própria editora estava a financiar no Rio de Janeiro. A história tem um final feliz, como tantas outras em que a FLAD tem feito o papel de fada madrinha: o vídeo, com o seu mosaico de vozes e perspectivas culturalmente diversas, abrangendo as duas variantes linguísticas que nele eram verbalizadas por protagonistas oriundos do Brasil, de Portugal e dos países africanos de língua oficial portuguesa, veio a tornar-se um dos elementos mais bem sucedidos e populares do manual *Ponto de Encontro*. E vale a pena mencionar ainda que o alcance e o impacto deste produto têm sido consideráveis: *Ponto de Encontro* é actualmente usado como a principal ferramenta pedagógica por programas de ensino da língua portuguesa em 218 universidades e *colleges* nos Estados Unidos, desde Alabama até Wyoming, assim como em várias instituições do ensino superior fora dos EUA (por exemplo, no Reino Unido e na Nova Zelândia).

Por falar em números, aliás, merece destaque particular – na minha perspectiva pessoal, mas certamente não só – uma iniciativa da Fundação que se situa igualmente na área da promoção do ensino de português nos Estados Unidos (seja como língua estrangeira, seja como língua materna ou segunda) e que foi um dos primeiros empreendimentos da FLAD de que pude tomar conhecimento de forma directa, enquanto ele ainda se encontrava em construção. Refiro-me ao projecto – inserido no âmbito mais amplo do que veio a ser designado como a *Portuguese Language Initiative* da Fundação – de contabilizar e mapear os núcleos da oferta das aulas de língua portuguesa, com os respectivos números de alunos, em todos os níveis e contextos da escolaridade, desde o ensino primário até ao superior, em insituições tanto públicas como privadas, e em todos os estados do país. Tanto quanto me conste, na origem desta iniciativa encontrava-se uma frustração com as (poucas e fracas) estatísticas existentes sobre o ensino do português nos EUA, que demonstravam números de cursos e alunos extremamente baixos e que eram evocadas periodicamente pelas entidades norte-americanas ligadas à área da educação, como a poderosa *College Board*, em jeito de um argumento contra o reconhecimento do português como uma língua estrangeira ou de herança com uma implantação quantitativamente significativa e justificadora, por exemplo, da criação de exames de acesso universitário que certifiquem o seu conhecimento (para uma discussão alargada desta questão remeto para o amplo e utilíssimo relatório da FLAD intitulado “Promoção da Língua Portuguesa no Mundo” e disponível no site da Fundação). O levantamento dos dados sobre a oferta efectivamente existente das aulas de português nos Estados Unidos, a que a FLAD resolveu então proceder para colmatar a referida lacuna foi um esforço (coordenado por António Vicente) sem precedentes na sua dimensão e no seu êxito, cujos resultados – conforme pude apreciar em vários contextos em que estes foram sendo apresentados publicamente desde 2003 – têm vindo a dissipar gradualmente muitos mitos, preconceitos e complexos de inferioridade que persistiam não apenas junto das associações e instituições como a *College Board*, mas também e até sobretudo, na própria

comunidade dos professores, administradores e alunos envolvidos no ensino de português nos EUA. A língua portuguesa era afinal ensinada em muitas mais escolas, liceus e universidades do que anteriormente se acreditava, e os números correspondentes de alunos eram bem mais altos do que os apontados por qualquer outra fonte minimamente fidedigna até à data. O relatório citado acima oferece uma discussão muito bem informada e articulada não apenas dos dados obtidos mediante o referido estudo, mas também das conclusões que deles se poderão tirar para o objectivo mais vasto que o seu título anuncia. Pela minha parte, e valendo-me da experiência de quem já trabalhou como professora de português em quatro universidades norte-americanas, em condições muito variadas (faculdades públicas e privadas, programas com muitos e com poucos alunos, em diversas regiões do país), direi apenas que este tipo de contributo é absolutamente precioso para quem tantas vezes se vê obrigado ou obrigada a justificar a expansão – ou até mesmo a manutenção – do programa de ensino de português no contexto local da sua universidade, faculdade ou departamento. Por esta e por tantas outras razões, fico *with my fingers crossed* – de dedos cruzados, a torcer – para que os próximos vinte e cinco anos da FLAD sejam uma continuação mais que digna do trabalho que a Fundação tem vindo a desenvolver até agora e que deste trabalho continuem também a resultar produtos tão espectacularmente úteis (o que pode parecer uma contradição, mas não é) como o exemplo aqui evocado. ●

António Câmara

PROFESSOR CATEDRÁTICO DA UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA
E PRESIDENTE DA YDREAMS

A FLAD, um Agente de Mudança

ESTUDEI E TRABALHEI NOS ESTADOS UNIDOS da América (EUA) durante dez anos. Estive afiliado com Virginia Tech, Cornell e o MIT, mas lecionei em mais de dez outras universidades. O meu grupo de investigação na Universidade Nova de Lisboa cooperou com várias empresas tecnológicas do *Silicon Valley*.

Sou hoje coordenador do Programa UT Austin-Portugal. Presido também à YDreams, de que fui co-fundador, e que tem presença em Austin, Nova Iorque e San José.

Esta minha extensa experiência americana mudou a minha vida em várias vertentes: como professor, investigador e empreendedor. Passei horas incontáveis nas bibliotecas fantásticas das universidades americanas. Convivi com pessoas que têm transformado o nosso Mundo. Esses americanos partilharam comigo o seu conhecimento, e contagiaram-me com o seu entusiasmo e espírito de aventura.

Infelizmente, durante muitos anos, não houve bibliotecas aceitáveis em Portugal. Apenas com o lançamento da B-ON, já neste século, o problema foi minorado. O nosso ambiente científico tem vindo a mudar, mas viveu, durante anos, numa indisfarçável letargia. Sempre desejei que os meus estudantes em Portugal também pudessem experimentar esse mundo diferente.

Foi através da FLAD, que oitenta dos meus estudantes obtiveram bolsas para estágios, mestrados e doutoramentos nas melhores universidades e empresas americanas. As vidas deles mudaram.

Mas o impacto social dessas mudanças existenciais é bem mais significativo. Alguns dos estudantes são hoje docentes nas nossas principais

universidades contagiando centenas de estudantes. Outros trabalham e ajudam a mudar instituições públicas e privadas em Portugal. Alguns permaneceram no estrangeiro, como docentes e investigadores, ajudando a criar uma rede de conhecimento internacional que é útil aos que cá ficaram.

Mais de duas dezenas de ex-bolseiros da FLAD trabalham comigo na YDreams. As bolsas da Fundação deram-lhes padrões de qualidade internacionais que ajudam a empresa a competir em qualquer canto do Mundo.

A ajuda que recebi da FLAD não se limitou à concessão de bolsas a estudantes. Permitiu-me organizar conferências com impacto global como a “Spatial Multimedia and Virtual Reality” em 1995, onde se apresentou um precursor do que é hoje o Google Earth. Ajudou-me a organizar conferências mais recentes sobre cidades criativas. Nessas conferências, autarcas e investigadores universitários contactaram com experiências pioneiras em Austin e em várias outras cidades e vilas americanas.

Foi também a FLAD que apoiou, no seu início, um dos projectos que ajudou a mudar Portugal e em que tive a honra de participar: o Sistema Nacional de Informação Geográfica (SNIG). O SNIG foi a primeira infraestrutura de informação espacial na Internet a nível Mundial. Foi também um agente decisivo na digitalização cartográfica nos municípios e outros órgãos administrativos Portugueses.

A FLAD nunca foi para mim uma entidade abstracta. Os meus primeiros contactos foram o Correia de Campos e a Idalina Salgueiro. Mais tarde Charles Buchanan, foi o meu principal interlocutor. Em inúmeras ocasiões, reuni também com Rui Machete. A todos eles e à FLAD os meus agradecimentos, os parabéns pelo 25º aniversário, e os desejos de uma existência eterna. ●

António Costa Pinto

PROFESSOR CATEDRÁTICO DO INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

25 Anos: A Juventude da FLAD

A CRIAÇÃO DA FLAD coincidiu com uma viragem positiva no meu percurso académico nos anos 80, e foi mesmo decisiva para ele. Era ainda estudante de Doutoramento no Instituto Universitário Europeu, quando aquele que eu pensava que iria ser o meu orientador de tese, o politólogo Philippe S. Schmitter, abandonou o IUE pela Universidade de Stanford. Acabei por ter necessariamente outro orientador em Florença, mas ficou desde logo assente que iria para Stanford no terceiro ano do meu curso de doutoramento, o que acabou por acontecer em 1988, graças à FLAD. Alguns anos mais tarde, recém-doutorado tive a oportunidade de voltar a Stanford, como Professor Visitante, graças a um programa de cooperação da FLAD com o *Institute of International Studies* daquela Universidade, por onde passaram mais Professores portugueses.

A partir daí, cruzei-me sistematicamente com a Fundação, e nem sempre por causa do meu percurso académico, mas em acções com as quais tive o prazer de colaborar. Ainda estava em Stanford em 1989, quando um Professor da Universidade da Califórnia-Berkeley, Richard Herr, me falou de uma oferta (rara) de alguns milhões de dólares de um luso-americano a esta Universidade, mas que devido a problemas do testamento deste, estava inerte há alguns anos. Aproveitando uma visita do Dr. Rui Machete, a FLAD iniciou então uma frutuosa colaboração com Berkeley, que finalmente desbloqueou uns dos programas de maior sucesso para portugueses e luso-descendentes numa universidade norte-americana. Alguns anos depois, ensinando no EUA como

Professor Visitante e dando um curso sobre Política Europeia Contemporânea, não conseguia recomendar um único livro em inglês sobre Portugal aos meus alunos. Nasceu assim um “reader” intitulado *Modern Portugal*, cuja tradução para inglês foi patrocinada pela Fundação. Os exemplos poderiam prosseguir, mas qualquer outro académico português próximo de instituições científicas e universitárias norte-americanas terá certamente muitos outros. O que me parece importante salientar nestes 25 anos da FLAD é o seguinte:

- A Fundação procurou a flexibilidade e rapidez na decisão, complementada pela capacidade de abrir e fechar programas, umas vez cumpridos os objectivos, que parecem ser uma das melhores características da “cultura FLAD”: pouca rigidez, programas diversificados.
- Manteve-se uma pequena fundação pelo fundo que a sustenta, infelizmente pequeno em comparação com outras suas congéneres. Mas soube multiplicar e concentrar a sua acção por ter assumido a sua função de apoio à sociedade civil e às instituições científicas, económicas e culturais para intercâmbio com as correspondentes norte-americanas.

Muito haverá certamente a melhorar, fundo ajude, mas a flexibilidade e o estímulo-incentivo à relação bilateral Portugal-EUA, por interpostas instituições terceiras, foram certamente o melhor que a FLAD ofereceu à sociedade portuguesa. ●

António Gomes de Pinho

PRESIDENTE DO CONSELHO DE FUNDAÇÕES DA FUNDAÇÃO DE SERRALVES

Depoimento

A HISTÓRIA DE SERRALVES ESTÁ INTIMAMENTE ASSOCIADA à Fundação Luso-Americana.

Enquanto Membro do Grupo inicial de Fundadores de Serralves, a FLAD deu um importante contributo financeiro e designou um seu representante no Conselho de Administração – Bernardino Gomes – que depois assumiu a Vice-Presidência e deixou uma forte marca na história da instituição.

Por outro lado, a decisão da FLAD de depositar em Serralves uma parte importante da sua colecção de desenhos, por um longo período recentemente renovado, constitui um importante activo para o programa expositivo do jovem Museu.

Como resultado da estreita cooperação entre as duas instituições, que se manteve ao longo destes 20 anos de existência de Serralves, podem assinalar-se múltiplas iniciativas realizadas em diversas cidades portuguesas que possibilitaram a difusão da obra de alguns dos mais relevantes artistas contemporâneos portugueses.

No momento em que a FLAD completa 25 anos sob a Presidência de Rui Machete é de inteira justiça sublinhar a importância da sua acção.

A sua sensibilidade, cultura, independência e rigor, imprimiram à FLAD, desde a sua criação, uma imagem de respeitabilidade e capacidade de intervenção em diversas áreas, da cultura à ciência ou à economia, que fazem dela um exemplo.

Tenho tido oportunidade de o confirmar, em Portugal e no estrangeiro e nomeadamente nos Estados Unidos, onde a sua acção é muito considerada e tem contribuído para divulgar a nossa cultura, valorizar a nossa comunidade e defender os nossos interesses estratégicos. ●



António Rendas

REITOR DA UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA
E PRESIDENTE DO CONSELHO DE REITORES

A Aprendizagem Baseada em Problemas (Problem-Based Learning) Aplicada à Educação Médica: O Que Ficou Vinte Anos Depois?

FAZ ESTE MÊS DE SETEMBRO VINTE ANOS que se realizou na FLAD um seminário intitulado: “Método de resolução de problemas”, a que se seguiu outro sobre ensino tutorial.

No folheto de divulgação do evento podia ler-se o seguinte:

“Numa altura em que se encontra em marcha uma grande renovação do ensino médico a nível mundial, veiculada para Portugal através de iniciativas da Faculdade de Ciências Médicas, é necessário estimular o desenvolvimento de uma «massa crítica» de docentes capazes de executar e fornecer-lhes os instrumentos de intervenção.

O método de resolução de problemas permite o ensino de conhecimentos, aptidões e atitudes por meio do seu relacionamento com situações concretas da actividade médica (informações de índole clínica).

Esta metodologia, que pode ser aplicada a todas as áreas da formação médica, foi utilizada no ensino da Fisiopatologia na Faculdade de Ciências Médicas, com base no modelo proposto numa publicação de H.S. Barrows: *How to design a problem-based curriculum for the pre-clinical years*.

A partir da experiência adquirida e em colaboração com o grupo do Professor H. S. Barrows do *Department of Medical Education da Southern Illinois University School of Medicine*, pretende-se divulgar o método de resolução de problemas nas Faculdades de Medicina Portuguesas e fomentar a sua introdução nos programas de ensino pré e pós graduados.”

De acordo com o programa, os objectivos do primeiro seminário eram os seguintes:

“Descrição geral do método; reflexões sobre o modo como peritos raciocinam, construções dos problemas e suas aplicações.

Exemplificação do método com especial ênfase para o papel dos docentes. Análise do modo como os problemas são escolhidos e também outros métodos de ensino com simulações. Critérios de avaliação. Construção de planos de estudos baseados no método de resolução de problemas.”

O segundo seminário tinha como objectivos:

“Análise das competências dos docentes na aplicação do método, apresentação dos problemas construídos pelos docentes e sua análise com vista às aplicações no ensino.”

Em 1990 a educação médica em Portugal era um tema muito debatido em congressos e colóquios, fruto da erudição e da experiência de figuras líderes da nossa medicina. Os debates situavam-se a dois níveis: a] Análise dos grandes princípios da educação médica como base para a reforma do ensino médico em Portugal.

b] Transmissão de experiências nacionais e internacionais, sobretudo na área da didáctica e quase sempre centradas em temas relacionados com o ensino de uma área científica biomédica ou de uma especialidade.

Os progressos realizados na altura foram importantes, graças ao prestígio dessas figuras, dentre as quais me permito citar o Professor Joaquim Pinto Machado.

O movimento envolveu também jovens médicos que, na qualidade de docentes universitários, tinham de efectuar as provas de aptidão pedagógica e capacidade científica como o primeiro passo da carreira académica. Neste contexto, muitos passaram a estar mais atentos às questões da educação médica e alguns vieram a dar contributos importantes no futuro.

Em 1990 falar de *problem-based learning* estava na moda! Ainda hoje gosto de apresentar o tema utilizando o título de um artigo que lhe chama ... *a coat of many colours*. Como tudo o que é inovador o tema era, e ainda hoje é, polémico. No entanto o PBL, como todos lhe chamamos, baseia-se em princípios simples de enunciar e relacionados com a maneira como se aprende na idade adulta.

Howard Barrows, um dos fundadores do método, define actualmente da seguinte forma os aspectos essenciais do PBL, na sua aplicação à educação médica, e passo a citar:

1. *Students must have responsibility for their own learning.*
2. *The problem-simulations used in problem-based learning must be ill-structured and allow for free inquiry.*
3. *Learning should be integrated from the wide range of disciplines that are related to understanding and treating patient problems are basic to the science of medicine.*
4. *Collaboration is essential.*
5. *What students learn during their self-directed learning must be applied back to the problem with reanalysis and resolution.*
6. *A closing analysis of what has been learned from the work with the problem and a discussion of what concepts and principles have been learned is essential.*
7. *Self and peer assessment should be carried out at the completion of each problem and at the end of every curricular unit.*
8. *Continual opportunity must be provided for clinical skills to be learned.*
9. *The sequence of activities carried out in problem-based learning, and problems employed in problem-based learning, must accurately reflect medical practice.*
10. *Student examinations must measure student progress towards the goals of problem-based learning.*
11. *Problem-based learning must be the pedagogical base in the curriculum and not a part of a didactic curriculum.*

No final da década de 80, desloquei-me à *Southern Illinois University School of Medicine* para conhecer e aprender esta metodologia com Barrows e o seu grupo. Fiquei convencido da sua utilidade e procurei aplicá-la na Faculdade de Ciências Médicas. Contudo, como quase sempre acontece, a complexidade da execução correcta de um método é muito maior do que a simplicidade dos princípios que o fundamentam.

Os dois seminários, realizados em 1990, tiveram uma participação alargada de docentes universitários das várias Escolas Médicas nacionais, e foram de carácter eminentemente prático. Mais do que discutir os fundamentos, Barrows e os seus colaboradores demonstraram como se ensinava e como se aprendia utilizando o PBL, aplicando a metodologia numa turma de estudantes da Faculdade de Ciências Médicas.

Em 2010 existem em Portugal mais duas Escolas Médicas, nas Universidades do Minho e da Beira Interior, e foram criados mais dois cursos de medicina, nas Universidades do Algarve e de Aveiro. Nestes últimos dois casos com apoio das Universidades Nova de Lisboa e do Porto, respectivamente.

Estas iniciativas das universidades públicas, que tiveram o apoio governamental através de uma comissão de peritos nacionais e internacionais, foram inicialmente desencadeadas pela deficiente produção de licenciados por parte das faculdades de medicina existentes. A ausência de jovens médicos, associada à saída da profissão de médicos em idade passível de reforma, tem originado dificuldades na prestação de cuidados médicos nalgumas especialidades e em algumas regiões do País.

Não pretendo fazer aqui uma análise do que se passou nestas duas décadas e muito menos das implicações futuras das decisões tomadas. Esse debate está por fazer em Portugal.

Contudo, quando observo a maneira como a Medicina é ensinada nas escolas médicas existentes e nas novas escolas, verifico, em todas elas, grandes mudanças nos métodos de ensino. Embora numa visão puramente pessoal, considero que o PBL influenciou muitos dos excelentes projectos inovadores actualmente em curso, do Minho ao Algarve. Há que lhes dar tempo e espaço e depois avaliar os resultados.

Sem ter a ousadia de pensar que os dois seminários dedicados à prática do PBL, realizados em 1990 na FLAD, “converteram” alguém, estou convencido que contribuíram para “inquietar” mentalidades, passo essencial para a inovação e para a mudança.

Essa é também a minha visão do papel que a FLAD tem desempenhado, com grande impacto e sucesso, na sociedade portuguesa. ●

António Vaz Carneiro

MÉDICO E PROFESSOR DA FACULDADE DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

A FLAD como Agente de Intercâmbio Científico

A GLOBALIZAÇÃO DA ECONOMIA apareceu bem depois da globalização da ciência. De facto, o corpo de princípios a que chamamos “Ciência” teve desde sempre a característica de ser universal e não restrita a determinadas culturas ou instituições.

Vem esta introdução a propósito de duas das facetas mais importantes do mundo científico – a criação científica propriamente dita e a sua comunicação subsequente. Ora são estes aspectos que, para além doutros, têm sido apanágio da Fundação Luso-Americana desde a sua criação.

Com efeito, teve sempre a FLAD como prioridade o apoio directo ou indirecto aos cientistas e investigadores (para além dos cultores das artes e humanidades, que não discutirei neste curto texto). Lembro muito bem a importância que para mim teve a atribuição de uma bolsa de estudo, em meados dos anos 80, que me permitiu terminar uma longa formação pós-graduada e de investigação em medicina na Universidade da Califórnia-San Francisco.

São estas acções – que parecem simples e de pouca monta – que nos marcam profundamente, muitas vezes porque nos permitem eliminar a distância que separa o sonho da sua realização. Ao tornarmo-nos bolseiros da FLAD atingimos normalmente um objectivo que dificilmente atingiríamos sem a ajuda da Fundação e, nesse sentido, ficamos-lhe para sempre devedores.

Mas para além deste suporte à produção científica, tem-se também a FLAD notabilizado pela capacidade de promover a comunicação em ciência, através das muitas iniciativas desenvolvidas durante os últimos

vinte e cinco anos. Quem não lembra com prazer alguns dos intervenientes em sessões e *workshops* incidindo sobre as mais variadas temáticas, dos oceanos à medicina, do clima à política (para só citar alguns)?

A existência na sociedade de instituições como a FLAD fazem-nos acreditar que a organização social portuguesa é bem mais evoluída e justa do que as aparências possam fazer crer e abrem horizontes de desenvolvimento e cultura inatingíveis de outra forma.

O sucesso muito especial e o lugar particular que a FLAD ocupa no panorama académico, social e cultural no nosso País são devidos a uma visão única dos seus corpos dirigentes que, através deste quarto de século, souberam levar este barco a bom porto, sempre tendo em conta os superiores interesses dos cidadãos.

Parabéns FLAD e agora vamos aos próximos 25 anos! ●



Augusto Medina

PRESIDENTE DA SPI

Depoimento

AO CELEBRAR 25 ANOS DE EXISTÊNCIA a FLAD pode orgulhar-se de um notável contributo para o desenvolvimento económico e social de Portugal, numa perspectiva de um relacionamento internacional aberto, capaz de reforçar laços históricos da maior relevância.

Tive o privilégio de ter os primeiros contactos com a Fundação em 1986 e de ter podido manter tais contactos, sem interrupções, até agora.

Em 1986 estava a dar os primeiros passos a Escola Superior de Biotecnologia da Universidade Católica Portuguesa (ESB), instituição que dirigia desde o início das suas actividades em 1984. A matriz da Escola apontava claramente para uma perspectiva internacional dos seus programas de ensino, investigação e serviços às empresas. A aposta numa ligação forte às realidades europeias surgiu, logo a partir de 1984, tendo sido possível recorrer a fundos de pré-adesão para a sua concretização. Era, no entanto, claro que no sector de Biotecnologia e, nomeadamente, nos domínios da Ciência e Engenharia Alimentar, as realidades norte-americanas se constituíam como referências únicas. A Universidade da Califórnia em Davis, a Universidade da Florida em Gainesville, a Universidade de Wisconsin em Madison, a Universidade de Cornell em Ithaca, representavam na ocasião, bem como hoje, instituições de referência, com visões estratégicas de longo alcance e com programas de ensino, investigação e extensão universitária líderes a nível mundial.

A FLAD acreditando que a ESB poderia saber tirar partido do estabelecimento de ligações estreitas com as realidades norte-americanas e, nomeadamente, com as universidades referidas, arriscou na aprova-

ção de um orçamento, na ocasião avultado e hoje, porventura, considerado modesto, cerca de 200 mil contos (um milhão de euros), capaz de financiar intercâmbios de alunos de licenciatura, intercâmbio de docentes, realização conjunta de projectos de investigação, realização de programas de doutoramento, etc. No quadro deste projecto realizaram-se, durante vários anos, dezenas, eu atrevo-me a dizer centenas, de iniciativas, só possíveis com o empenhado envolvimento de um conjunto de distintos professores e investigadores norte-americanos e do nosso compatriota António Moreira.

O impacto da aposta forte da FLAD e o seu assumir de risco influenciaram decisivamente toda a fase inicial das realidades da ESB e quiçá o seu desenvolvimento até aos dias de hoje.

Em 1996, apresentei à FLAD a criação de um novo projecto de empresa, a Sociedade Portuguesa de Inovação (SPI), tendo como missão a gestão de projectos de fomento da Inovação e de promoção da internacionalização, recorrendo, sempre que necessário, à criação de parcerias estratégicas. Na ocasião, a Inovação como conceito estruturado capaz de contribuir de uma forma visível para a competitividade das empresas e organizações estava a dar os primeiros passos; o “Livro Verde sobre a Inovação” tinha sido publicado pela Comissão Europeia no ano anterior.

Foi com grande satisfação que pude constatar o apoio empenhado da FLAD a este projecto, o que se veio a traduzir na sua participação na estrutura accionista da empresa, juntando-se assim à Arsopi, BPI, Grupo Violas, Lactogal e Sogrape. Como sócia da SPI a FLAD esteve sempre disponível para acompanhar, encorajar e contribuir para o desenvolvimento da estratégia da empresa, com especial relevo para as suas ligações aos EUA. Estas ligações começaram a consolidar-se através da criação, em 1999, da empresa de direito norte-americano, SPI USA, detida pela SPI.

Em 2000 a continuada ligação da SPI e da sua filial SPI USA à FLAD possibilitou a realização de uma reflexão sobre as realidades da Inovação e do Empreendedorismo em Portugal, tendo por base as políticas, programas e iniciativas mais marcantes da realidade norte-americana. No trabalho realizado, em Portugal e nos EUA, foi possível contactar

com pessoas e entidades de grande qualidade; foi possível, neste contexto, conhecer o *Babson College*, localizado em Boston e o projecto *Global Entrepreneurship Monitor (GEM)*, que tinha sido iniciado em 1997, com o objectivo de estudar, em diferentes países e regiões, a relação entre o nível de actividade empreendedora e o desenvolvimento económico e social.

Foi no auditório da FLAD, numa sessão em que participou por videoconferência o Prof. William Bygrave do *Babson College*, que nos foi lançado o desafio da realização do estudo *GEM* em Portugal.

A FLAD apoiou desde logo a iniciativa, o que veio a permitir realizar o relatório *GEM Portugal 2001* e, em seguida, os relatórios *GEM Portugal 2004* e *2007*; no ano corrente será realizado o *GEM Portugal 2010*, que contará novamente com o apoio da FLAD.

Não podemos deixar de registar como decisivo o papel da FLAD na introdução em Portugal de um instrumento de análise e reflexão sobre as realidades do empreendedorismo, que é amplamente reconhecido como da maior relevância. Os relatórios *GEM* são hoje relatórios de referência em Portugal sobre a temática do empreendedorismo, contribuindo de forma relevante para o desenvolvimento desta tão importante realidade em Portugal, durante a última década.

As referências feitas, a par de várias outras que poderiam ser evidenciadas, mostram bem o espírito da FLAD, a sua disponibilidade para correr riscos, a capacidade de ouvir e decidir de forma célere, fazendo escolhas e contribuindo de forma decisiva para a viabilização, em tempo oportuno, de iniciativas inovadoras.

Durante mais de duas décadas visitei as instalações da FLAD dezenas de vezes, tendo habitualmente como meu interlocutor o Senhor Dr. Fernando Durão. Não posso deixar de registar o meu enorme apreço pelo trabalho que tem desenvolvido na FLAD, pela atenção com que sempre atendeu as minhas solicitações e pelas extensas horas do seu tempo durante as quais, depois de fecharmos ao fim de alguns minutos o assunto que me levava lá, se disponibilizava para partilhar acertadas e esclarecidas ideias e visões sobre as realidades do nosso País.

A FLAD que eu conheço, tem sido também muito marcada pela personalidade de Charles Buchanan, que eu sempre encontro com enorme prazer e que é um verdadeiro amigo de Portugal e dos portugueses.

O Senhor Dr. Rui Machete marcou de forma indiscutível a personalidade da Fundação, que é hoje, passados vinte e cinco anos, uma instituição da maior dignidade, amplamente reconhecida no País e no estrangeiro. A sua forma discreta e eficaz de actuação produziu resultados notáveis, que eu tive a sorte de conhecer, acompanhar e muito admirar. ●

Avelino de Freitas de Meneses

REITOR DA UNIVERSIDADE DOS AÇORES

Depoimento

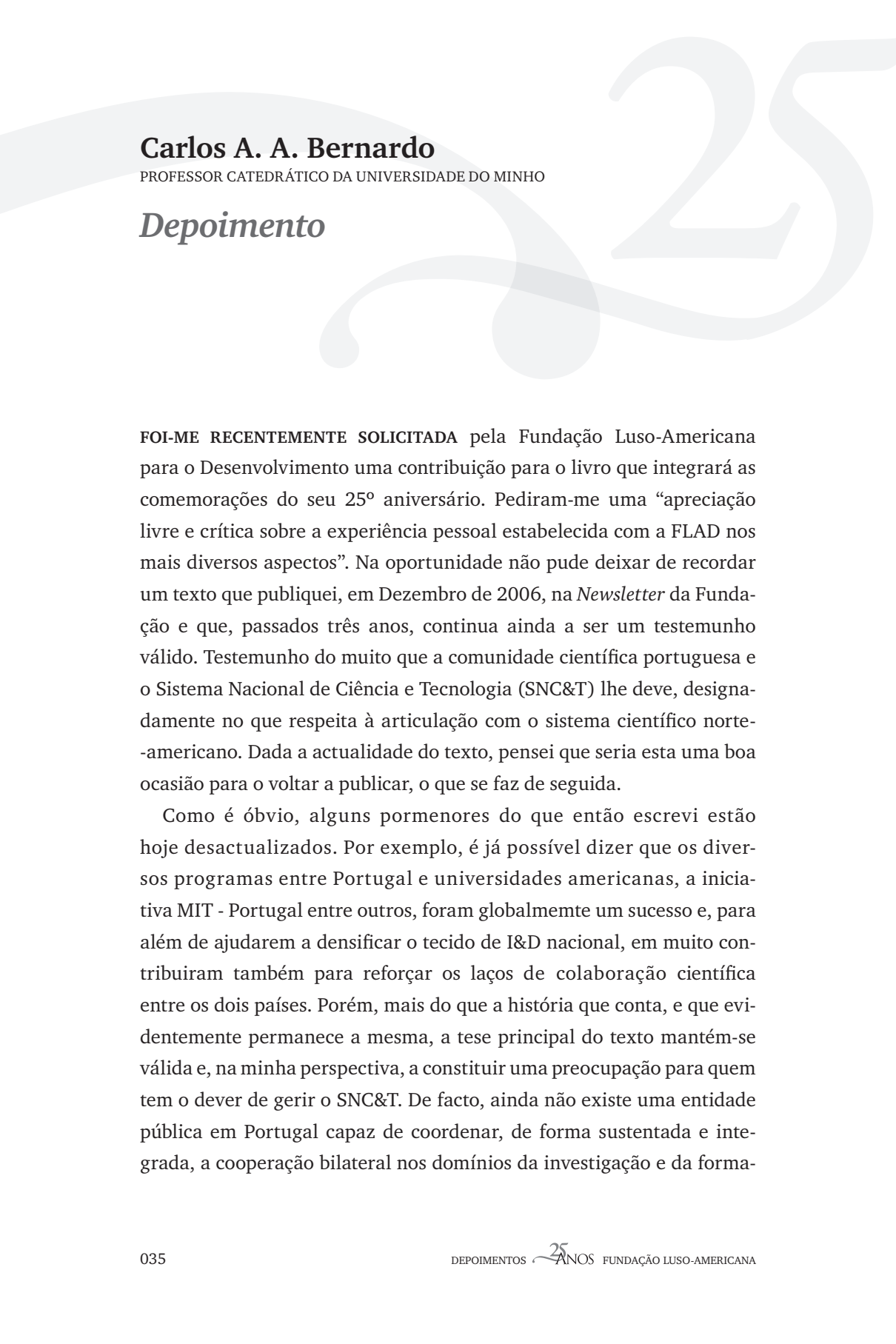
NO ADVENTO DA MODERNIDADE, a expansão marítima dos portugueses faculta o conhecimento do mar, sobressaindo a chegada à Índia e ao Extremo Oriente e a exploração sistemática do Atlântico, que motiva o achamento da América. Após o declínio do império oriental, primeiro a preponderância do Brasil e depois o investimento em África definem o semblante de Portugal, que durante séculos luta pela salvaguarda da condição de potentado do Atlântico. É precisamente nas margens deste vasto oceano que, no termo do século XVIII, emerge uma nova nação – os Estados Unidos da América do Norte – depressa convertida em primeira potência do Ocidente, quicá de todo o Mundo. Pelo menos por duas vezes, no decurso das guerras mundiais do século XX, os norte-americanos asseguram a liberdade da Europa. Nas relações euro-americanas, Portugal desempenha um papel crucial; por força de uma emigração, que contribui para a estruturação social dos Estados Unidos; por força também de uma função estratégica, muito centrada na utilização dos Açores, que contribui para a projecção externa do poderio dos Estados Unidos. Nestas circunstâncias, facilmente se depreende que a amizade dos povos e a cooperação dos governos caracterizam o relacionamento luso-americano.

Um passado de solidariedade, um presente de entendimento e um futuro previsivelmente auspicioso na relação bilateral justificam, há 25 anos atrás, a criação da Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento. Ao cabo de todo este tempo, o balanço é naturalmente positivo, porque traduzido em acréscimo de cooperação entre Portugal e os Esta-

dos Unidos. Além disso, na estrita perspectiva portuguesa, avulta a concretização de uma infinidade de projectos, sobretudo sócio-culturais, que contribuem, nalguns casos decisivamente, para a ilustração dos indivíduos e da própria sociedade.

Na correspondência entre Portugal e os Estados Unidos, os Açores jogam um papel determinante, cuja visibilidade resulta da permanência militar norte-americana na base das Lajes, da ilha Terceira, desde o termo da 2ª Guerra Mundial. Nestas circunstâncias, os açorianos sempre exigiram que a acção da FLAD contemplasse especialmente o arquipélago, em tributo pela prestação de facilidades militares aos norte-americanos. Em muitos casos, até se propôs que a Fundação assumisse encargos da esfera do Estado. Não raras vezes, imperou a crítica, perante a propalada secundarização das ilhas nos programas de investimento da FLAD. Mais recentemente, melhorou muito a imagem da Fundação nos Açores, talvez que em virtude da realização de maiores gastos, mas também em consequência da colocação de maior cuidado na comunicação com os poderes, as instituições e os indivíduos.

Nos 25 anos de existência da FLAD, a Universidade dos Açores beneficiou, entretanto, de um apoio constante a programas de investigação e de desenvolvimento e a acções de formação de quadros, que justifica reconhecimento. A Fundação é, por isso, um dos parceiros estratégicos da instituição universitária açoriana, de quem se aguarda pela continuidade de uma cooperação proveitosa, que decerto não irá cessar. ●



Carlos A. A. Bernardo

PROFESSOR CATEDRÁTICO DA UNIVERSIDADE DO MINHO

Depoimento

FOI-ME RECENTEMENTE SOLICITADA pela Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento uma contribuição para o livro que integrará as comemorações do seu 25º aniversário. Pediram-me uma “apreciação livre e crítica sobre a experiência pessoal estabelecida com a FLAD nos mais diversos aspectos”. Na oportunidade não pude deixar de recordar um texto que publiquei, em Dezembro de 2006, na *Newsletter* da Fundação e que, passados três anos, continua ainda a ser um testemunho válido. Testemunho do muito que a comunidade científica portuguesa e o Sistema Nacional de Ciência e Tecnologia (SNC&T) lhe deve, designadamente no que respeita à articulação com o sistema científico norte-americano. Dada a actualidade do texto, pensei que seria esta uma boa ocasião para o voltar a publicar, o que se faz de seguida.

Como é óbvio, alguns pormenores do que então escrevi estão hoje desactualizados. Por exemplo, é já possível dizer que os diversos programas entre Portugal e universidades americanas, a iniciativa MIT - Portugal entre outros, foram globalmente um sucesso e, para além de ajudarem a densificar o tecido de I&D nacional, em muito contribuíram também para reforçar os laços de colaboração científica entre os dois países. Porém, mais do que a história que conta, e que evidentemente permanece a mesma, a tese principal do texto mantém-se válida e, na minha perspectiva, a constituir uma preocupação para quem tem o dever de gerir o SNC&T. De facto, ainda não existe uma entidade pública em Portugal capaz de coordenar, de forma sustentada e integrada, a cooperação bilateral nos domínios da investigação e da forma-

ção avançada com as entidades responsáveis dos Estados Unidos, designadamente a *National Science Foundation*. E esta é uma grave lacuna que só a FLAD tem suprido e continuará a suprir.

Por isso, é da mais elementar justiça dar os parabéns à FLAD pelos seus 25 anos de vida e desejar-lhe que continue, por muitos mais anos, a sua profícua actividade!

FUNDAÇÃO LUSO-AMERICANA: UMA VERDADEIRA LIGAÇÃO TRANSATLÂNTICA

Carlos A. A. Bernardo, in FLAD Newsletter nº9, série 2, Dezembro de 2006

“O meu primeiro contacto com a Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento aconteceu há quase 20 anos. Na altura, o Departamento de Engenharia de Polímeros, de que era responsável, estava a tentar afirmar-se numa área científica que acreditava ser da maior relevância para o país, mas que não era ainda reconhecida como tal. Por exemplo, tinha sido recusada uma bolsa importante para a formação de um jovem colega, com o argumento que *a extrusão de polímeros não seria um tema suficientemente científico para justificar um doutoramento*. Esta falta de reconhecimento dificultava também a aquisição dos equipamentos necessários a um ensino experimental minimamente digno, capaz de formar os quadros de que a indústria precisava. Foi então que, em Julho de 1986, na sequência de um processo de candidatura e aprovação exemplarmente rápido, a Fundação nos concedeu um financiamento de 33 mil contos (cerca de 165 000 euros!), que permitiu consolidar a investigação e a formação avançada e adquirir um conjunto coerente de equipamentos. A quanto equivaleria esse financiamento hoje? E, sobretudo, como contabilizar a importância do voto de confiança num departamento emergente, ainda sem resultados significativos para mostrar?

Foi a capacidade de tomar decisões arriscadas, com um mínimo de burocracia, mas com visão e eficácia, a primeira impressão que retive dos meus contactos com a FLAD. Uns anos depois, já na década de noventa,

estivemos envolvidos, com outras instituições científicas portuguesas, num Programa de Intercâmbio Internacional sobre Materiais e Processos de Manufatura Avançados (*Advanced Materials and Manufacturing: International Outreach Program*), desenvolvido pela Fundação em articulação com a, então, Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica e a Universidade de Lehigh. Com este programa estruturou-se a cooperação científica com os Estados Unidos, possibilitou-se o intercâmbio de professores e disponibilizaram-se bolsas de pós-graduação numa área estratégica para Portugal. Nunca até então tinha existido um programa como este, que permitiu aos universitários portugueses ter acesso, de forma sistemática, aos conhecimentos e boas práticas de uma universidade americana de referência. Embora restrito a uma só área temática, considerando a dimensão da comunidade científica de então, os financiamentos que disponibilizou e a absoluta novidade da sua concepção, o programa teve, na altura, um enorme impacto.

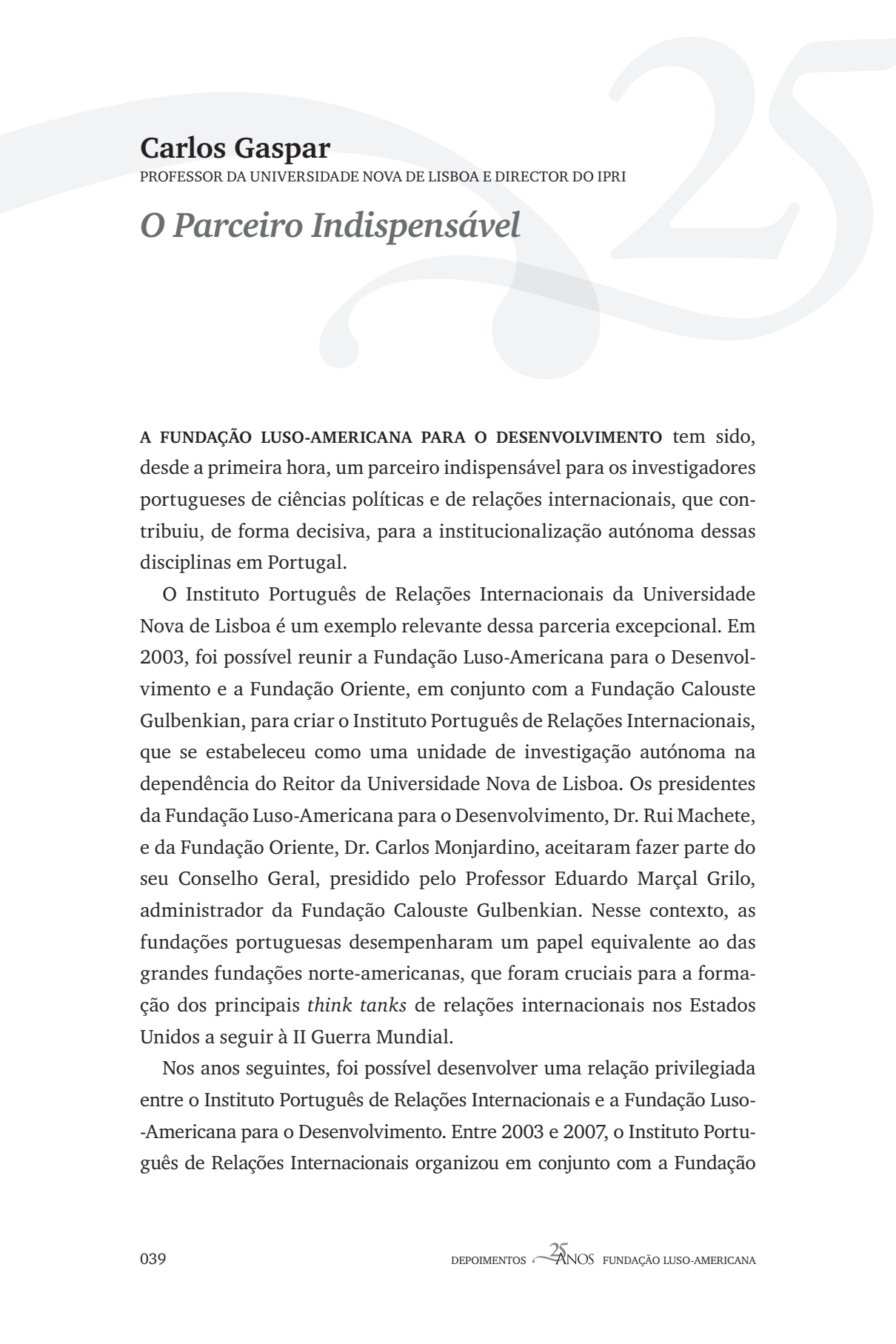
Passada mais uma década, a FLAD tem apoiado uma parceria entre o Departamento e a Universidade de Clemson, que implementou uma série de *workshops*, em Portugal e nos Estados Unidos, que visam analisar a melhor forma de transferir para a prática industrial os desenvolvimentos mais recentes do processamento e aplicações de polímeros. Com estes *workshops*, co-financiados pela *National Science Foundation*, foi possível juntar empresas, universidades e instituições de I&D dos dois países, promovendo a inovação e a transferência de tecnologia. Mais uma vez foi evidente a capacidade da FLAD avaliar rapidamente o potencial de novas ideias e novas formas de cooperação internacional e assumir o risco de as financiar sem demasiadas exigências burocráticas. Para além destes episódios principais, têm sido também apoiadas, ao longo dos anos, acções pontuais de docentes e investigadores do Departamento envolvendo os Estados Unidos.

Esta visão, obviamente focada num só departamento e numa experiência específica, poderia facilmente ter sido estendida a outros departamentos e outras experiências se tivessem sido outros a escrever este texto. Tudo isto já seria, em si mesmo, suficiente para demonstrar a

importância que a Fundação Luso-Americana teve no desenvolvimento de alguns dos actores mais dinâmicos do sistema científico e tecnológico nacional. Porém, o aspecto mais importante, que só indirectamente foi referido no texto, é que, sem a Fundação, não existiria nenhuma entidade em Portugal capaz de apoiar, de forma sustentada e integrada, a cooperação nos domínios da investigação e da formação avançada com os Estados Unidos. Esta lacuna crónica é, no mínimo, estranha, dada a importância que este país tem no panorama científico internacional. E as suas consequências são muito negativas. De facto, por vezes investigadores portugueses são convidados para projectos conjuntos com os seus colegas americanos e têm de declinar por não existir maneira de garantir as contrapartidas nacionais. Isto sem esquecer a actividade de outras entidades, quer oficiais, quer a Fundação Fulbright, que já enquadraram certos tipos de acções de cooperação. Porém, nenhuma dessas instituições teve, até agora, uma actividade com abrangência, dimensão financeira e duração equivalentes às da FLAD.

Por tudo isto, numa altura em que se preparam novos programas de cooperação científica no âmbito da iniciativa Portugal – MIT, é essencial, por razões de simples gratidão e operacionalidade, não esquecer o papel histórico da FLAD, saber aproveitar o seu capital de experiência e conhecimento da comunidade científica americana e poder conjugar as novas fontes de financiamento com os apoios complementares e tematicamente dirigidos que a Fundação concede.

Só assim conseguiremos ultrapassar a crónica fatalidade nacional de repetir ciclicamente a história por persistentemente a ignorarmos”. ●



Carlos Gaspar

PROFESSOR DA UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA E DIRECTOR DO IPRI

O Parceiro Indispensável

A FUNDAÇÃO LUSO-AMERICANA PARA O DESENVOLVIMENTO tem sido, desde a primeira hora, um parceiro indispensável para os investigadores portugueses de ciências políticas e de relações internacionais, que contribuiu, de forma decisiva, para a institucionalização autónoma dessas disciplinas em Portugal.

O Instituto Português de Relações Internacionais da Universidade Nova de Lisboa é um exemplo relevante dessa parceria excepcional. Em 2003, foi possível reunir a Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento e a Fundação Oriente, em conjunto com a Fundação Calouste Gulbenkian, para criar o Instituto Português de Relações Internacionais, que se estabeleceu como uma unidade de investigação autónoma na dependência do Reitor da Universidade Nova de Lisboa. Os presidentes da Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento, Dr. Rui Machete, e da Fundação Oriente, Dr. Carlos Monjardino, aceitaram fazer parte do seu Conselho Geral, presidido pelo Professor Eduardo Marçal Grilo, administrador da Fundação Calouste Gulbenkian. Nesse contexto, as fundações portuguesas desempenharam um papel equivalente ao das grandes fundações norte-americanas, que foram cruciais para a formação dos principais *think tanks* de relações internacionais nos Estados Unidos a seguir à II Guerra Mundial.

Nos anos seguintes, foi possível desenvolver uma relação privilegiada entre o Instituto Português de Relações Internacionais e a Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento. Entre 2003 e 2007, o Instituto Português de Relações Internacionais organizou em conjunto com a Fundação

Luso-Americana para o Desenvolvimento uma conferência internacional anual sobre as relações entre os Estados Unidos, a Europa e Portugal nas suas múltiplas dimensões, como a ordem internacional, a transição para a democracia, a segurança no Atlântico Sul e a África Austral. Essas conferências, que foram organizadas por Manuela Franco e Luís Nuno Rodrigues, puderam contar com a presença de personalidades oficiais, incluindo o Presidente da República Portuguesa, os Primeiros-Ministros, os Ministros dos Negócios Estrangeiros e os Ministros da Defesa de Portugal e de Cabo Verde. As conferências reuniram numerosos investigadores, diplomatas e militares, tanto norte-americanos, incluindo Herbert Okun, Philip Gordon, Kenneth Maxwell, Charles Kupchan, Piero Gleijeses, Gerald Bender, Evan Medeiros, Eusebio Mujal-León, John Harper e o General J. Scott Gration, como portugueses, incluindo José Medeiros Ferreira, António Telo, Manuel Valentim Alexandre, Manuel de Lucena, Luis Salgado de Matos, António Nogueira Leite, Nuno Severiano Teixeira, Carlos Costa, António Costa Pinto, Vasco Rato, João Marques de Almeida, Fernando Andersen Guimarães, o Almirante Fernando Melo Gomes e os Embaixadores João Hall Themido, António Monteiro, José Cutileiro, Leonardo Mathias, José Luis Gomes, Francisco Ribeiro Telles e Nuno Brito.

As cinco conferências anuais realizadas pelo Instituto Português de Relações Internacionais e pela Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento contaram ainda com a participação dos principais especialistas académicos nas relações entre os Estados Unidos, a Europa e África, como Norrie McQueen, Manuel Ennes Ferreira, Ricardo Soares de Oliveira, Witney Schneidemann, Peter Schraeder, Jennifer Cooke, Kurt Schillinger, Assis Malaquias, J. Peter Pham, Elisabeth Sidiropoulos, João Gomes Porto e Victoria Holt. A Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento publicou quatro livros bilingues com os textos apresentados nessas conferências.

Essas iniciativas foram indispensáveis para a formação da primeira rede internacional de especialistas nas relações entre os Estados Unidos, a Europa e África, institucionalizada no quadro do Instituto Português de Relações Internacionais como o Grupo África, dirigido pelo Embai-

xador António Monteiro e incluindo académicos e diplomatas, como Manuel Ennes Ferreira, Ricardo Soares de Oliveira, Manuela Franco, Assis Malaquias, Leonardo Simão e Manuel Amante da Rosa.

Na sequência dos contactos abertos pela Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento com a Universidade de Georgetown e a *Brookings Institution*, o Instituto Português de Relações Internacionais pôde organizar os *Transatlantic Meetings*, dirigidos por G. John Ikenberry, Charles Kupchan, Nuno Severiano Teixeira e Carlos Gaspar, que tiveram lugar no Convento da Arrábida, entre 2005 e 2007. Os *Transatlantic Meetings* reuniram um conjunto de investigadores, jornalistas e personalidades norte-americanas e europeias, incluindo o Senador Gary Hart, Ivo Daalder, James Goldgeier, Teresa Gouveia, Robert Cooper, Martin Walker, Mark Leonard, William Wohlforth, João Marques de Almeida, John Judis, Kate McNamara, Steve Clemmons, Constanze Steltzenmüller, David Shambaugh, Frédéric Bozo, Thomas Kleine-Brockhoff, Peter Beinart, Michael Cox, Hans Maull, Anatol Lieven, Peter Trubowitz, Nir Rosen, Titra Parsi, Robert Pape, Sherle Schwenninger, Daniel Levy, Flynt Everett, Anne Norton, Andrew Moravcsik, Ole Waever, Eberhard Sandschneider, Lawrence J. Korb, Peter Bergen, Alec Reynolds e Raghida Dergham.

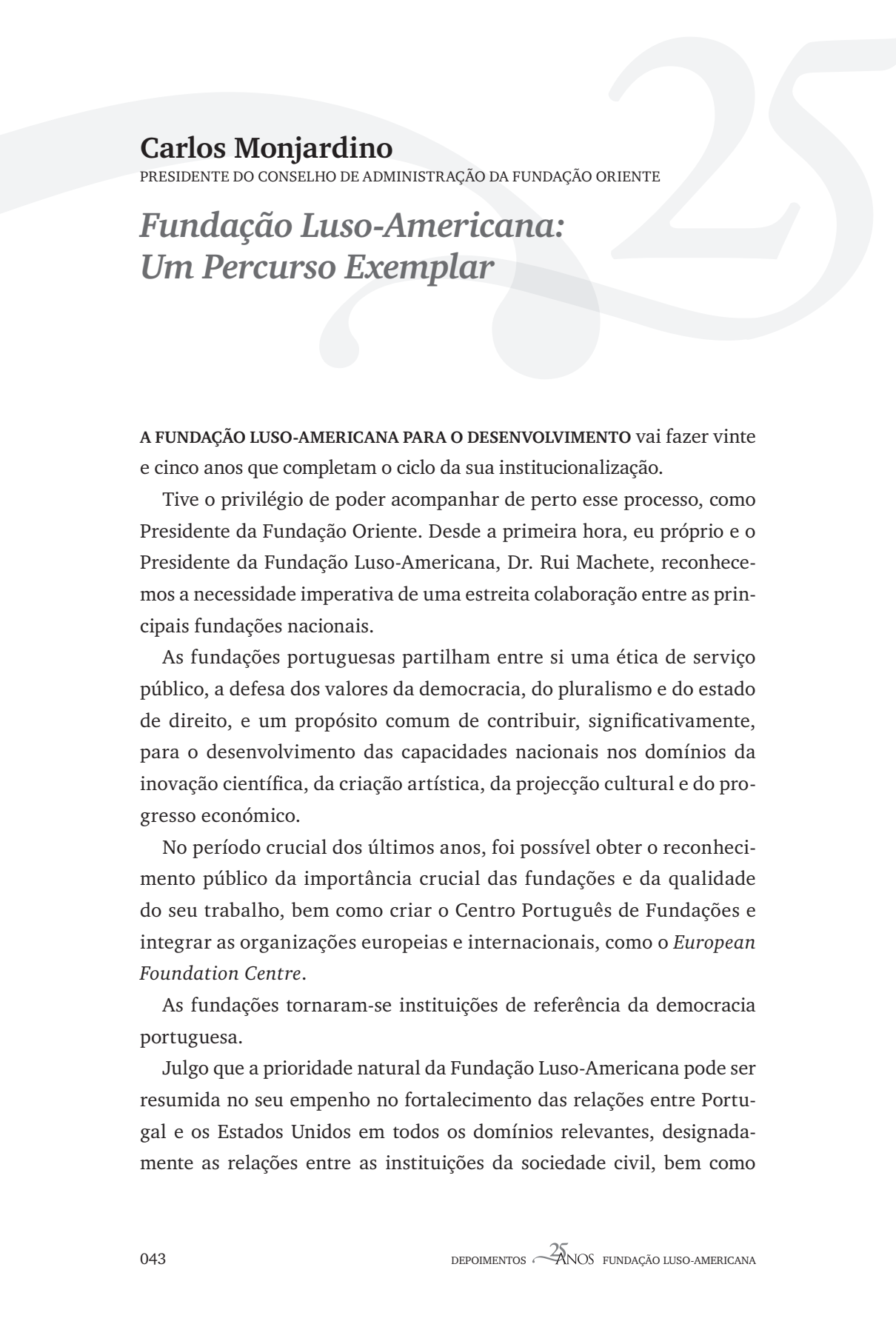
Desde 2009, o Instituto Português de Relações Internacionais e a *London School of Economics* têm tido o apoio da Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento para a realização anual do *Cold War Studies Working Expert Seminar*, coordenado por Odd Arne Westad, Carlos Gaspar, Sue Onslow e Pedro Aires de Oliveira, cuja primeira edição se reuniu na sua sede. Esta iniciativa pôde contar com apresentações de Odd Arne Westad, Sue Onslow, Carlos Gaspar, Bruno Cardoso Reis, António Costa Pinto, Miguel Bandeira Jerónimo, Candace Sobers, Tiago Moreira de Sá, Embaixador José Manuel Duarte de Jesus, José Francisco Pavia, Justin Pearce, Jovan Cavoski, Jim Hershberg, Marisa Pineau, Gary Baine, Chris Saunders, Ricardo Real Pedrosa, Douglas Wheeler, Kate Burlingham, Fernando Tavares Pimenta e Luís Nuno Rodrigues, e com a participação do Embaixador José Cutileiro, General Gabriel Espírito Santo, Embaixador João Diogo Nunes Barata e Jaime Nogueira Pinto.

O Instituto Português de Relações Internacionais colaborou com a Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento na preparação do I Fórum Roosevelt, que se realizou em Ponta Delgada, em 2008. Além da participação dos investigadores do Instituto Português de Relações Internacionais, o doutor Luís Nuno Rodrigues organizou um volume bilingue com textos inéditos de académicos portugueses e norte-americanos intitulado “Franklin Roosevelt e os Açores nas Duas Guerras Mundiais”, publicado pela Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento.

A Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento quis associar-se ao lançamento, na sua sede, de livros publicados como resultado de projectos de investigação do Instituto Português de Relações Internacionais. Foi o caso, entre outros, do volume coordenado por Nuno Severiano Teixeira “The International Politics of Democratization”, e de “Kissinger e Carlucci”, o livro de Bernardino Gomes e Tiago Moreira de Sá, cuja publicação nos Estados Unidos está a ser apoiada pela Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento.

A Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento e o Ministério dos Negócios Estrangeiros criaram no Instituto Português de Relações Internacionais a Bolsa Abade Corrêa da Serra, atribuída a uma personalidade que se tenha distinguido na diplomacia portuguesa para desenvolver uma investigação original. Manuela Franco, antiga Secretária de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Cooperação, foi escolhida pela Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento, pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros e pelo Instituto Português de Relações Internacionais como primeira titular dessa Bolsa.

A qualidade das iniciativas conjuntas do Instituto Português de Relações Internacionais e da Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento é, por si só, testemunha eloquente de uma relação electiva. Mas, tão importante como essas iniciativas, tem sido a intervenção directa do Presidente da Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento na orientação e na programação do Instituto Português de Relações Internacionais, em conjunto com os outros membros institucionais do Conselho Geral, que garantem a sua continuidade e a sua autonomia. ●



Carlos Monjardino

PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO DA FUNDAÇÃO ORIENTE

Fundação Luso-Americana: Um Percurso Exemplar

A FUNDAÇÃO LUSO-AMERICANA PARA O DESENVOLVIMENTO vai fazer vinte e cinco anos que completam o ciclo da sua institucionalização.

Tive o privilégio de poder acompanhar de perto esse processo, como Presidente da Fundação Oriente. Desde a primeira hora, eu próprio e o Presidente da Fundação Luso-Americana, Dr. Rui Machete, reconhecemos a necessidade imperativa de uma estreita colaboração entre as principais fundações nacionais.

As fundações portuguesas partilham entre si uma ética de serviço público, a defesa dos valores da democracia, do pluralismo e do estado de direito, e um propósito comum de contribuir, significativamente, para o desenvolvimento das capacidades nacionais nos domínios da inovação científica, da criação artística, da projecção cultural e do progresso económico.

No período crucial dos últimos anos, foi possível obter o reconhecimento público da importância crucial das fundações e da qualidade do seu trabalho, bem como criar o Centro Português de Fundações e integrar as organizações europeias e internacionais, como o *European Foundation Centre*.

As fundações tornaram-se instituições de referência da democracia portuguesa.

Julgo que a prioridade natural da Fundação Luso-Americana pode ser resumida no seu empenho no fortalecimento das relações entre Portugal e os Estados Unidos em todos os domínios relevantes, designadamente as relações entre as instituições da sociedade civil, bem como

entre os investigadores, os artistas, os empresários ou os jornalistas dos dois lados do Atlântico.

As relações com os Estados Unidos foram, são e vão continuar a ser uma dimensão crucial na definição da posição internacional de Portugal. De certo modo, a integração europeia tornou ainda mais importante o desenvolvimento da relação transatlântica e o fim da Guerra Fria confirmou a necessidade de fortalecer as relações de Portugal e os Estados Unidos. Na minha opinião, a Fundação Luso-Americana teve uma intervenção indispensável e insubstituível nesse contexto.

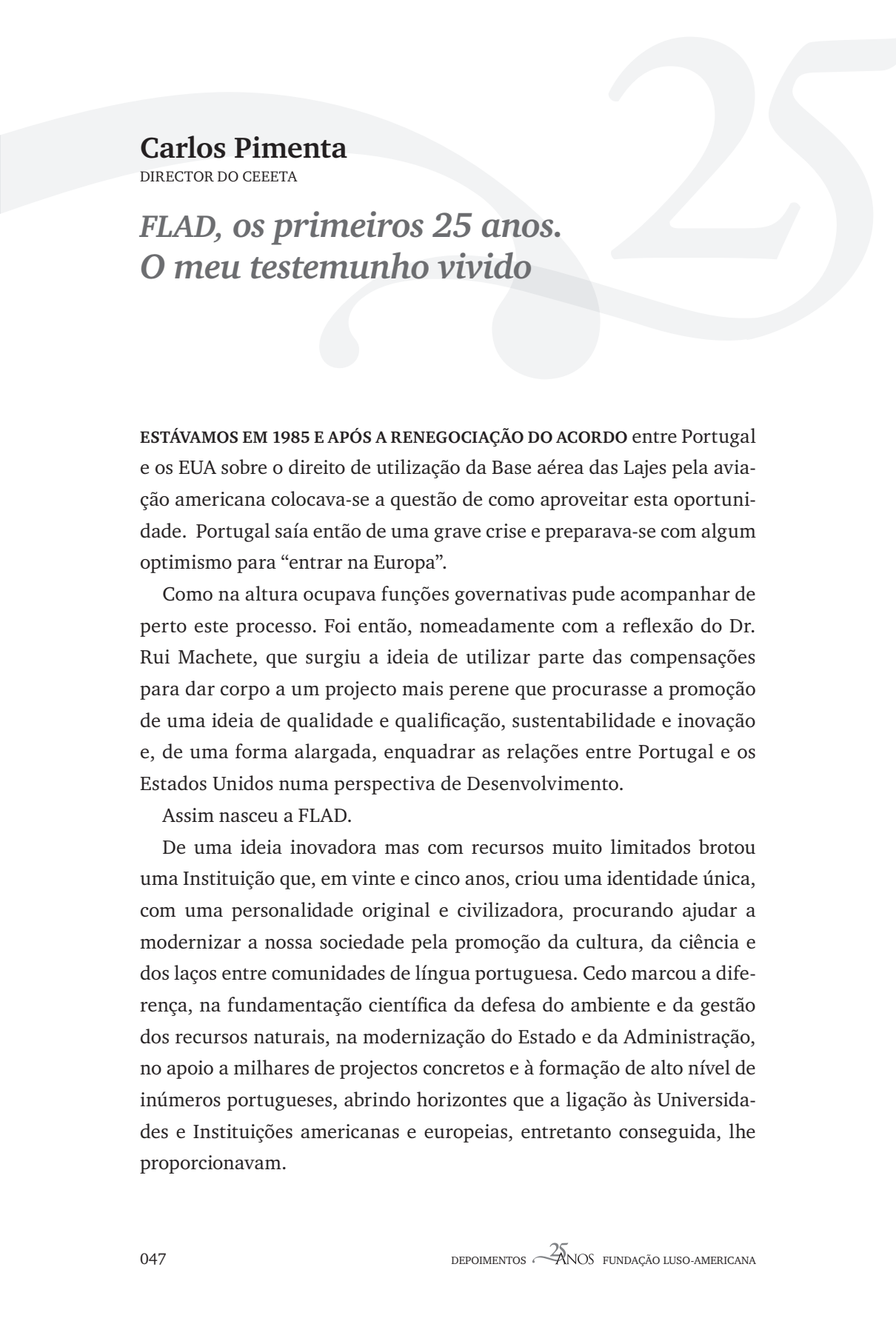
Desde logo, a sua acção pôde transformar uma relação tendencialmente confinada ao domínio da segurança e da defesa numa relação política densa e substancial. Isso foi possível tanto pela valorização dos vínculos profundos criados durante a transição entre a República norte-americana e a democracia portuguesa, como pela valorização da intervenção cívica das comunidades portuguesas nos Estados Unidos, praticamente inexistentes no passado. Por outro lado, foi possível, nomeadamente graças às bolsas e aos investimentos da Fundação Luso-Americana, assegurar uma presença científica e cultural portuguesa num número importante de universidades e centros de investigação prestigiados nos Estados Unidos. Nesse quadro, tivemos o privilégio de nos associar à Fundação Luso-Americana e à Fundação Calouste Gulbenkian para criar a Cátedra Vasco da Gama na *Brown University*. Por último, e não menos importante, a Fundação Luso-Americana pôde contribuir permanentemente para a crescente projecção da cultura e da língua portuguesa nos Estados Unidos, ao mesmo tempo que conseguiu trazer a Portugal um grande número de distintos académicos e de especialistas norte-americanos, tanto no quadro dos seus projectos próprios, como através do apoio generoso às iniciativas das universidades, dos centros de estudos e da sociedade civil portuguesa. A Fundação Luso-Americana transformou profundamente as relações entre as universidades portuguesas e norte-americanas.

Nos últimos anos, pudemos consolidar a nossa relação com a Fundação Luso-Americana e com a Fundação Calouste Gulbenkian no quadro da realização de projectos comuns.

A Fundação Luso-Americana e a Fundação Oriente, em colaboração com a Fundação Calouste Gulbenkian, garantiram as condições para a criação do Instituto Português de Relações Internacionais da Universidade Nova de Lisboa, que se tornou um centro de referência para os estudos portugueses de relações internacionais. A Fundação Calouste Gulbenkian quis contar com a Fundação Oriente e a Fundação Luso-Americana na constituição da Plataforma Imigração, que pôde contribuir para a orientação das políticas portuguesas de integração de imigrantes. As Nações Unidas consideram que as políticas portuguesas estão na vanguarda da Europa e do mundo, nomeadamente na atribuição de direitos e serviços aos estrangeiros residentes. As três fundações, como investidores institucionais de referência da GENERG, quiseram estar na primeira linha do desenvolvimento das energias alternativas, outro domínio onde Portugal passou a ocupar uma posição de vanguarda no quadro europeu e internacional e onde foi possível criar de raiz uma nova capacidade industrial e tecnológica portuguesa, crucial para procurar novas alianças para garantir a competitividade europeia neste domínio de futuro.

O reconhecimento geral da importância da Fundação Luso-Americana e da sua intervenção em Portugal e nos Estados Unidos são a garantia segura de que continuará a ser, como é próprio das fundações portuguesas, uma instituição nacional de referência no novo ciclo que agora se vai abrir. ●





Carlos Pimenta

DIRECTOR DO CEEETA

FLAD, os primeiros 25 anos. O meu testemunho vivido

ESTÁVAMOS EM 1985 E APÓS A RENEGOCIAÇÃO DO ACORDO entre Portugal e os EUA sobre o direito de utilização da Base aérea das Lajes pela aviação americana colocava-se a questão de como aproveitar esta oportunidade. Portugal saía então de uma grave crise e preparava-se com algum optimismo para “entrar na Europa”.

Como na altura ocupava funções governativas pude acompanhar de perto este processo. Foi então, nomeadamente com a reflexão do Dr. Rui Machete, que surgiu a ideia de utilizar parte das compensações para dar corpo a um projecto mais perene que procurasse a promoção de uma ideia de qualidade e qualificação, sustentabilidade e inovação e, de uma forma alargada, enquadrar as relações entre Portugal e os Estados Unidos numa perspectiva de Desenvolvimento.

Assim nasceu a FLAD.

De uma ideia inovadora mas com recursos muito limitados brotou uma Instituição que, em vinte e cinco anos, criou uma identidade única, com uma personalidade original e civilizadora, procurando ajudar a modernizar a nossa sociedade pela promoção da cultura, da ciência e dos laços entre comunidades de língua portuguesa. Cedo marcou a diferença, na fundamentação científica da defesa do ambiente e da gestão dos recursos naturais, na modernização do Estado e da Administração, no apoio a milhares de projectos concretos e à formação de alto nível de inúmeros portugueses, abrindo horizontes que a ligação às Universidades e Instituições americanas e europeias, entretanto conseguida, lhe proporcionavam.

Os primeiros 25 anos da FLAD mudaram a vida de muita, muita gente e foram uma ilha de reflexão calma, profunda e consistente num País tantas vezes assaltado por crises de toda a ordem, nomeadamente de valores. Vivendo com um quadro envolvente caracterizado tantas vezes pela instabilidade inerente à transição turbulenta do período pós-revolucionário para a integração na União Europeia, a FLAD manteve sempre a mesma intervenção cívica de qualidade ímpar, dando um contributo único a Portugal.

Vivi de perto a actividade da FLAD. Como participante em tantos projectos, orador em várias ocasiões, leitor de excelentes publicações que ao longo dos anos foram sendo editadas. Acompanhei a participação da FLAD enquanto investidor nas energias renováveis. Foi pioneira, ponderou e acreditou antes do mercado. Disso tirou o rendimento devido, gerando novos fundos para o financiamento da sua actividade de utilidade pública.

As coisas não acontecem por acaso e Fundação Luso-Americana é um exemplo vivo deste aforismo. A FLAD reflecte a visão e a filosofia ancorada em séculos de civilização humanista europeia que é característica do seu Presidente, o Dr. Rui Machete.

Portugal deve-lhe muito enquanto estadista corajoso, mas talvez seja na FLAD que a sua personalidade notável e a sua coerência e solidez mais têm influenciado o nosso quotidiano e devir colectivos. Logo no início, há 25 anos, na forma como estruturou a Fundação e moldou o seu *ethos*, como escolheu a excelente equipe de que se rodeou, como criou uma empatia duradoura com o melhor do nosso meio universitário e como soube transformar a FLAD numa casa de pensamento livre e profundo, actual e prospectiva. Ao Dr. Rui Machete se deve a FLAD que conhecemos e que espelha uma ideia de País e de Sociedade que nos acolhe, despertando em nós o que há de melhor.

É justo dar aqui também uma palavra de testemunho pela actividade generosa e incansável do Dr. Charles Buchanan, paladino das causas ambientais entre tantas e que há muito estabeleceu uma relação de cumplicidade positiva com Portugal. Thank you!

Como cidadão revejo-me na FLAD, na sua filosofia, no seu programa. Sinto-me bem quando lá entro e encontro aquelas pessoas motivadas, empreendedoras, profissionais. Estes primeiros 25 anos foram inextinguíveis. Bem hajam todos os que os tornaram uma realidade. ●

Clara Braga da Costa

ADMINISTRADORA DA INOVCAPITAL S.A.

Inovação – valorização económica do conhecimento

NA PASSAGEM DO 25º ANIVERSÁRIO DA FLAD tive a grata surpresa de ser desafiada a apresentar um breve testemunho sobre a participação da FLAD num projecto conjunto. Para além da honra do convite é um prazer poder trazer a público a excelência de relação estabelecida, o profissionalismo, empenho, profunda dedicação para a concretização do projecto de apoio à valorização económica do conhecimento, que se consubstanciou na criação do Fundo de Capital de Risco Acelerador de Comercialização de Tecnologia (FCR InovCapital ACTec), na reorientação estratégica da Ciencinvest SA e, em paralelo, no alargamento de actuação do programa COHiTEC da COTEC, podendo afirmar que a FLAD foi um dos parceiros fundamentais para se conseguir concretizar este projecto de âmbito nacional.

Desde a sua constituição que a FLAD tem na sua missão o desenvolvimento económico nacional. É indiscutível que a capacidade de gerar inovação tecnológica é hoje um factor indissociável do crescimento económico de qualquer país. Nos últimos anos Portugal tem realizado, através de diversos actores, inúmeras acções de fomento da investigação e do empreendedorismo qualificado de base tecnológica. A InovCapital com a constituição do FCR InovCapital ACTec, procurou dar o seu contributo para o apoio numa área fundamental e que constitui uma clara falha de mercado. Através do investimento na prova de conceito tecnológico e de mercado, por forma a valorizar economicamente o conhecimento oriundo da investigação produzida essencialmente no sistema científico e tecnológico nacional, em duas palavras, investir na inovação.

Estou convicta quando afirmo que, este projecto dificilmente se teria realizado sem a participação, desde a primeira hora, da FLAD.

Tudo começou numa já longínqua tarde de Março de 2007, quando tive o prazer de ser recebida pelo Dr. Fernando Durão, secretário-geral, e entre outros pelouros, responsável pelos projectos relacionados com o fomento da investigação no sistema científico e tecnológico nacional e respectiva valorização económica.

A InovCapital pretendia apoiar o empreendedorismo e o aparecimento de novas empresas inovadoras e de base tecnológica. A FLAD, pelas acções desenvolvidas em prol do progresso e modernização das nossas instituições de ensino superior, mediação na colaboração entre o sistema científico e tecnológico nacional e o dos EUA e apoio sistemático a acções de valorização económica da ciência, nomeadamente ao programa COHiTEC, foi considerada como uma entidade com a qual a InovCapital deveria contactar logo no início para entender o *status quo* da investigação efectuada em Portugal e respectiva valorização económica.

Nessa primeira reunião aferi que tínhamos tomado a decisão certa e obtido um apoio incondicional, nomeadamente pela imediata presença de Charles Buchanan nesse encontro e do “brilhar de olhos” na apresentação dos objectivos e na ignorância (por isso mesmo muito atrevida) ainda da forma como os havíamos de atingir. As suas palavras foram de incentivo e esperança, lembro-me de: “há 18 anos que eu tenho esse objectivo; temos feito todas as acções ao nosso alcance; é um caminho difícil, mas nada é impossível; não desista; é fundamental; vamos conseguir; as mentalidades estão muito mudadas e este é um processo imparável; sem recuo”, e no final um “nós nunca desistimos, conte connosco!”.

Passados quase três anos sobre esta data, posso confirmar a veracidade de tudo o que foi dito logo nesta primeira entrevista.

Criámos um fundo de capital pré-semente, ainda único em Portugal de € 7.500.000 (subscrito em € 4.100.000), conseguiu-se sensibilizar os decisores do QREN para, nos instrumentos financeiros de capital de risco, privilegiarem igualmente o investimento em capital pré-semente e semente.

A FLAD participa neste fundo de capital de risco indirectamente, através da Ciencinvest SA, onde é accionista, membro executivo do Conselho de Administração e do seu Conselho Estratégico. Foi obreira na concretização do reposicionamento desta empresa e na constituição do seu Conselho Estratégico, onde se reúnem as oito universidades com maior peso na investigação científica nacional, para além da InovCapital e desde este ano também a COTEC. Podemos afirmar que sem o empenho pessoal do Dr. Fernando Durão este projecto, da nova Ciencinvest, não se teria viabilizado.

Mas este processo, que agora se afigura lógico teve diversas etapas, sempre com o apoio incondicional da FLAD. A seguir à reunião de Março de 2007, em Maio de 2007, a InovCapital, em conjunto com representantes da COTEC – Eng. Pedro Vilarinho e da FLAD – Dr. Fernando Durão, promoveu um encontro de todas as universidades, num total de 14, que já estavam a desenvolver esforços significativos na investigação, promoção da transferência de tecnologia e do empreendedorismo.

O objectivo deste encontro era o de se realizar uma reflexão conjunta sobre quais as razões subjacentes à exígua transformação de conhecimento em valor económico, vulgo transferência de tecnologia, tendo Portugal investido somas verdadeiramente avultadas e efectuado enormes esforços na promoção da investigação! A resposta foi simples: o aparecimento de poucos projectos e diminuta probabilidade de sucesso devia-se à inexistência de financiamento e acompanhamento especializado para a realização de prova de conceito e à orientação comercial dos resultados da investigação, ou seja, à preparação de entrada do produto / serviço na economia, incluindo competências de equipe de gestão caso o processo resultasse numa criação de *start-up* e a respectiva valorização da Propriedade Intelectual.

A partir deste encontro e dos compromissos assumidos o relacionamento com a FLAD foi-se cimentando, os obstáculos foram sendo ultrapassados, os desafios superados, com um sem número de interacções onde o grande envolvimento da FLAD e, nunca será demais referir da COTEC, da equipe da InovCapital e IAPMEI, bem como a fundamental

reestruturação da Ciencinvest, onde igualmente o papel charneira da FLAD é de frisar, foi determinante para o sucesso deste projecto.

Hoje podemos afirmar que Portugal dispõe de mais um instrumento financeiro e de uma equipe especializada para efectuar, de uma forma sustentada e consistente, a valorização do conhecimento. A valorização económica do conhecimento trará inovação, maior competitividade quer para as empresas existentes quer para as novas que serão criadas, é o dar as mãos, a construção da ponte entre a investigação científica e a resolução das necessidades do mercado, é certamente a criação de um futuro melhor.

Sem dúvida que já chegámos a um “porto seguro”, mas muito há ainda para navegar, a FLAD foi o “homem do leme”, nesta viagem de aprendizagem constante, onde a experiência desta Fundação e dos seus interlocutores confirmaram o mérito da actuação que, embora directamente fosse a primeira vez que comprovava, já faziam parte da imagem que detinha sobre o papel que ao longo destes 25 anos vinham a desempenhar. Muitos parabéns, Portugal precisa de mais organizações com o mesmo profissionalismo, vontade e capacidade de “fazer acontecer”. Procurarei sinceramente ter a oportunidade de, em conjunto, realizar mais projectos que contribuam para o nosso desenvolvimento económico e social. Muito obrigada. ●

Craig Kennedy

PRESIDENT, THE GERMAN MARSHALL FUND OF THE UNITED STATES

Testimonial

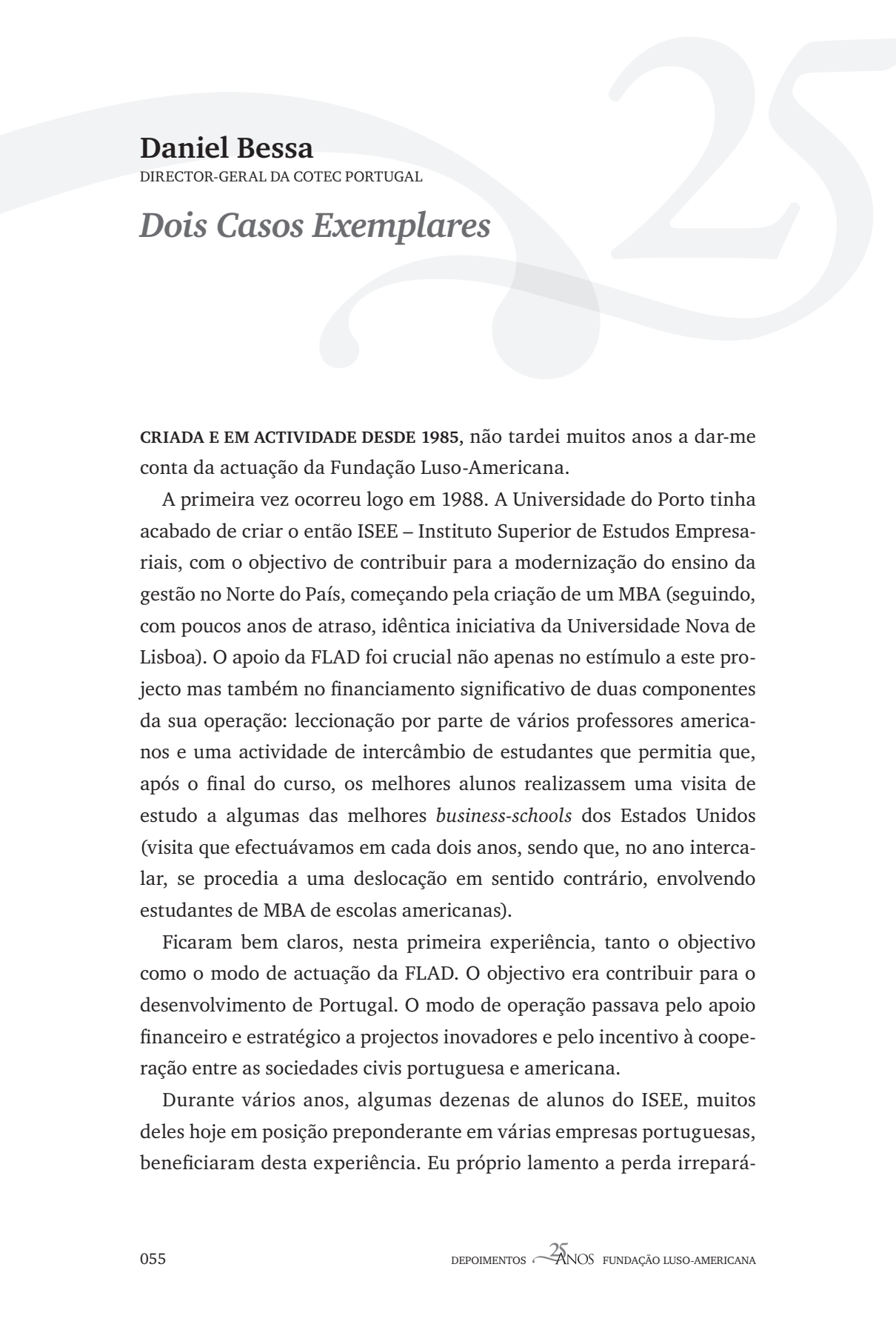
CONGRATULATIONS TO FLAD ON 25 GREAT YEARS! It has been my great pleasure to work with FLAD for many years as the president of the German Marshall Fund of the United States. FLAD and GMF share so much in common, especially missions to strengthen ties across the Atlantic. FLAD has been a key partner for GMF throughout the years, and especially on the annual *Transatlantic Trends* survey of public opinion. In that survey that we can see how the American, Portuguese, and other European publics feel about global issues and about each other. Although those transatlantic feelings can rise and fall almost in concert with the tides, one thing is for sure: warm feelings toward FLAD abound, especially at GMF.

GMF's flagship fellowship program is the Marshall Memorial Fellowship, which annually sends fellows from each side of the Atlantic to the other for nearly a month of travel, learning, and cultural and professional exchange. FLAD has been our partner for years in this initiative. Since 1988, there have been 85 Portuguese MMF alumni who have traveled to the United States, and FLAD also hosts MMFs from the United States once a year. As testament to how well FLAD has done in picking rising Portuguese leaders, Prime Minister José Sócrates is an alumnus of the program.

FLAD and GMF have worked alongside each other through various international foundation groups, including the European Foundation Centre. As foundations don't enjoy the longevity in Europe that they have in the United States, it has been great to see FLAD, under Rui's leadership, take an active role in promoting the sector in Europe.

And through my years in Washington, I have noticed how FLAD has come to be respected for issues relating to Portugal and its relations with the United States. Whether it has been through scholarships for individuals or grants to institutions, FLAD's commitment to injecting the Portuguese perspective into the U.S. and international debates, and also with bringing those debates to Lisbon, has shaped policy throughout these 25 years.

Congratulations to Rui and to your staff, board, and friends as you celebrate this milestone. We at GMF are looking forward to our next 25 years of partnership and friendship, of bridging this ocean, and of leadership in the foundation world, in the transatlantic world, and in the world itself. ●



Daniel Bessa

DIRECTOR-GERAL DA COTEC PORTUGAL

Dois Casos Exemplares

CRIADA E EM ACTIVIDADE DESDE 1985, não tardei muitos anos a dar-me conta da actuação da Fundação Luso-Americana.

A primeira vez ocorreu logo em 1988. A Universidade do Porto tinha acabado de criar o então ISEE – Instituto Superior de Estudos Empresariais, com o objectivo de contribuir para a modernização do ensino da gestão no Norte do País, começando pela criação de um MBA (seguindo, com poucos anos de atraso, idêntica iniciativa da Universidade Nova de Lisboa). O apoio da FLAD foi crucial não apenas no estímulo a este projecto mas também no financiamento significativo de duas componentes da sua operação: leccionação por parte de vários professores americanos e uma actividade de intercâmbio de estudantes que permitia que, após o final do curso, os melhores alunos realizassem uma visita de estudo a algumas das melhores *business-schools* dos Estados Unidos (visita que efectuávamos em cada dois anos, sendo que, no ano intercalar, se procedia a uma deslocação em sentido contrário, envolvendo estudantes de MBA de escolas americanas).

Ficaram bem claros, nesta primeira experiência, tanto o objectivo como o modo de actuação da FLAD. O objectivo era contribuir para o desenvolvimento de Portugal. O modo de operação passava pelo apoio financeiro e estratégico a projectos inovadores e pelo incentivo à cooperação entre as sociedades civis portuguesa e americana.

Durante vários anos, algumas dezenas de alunos do ISEE, muitos deles hoje em posição preponderante em várias empresas portuguesas, beneficiaram desta experiência. Eu próprio lamento a perda irrepará-

vel de ter perdido as oportunidades que me foram oferecidas de acompanhar alguns destes grupos de alunos, embora tenha estado muitas vezes envolvido nas actividades em sentido contrário, recebendo grupos de estudantes americanos. Quando, a partir de 2000, me coube dirigir a escola que sucedeu ao ISEE (a EGP – Escola de Gestão do Porto, hoje EGP – University of Porto Business School), este apoio foi dado por terminado (nenhuma iniciativa é eternamente inovadora e o programa de visitas, ele próprio, valha a verdade, não tinha sido capaz de inovar suficientemente), mantendo-se, no entanto, a FLAD como um dos associados mais presentes em toda a actividade da EGP. Foi neste contexto que tive oportunidade de conhecer e de privar mais de perto com o Secretário-Geral da Fundação, Dr. Fernando Durão, de uma dedicação inexcedível.

A minha segunda experiência de cooperação com a FLAD ocorreu com o COHiTEC, talvez o mais avançado de todos os programas de formação em empreendedorismo realizados em Portugal (chegou a ser distinguido, em 2006, como um dos melhores programas de formação em empreendedorismo em todo o Mundo, tendo recebido o *Price Foundation Innovative Entrepreneurship Award* atribuído pela Universidade de Stanford).

O COHiTEC é um projecto inovador de uma entidade também ela inovadora: a COTEC Portugal - Associação Empresarial para a Inovação, criada por iniciativa do então Presidente da República Dr. Jorge Sampaio, em 2003. O objectivo consistia em promover o empreendedorismo de base tecnológica, procurando criar empresas *high-tech* e *high-growth* a partir de conhecimento gerado nas Universidades portuguesas, trazido ao programa pelos seus investigadores/tecnólogos. Não cabendo, aqui, entrar em grandes pormenores sobre o modo de funcionamento do programa, cabe evidenciar, porque terá sido determinante tanto para o seu sucesso como para o apoio que veio a receber da FLAD, o acordo estabelecido com a *North Carolina State University*, cujo programa de formação em empreendedorismo, o HiTEC, o COHiTEC começou por replicar e, depois, por desenvolver.

Comecei por tomar contacto com o COHiTEC na qualidade de Presidente da Direcção da EGP (tiveram lugar na EGP todas as seis edições do programa já realizadas na cidade do Porto, com início em 2004, para além das cinco edições realizadas em Lisboa, a partir de 2005) e tenho o gosto de continuar a acompanhá-lo, agora na qualidade de Director-Geral da COTEC Portugal. Não houve edição do COHiTEC que não tivesse contado com o apoio da FLAD, como acontecerá, de novo, nas duas edições já a decorrerem em 2010. Para além do apoio financeiro, a FLAD esteve presente em todos os momentos importantes da vida do programa (sessões de encerramento, com celebração dos resultados conseguidos; sessões de lançamento, para atrair investigadores, em busca da escala que também constitui factor crítico de sucesso de programas desta natureza). Não há COHiTEC sem, de novo, a presença empenhada do Dr. Fernando Durão e, por vezes, no exercício de outras funções, tanto do Dr. Charles Buchanan como do próprio Presidente do Conselho Executivo, Dr. Rui Machete.

As instituições são também, para mim, as pessoas que as corporizam e os lugares onde decorrem ou onde se encontram instaladas. Prisioneiro das minhas próprias experiências, e sobretudo dos afectos que as mesmas vieram a gerar, é-me difícil imaginar a FLAD sem a eficiência tranquila do Dr. Fernando Durão, sem a simpatia e sem o amor por Portugal do Dr. Charles Buchanan (ainda hoje acho quase incrível como este senhor, de origem americana, conseguiu não apenas compreender-nos como chegar a gostar tanto de nós, nas nossas idiossincrasias e nos nossos tantos pontos fracos), sem a direcção discreta mas eficiente do Dr. Rui Machete.

Sentimos, todos, que a FLAD se encontra no final de um primeiro grande ciclo de vida; que outras caras se seguirão, contribuindo, como quase sempre acontece, para o seu desenvolvimento, para uma ainda mais eficaz realização da sua missão, para uma sua maior projecção. Por mim, terei sempre dificuldade em atravessar a porta de entrada do belo edifício situado na Rua do Sacramento à Lapa sem sentir uma pontinha de saudade pelo Dr. Rui Machete, pelo Dr. Charles Buchanan

e pelo Dr. Fernando Durão – com o meu pedido de desculpa a todos os outros que certamente deram também o seu contributo mas com quem não tive oportunidade de privar tão de perto.

Olhando para as áreas de intervenção da FLAD (oportunidade criada pela necessidade de escrever este pequeno depoimento, que me obrigou a entrar no sítio da Fundação na internet, coisa que nunca tinha feito), fico com a sensação de que desconheço a maior parte da sua actividade: metido no “meu pequeno mundo” (educação, ciência, tecnologia e inovação), desconheço quase tudo o que a Fundação também fez, por certo sempre no cumprimento da sua missão, em “mundos” tão diversos como os das funções do Estado e sociedade civil, da cultura, do ambiente, da cooperação com os Países de Língua Portuguesa, das relações transatlânticas e cooperação europeia e, por último, da cooperação económica com os Estados Unidos. Dei-me, e espero poder continuar a dar-me um pouco conta destas actividades na revista Paralelo (que não apenas leio como tenho o gosto de guardar) e nas várias ocasiões em que, sobretudo a propósito de grandes acontecimentos ocorridos nos Estados Unidos, me vejo convidado para apresentações e debates, sempre do maior interesse e potencial de informação. ●

Demetrios G. Papademetriou

PRESIDENT AND CO-FOUNDER MIGRATION POLICY INSTITUTE,
WASHINGTON, D.C.

Testimonial on the Occasion of the 25th Anniversary of the Luso-American Foundation (FLAD)

LIKE MANY MEETINGS OF CONSEQUENCE, my first contact with the Luso-American Foundation (FLAD, the Foundation) was made with few expectations.

A colleague from another Washington think tank had related to me an interesting conversation she had had with a certain Charles “Buck” Buchanan, an American on the top Management Team of a Portuguese Foundation with a great deal of influence in Portugal and deep interest in working with American institutions on areas of common, transatlantic, concern. I decided to test the information from my perch as a Senior Associate and International Migration Program Director at the Carnegie Endowment for International Peace and started an exchange of letters with Buck which led to a brief visit to Lisbon and an agreement to co-sponsor a high-level experts’ meeting on the Transatlantic Migration Research Agenda.

That was more than fifteen years ago. This one-off event launched an increasingly deeper relationship that has produced more than a dozen joint projects. These have ranged from the first ever series on citizenship issues anywhere that yielded three widely acclaimed volumes on the topic, to a number of meetings on virtually any immigration topic that could benefit from an in-depth look by the best thinkers and doers across the Atlantic, perhaps as many as fifteen or more joint seminars, multiple books, a four-month sabbatical fellowship for me, and a true partnership on an issue – migration – that in the mid-1990s no Portuguese and, for that matter, hardly any *European*, foundation or think tank would consider investing much thought or energy – let alone funds.

I recall with rare pleasure the evolution of the institutional relationship and, as is often the case, the personal relationships with my FLAD “family.” And what always impressed me most was the intellectual rigor – a remarkable cross between that of a German philosopher and a U.S. style prosecutor with a generous dose of political savvy, I have always thought – and farsightedness of FLAD’s President, Rui Machete, and the instincts, activism and spiritedness of Buck Buchanan. Nothing was ever a “done deal” until Rui was persuaded, and persuading him was always the sweetest part of any joint initiative. Observing the remarkable dynamic between these two deeply different personalities, their affection for each other, the unswerving loyalty that Buck always exhibited toward Rui, the dance between European renaissance and American policy entrepreneurship (“we can do this, this will be good for FLAD, this is the right issue for Portugal,”) was another highlight of any visit to FLAD.

And far-reaching decisions were indeed made quite regularly on my issues. Two such decisions jump out for me as indicative of the essence and spirit of the “strategic relationship” between my two institutional bases over the last sixteen years and FLAD. The first is the establishment of the Portuguese *Metropolis* Project; the second the partnership between my Migration Policy Institute (the evolution of my Carnegie Endowment Program) and FLAD in institutionalizing the transatlantic conversation, and research and policy exchanges, on migration, now known as the Transatlantic Council on Migration and its predecessor initiative, a Task Force that road-tested the idea of the Council.

Metropolis was a simple idea that could be compelling but only to those who understood how all of our societies were changing through migration and had a vision about the investments in policy and action we ought to be making *now* if we were to build strong communities and societies for the future. With *emigration* still the principal lens through which most Portuguese understood and experienced *migration*, it took courage to introduce and promote aggressively a new frame for analysis and discussion. Yet, Rui and Buck understood quickly that Portugal’s experien-

ces with returning immigrants from its former African colonies, its special relationship with Brazil, the impending change regarding Macao, and the resulting tradition of more openness toward others than virtually any of its fellow EU Member States, made Portugal a natural anchor of the European part of the *Metropolis* International Project. But accepting the challenges of membership, and particularly the responsibility of building a community of researchers, activists, and policymakers in Portugal on a topic that had not yet penetrated the consciousness of virtually any Portuguese constituency of consequence, required both foresight and the willingness to invest substantial amounts of both physical but perhaps more importantly *political* capital.

And so the FLAD leadership did. They went about identifying and bringing to the table some of Portugal's brightest professors and researchers, a group led by a towering intellectual, professor, and city planner, Jorge Gaspar, but also included such already well known academics as Maria Baganha, David Justino, Lucinda Fonseca or Margarida Marques. I recall thinking during the first roundtable discussion we had on this issue at one of FLAD's conference rooms that this was as gifted a group as any I had been around and that the discussion showed the seriousness of purpose and promise that I had experienced only rarely in Europe.

The result? The formation of three teams of researchers at three of Portugal's best universities that have trained dozens of researchers and young professors, have produced an enormous amount of fine research, have sponsored one of the big annual International Metropolis Conferences and dozens of smaller events, have consistently made a fine showing at other international events on migration, and are now core members of virtually all major EU-wide research networks! And all this because two FLAD visionaries-cum-policy entrepreneurs understood the importance of *immigration* well before anyone but a small number of people outside of the academy in a handful of EU Member States that had been experiencing very substantial immigration since the late 1950s.

The second example is from my Institute's initiative to institutionalize the policy dialogue across the Atlantic on migration and immigrant integration matters. Earlier in the decade, FLAD and MPI agreed that such a dialogue was necessary and that Portugal was bringing to the table not only the expertise and talents of one of the European Commission's most gifted (and successful) Commissioners (António Vitorino), but also a deep interest and experience on immigrant integration and a fast maturing cadre of fine analysts. MPI, in turn, offered the deepest knowledge, network of analysts, and experience on both issues on both sides of the Atlantic and the experience it gleans from advising EU Member States on migration and immigrant integration issues during the course of their six month EU Presidency period.

The rest was easy. MPI and FLAD struck a "strategic partnership" intended to promote better and more analytically-driven migration and integration policies on both sides of the Atlantic with MPI acting as a "virtual think tank" for a group of senior leaders with deep experience and interest on these issues. This was the genesis of the Transatlantic Council on Migration. Once again, Rui's remarkable sense of what is important and his commitment to the issue and Buck's ability to engage and move the Portuguese contingent of migration experts created an opportunity for a modest initiative to grow and become the leading voice on transatlantic knowledge exchanges on all matters migration.

FLAD's first 25 years have been a terrific success on migration and related issues. Leadership and vision have been the foundation on which this success has been built. One can only hope that the same skills – gifts may be a more appropriate word – will guide the Foundation for the next 25 years. ●

Duarte d'Orey Tristão da Cunha

SÓCIOS PROMOTORES E FUNDADORES DA FIRST PORTUGUESE,
HOJE GRUPO OREY

A Bengala de Ouro

COMO DEFINIRÍAMOS NÓS, em segundos, a FLAD em Portugal?

Um centro de pessoas de boa-fé, lideradas pelo Senhor Dr. Rui Machete, centro de racionalidade e cultura que procura, com isenção política, através da cooperação entre dois países, contribuir em Portugal para a inovação científica e empresarial, para a divulgação da arte e para a formação de agentes empresariais, científicos e culturais.

Pensamos ser um exemplo de um desses agentes empresariais e sentimo-nos muito agradecidos e honrados pelo apoio que tivémos, sem o qual não estaríamos onde estamos hoje.

Os signatários pretendiam, em 1999, formar em Portugal uma instituição que pudesse criar alguns instrumentos financeiros, tecnicamente complexos, inovadores no país e, também, na Europa em geral (*hedge funds* e fundos de activos desportivos). A partir daí, crescer na área financeira diversificando para outros ramos até à formação de uma instituição financeira de crédito ou banco.

A FLAD, pela mão do Senhor. Dr. Fernando Durão, quis conhecer as pessoas envolvidas, o projecto e, passado pouco tempo, decidiu participar com *seed capital* nos fundos lançados e com 10% do capital social da First Portuguese. Porquê? Sabemos hoje por eles que, satisfeitos com a estatura ética das pessoas envolvidas, encontraram juventude empresarial nos executivos, capacidade de execução e ideias inovadoras e válidas. Muitas dessas ideias, fundamentalmente relacionadas com os *hedge funds*, tinham nascido nos EUA. Para além disso, nós tínhamos parcerias cimentadas com instituições financeiras americanas.

Devemos à FLAD a ajuda inestimável de ter contribuído com capital financeiro para o nosso projecto sem o qual teria sido muito mais difícil e moroso o arranque da First Portuguese - mas sobretudo de nos ter dado capital de confiança, diríamos mesmo, “uma bengala de ouro”! Esta bengala da confiança que reluziu até hoje, é muito responsável pela transformação da pequena First Portuguese no já considerável Grupo Orey, que engloba uma das mais antigas sociedades comerciais portuguesas, com negócios diversificados e com ambições crescentes no mundo financeiro em Portugal, Espanha, Brasil e Angola.

Mais do que investir com capital, a FLAD, pela sua estatura, prestígio e racionalidade económica ajuda a fazer nascer projectos e pessoas através da confiança que empresta com o seu envolvimento e meios financeiros que disponibiliza. Faz tanta falta a este país mais instituições e pessoas com este espírito construtivo capazes de seleccionar e apoiar talento empresarial tão necessário para um desenvolvimento económico e social e para a manutenção de uma real independência do país.

Passados cerca de quatro anos, a FLAD vendeu a sua participação no capital com um lucro razoável (retorno avaliado em 54%) e continuou a distribuir ajudas financeiras e mais “bengalas de ouro” por esse Portugal, sempre fiel aos seus objectivos e aberta à inovação conjugada com a ética, energia, capacidade de execução. ●

Eduardo Marçal Grilo

ADMINISTRADOR DA FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

Depoimento

A FUNDAÇÃO LUSO-AMERICANA PARA O DESENVOLVIMENTO é uma instituição criada exactamente no ano em que eu ingressei nos quadros da Fundação Calouste Gulbenkian. Nesse ano de 1985 iniciei a minha actividade na Fundação trabalhando directamente com o Dr. Victor de Sá Machado no âmbito das actividades desenvolvidas pelo Serviço para a Cooperação com os Novos Estados Africanos.

Foi na minha actividade desenvolvida na cooperação com os cinco países africanos lusófonos que tive ocasião de trabalhar com a Fundação Luso-Americana, onde sempre encontrei um parceiro que tinha da acção das fundações uma perspectiva em todo coincidente com aquela que eu tinha encontrado na Fundação Gulbenkian, onde há muito se vinham executando projectos de ajuda ao desenvolvimento.

Mais tarde e sem perder de vista a colaboração na área da ajuda ao desenvolvimento, a minha relação com a FLAD veio a estar relacionada com as iniciativas em que intervêm instituições norte-americanas, designadamente na área da formação avançada do empreendedorismo, e dos projectos de intercâmbio entre universidades dos dois lados do Atlântico. Na área do estudo e da reflexão sobre as grandes questões que enfrentam as Universidades, a FLAD tem vindo igualmente a desenvolver uma actividade de grande mérito proporcionando aos universitários portugueses espaços e momentos de debate particularmente enriquecedores.

A FLAD constitui nos dias de hoje uma instituição com um papel determinante para o estreitamento das relações entre Portugal e os Estados Unidos, designadamente em áreas e sectores de intervenção

onde maior impacto pode ter o intercâmbio entre instituições portuguesas e instituições americanas, nomeadamente nos domínios da Educação, da Investigação Científica e da Formação Avançada.

Portugal, independentemente das suas especificidades ao nível económico e cultural, deve olhar para os Estados Unidos com particular atenção uma vez que estamos perante um país onde, em muitos sectores, não há um modelo tipo para a resolução de problemas, mas antes uma grande diversidade de propostas que devem ser estudadas e analisadas tendo em vista a definição das nossas próprias soluções.

A FLAD tem nos últimos 25 anos contribuído para promover o desenvolvimento de alguns sectores-chave, nomeadamente na Educação e na Cultura. Espero que o continue a fazer nas próximas décadas em benefício do País e do reforço do relacionamento entre Portugal e os Estados Unidos. ●



Emílio Rui Vilar

PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

25.º Aniversário da Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento

A FUNDAÇÃO LUSO-AMERICANA PARA O DESENVOLVIMENTO (FLAD), surge em 1985, ano que antecede a entrada de Portugal nas Comunidades Europeias, e apresenta-se com um objectivo ambicioso, ou seja, contribuir para o desenvolvimento económico e social de Portugal através da cooperação multidisciplinar entre Portugal e os Estados Unidos da América. Assim, uma fundação propõe-se, pela primeira vez, operar estrategicamente as relações bilaterais com os Estados Unidos numa perspectiva filantrópica.

A Fundação Calouste Gulbenkian sempre considerou a FLAD como uma parceira natural no quadro da prossecução de finalidades convergentes, no entendimento de que é a melhor forma de maximizar o impacto das suas actividades, favorecendo o estabelecimento de parcerias com instituições congéneres.

Data por isso, logo de Janeiro de 1987, a primeira iniciativa conjunta entre as duas instituições: um programa de apoio às artes plásticas portuguesas, numa lógica da sua promoção e divulgação no estrangeiro, que contou, desde o início, com a colaboração do Ministério da Cultura português e que é conhecido por Acordo Tripartido. Ao longo destes últimos 25 anos, diversas outras iniciativas uniram as duas fundações, como exposições, projectos de promoção da língua e da cultura portuguesas, educação para o empreendedorismo ou o laboratório FLAD em biologia computacional instalado no Instituto Gulbenkian de Ciência, demonstrando a facilidade com que as duas instituições dialogam e projectam acções concertadas.

Sublinho igualmente o papel mobilizador que a FLAD tem desempenhado na promoção da filantropia organizada e dos movimentos de fundações, quer ao nível das organizações representativas do sector fundacional, em Portugal e na Europa, no Centro Português de Fundações e no Centro Europeu de Fundações, respectivamente, quer ao nível da promoção da aproximação entre fundações europeias e fundações norte-americanas, arvorando-se na sua originária vocação transatlântica. Igual papel relevante desempenhou no lançamento dos Encontros de Fundações da CPLP, que desde 2003 anualmente reúnem representantes de fundações dos oito países de língua oficial portuguesa e constituem uma verdadeira plataforma da filantropia que se exprime em português.

Pela sua acção, a FLAD construiu uma reputação de prestígio e de eficácia amplamente reconhecida pela sociedade portuguesa, para o que contribuiu a liderança persistente e sólida do seu presidente Rui Machete e o conjunto de relevantes personalidades que têm integrado quer o seu Conselho Directivo quer o seu Conselho Executivo.

A FLAD veio preencher uma lacuna ao nível das organizações da sociedade civil portuguesas, tendo conseguido ocupar um lugar central no importante diálogo transatlântico, facilitando e promovendo a cooperação cultural e científica entre instituições portuguesas e norte-americanas que, de outro modo, dificilmente se verificaria. É sempre difícil quantificar o impacto da acção de uma organização sem fins lucrativos, como uma fundação, mas posso afirmar sem hesitação que a sociedade portuguesa muito beneficiou com a contribuição aberta e multifacetada da FLAD. ●

Eusebio Mugal-Leon

PROFESSOR, GEORGETOWN UNIVERSITY
WASHINGTON, D.C.

Testimonial

WHEN YOU THINK ABOUT ACADEMIC and intellectual exchanges between Portugal and the United States, the first institution that comes to mind is the Luso-American Development Foundation (FLAD). Over the past 25 years, it has played a vital role in the development of these links, illustrating well that you do not need an extraordinary endowment to make an important difference. FLAD has supported the research of hundreds of researchers in both countries (on topics ranging from oceanography to literature and linguistics, as well as history and political science), and it has had a profound influence on how Portugal is perceived and respected in the United States. Long before the phrase “soft power” was coined, there was an institution that excelled in its intelligent and strategic use – FLAD.

It is also fair to say that whenever FLAD is mentioned on either side of the Atlantic, the person whose name immediately comes to mind is that of its president, Dr. Rui Chancerelle de Machete. For the past twenty-five years, the institution and the man have been inextricably intertwined. A former Vice-Prime Minister and Minister of Defense, Machete had already earned a page in the history of modern Portugal as one of those who, in the aftermath of the April 1974 Revolution, had helped shift the balance in favor of democracy. Once this battle had been won, his challenge (one shared by a like-minded generation of Portuguese policy-makers) was to help this small nation-state pursue European integration, while simultaneously strengthening and expanding upon its traditional ties and friendships with Africa, Brazil, and the United States.

Partnerships based on language and culture (*lusofonia*) and an Atlantic vocation were at the core of this vision. So was the notion that Portugal – no less today than in the 15th and 16th centuries when it led the Discoveries – could retain its sovereignty and identity, while adapting to the world and harnessing the positive synergies associated with globalization, exchange, and interdependence.

Full disclosure requires me to say that I consider myself a good friend of Dr. Machete, and that Georgetown University, where I teach, has been the beneficiary of several grants from FLAD. My own interest in Portugal goes back nearly forty years, to the years of the Revolution of the Carnations. At the time I was a graduate student at MIT and I visited Lisbon in August 1975, while preparing an article on the role of the Portuguese Communist Party in the Revolution. Since then my research has taken me in other directions, but I still vividly remember that “hot summer” in Lisbon when I “discovered” and fell in love with Portugal and its people. I have so many wonderful friends in Portugal, and I met so many of them through FLAD. Almost from the date it was established, the Foundation became my “home away from home” on the other side of the Atlantic. Never have I been in Lisbon and failed to drop by that wonderful house in Lapa, the one with the beautiful gardens and the breath-taking views of the harbor. There, I always found a warm reception, interesting conversation, and stimulating seminars. In introducing me to the best minds of Portugal, FLAD opened my eyes to the manifold contributions this small country had made to the emergence of the modern Atlantic world. Even when I returned to Washington, I felt the influence of the Foundation. Whether at one of the many museums of the Smithsonian, the Woodrow Wilson International Center for Scholars, or some other emblematic venue, whenever there was an exposition or symposium on Portugal or the Lusophone world, FLAD could be counted upon to have been an architect of the event. Of all the expositions the Foundation helped sponsor, my personal favorites were the ones that focused on the Discoveries. They were a marvelous gift – one that helped Americans better understand

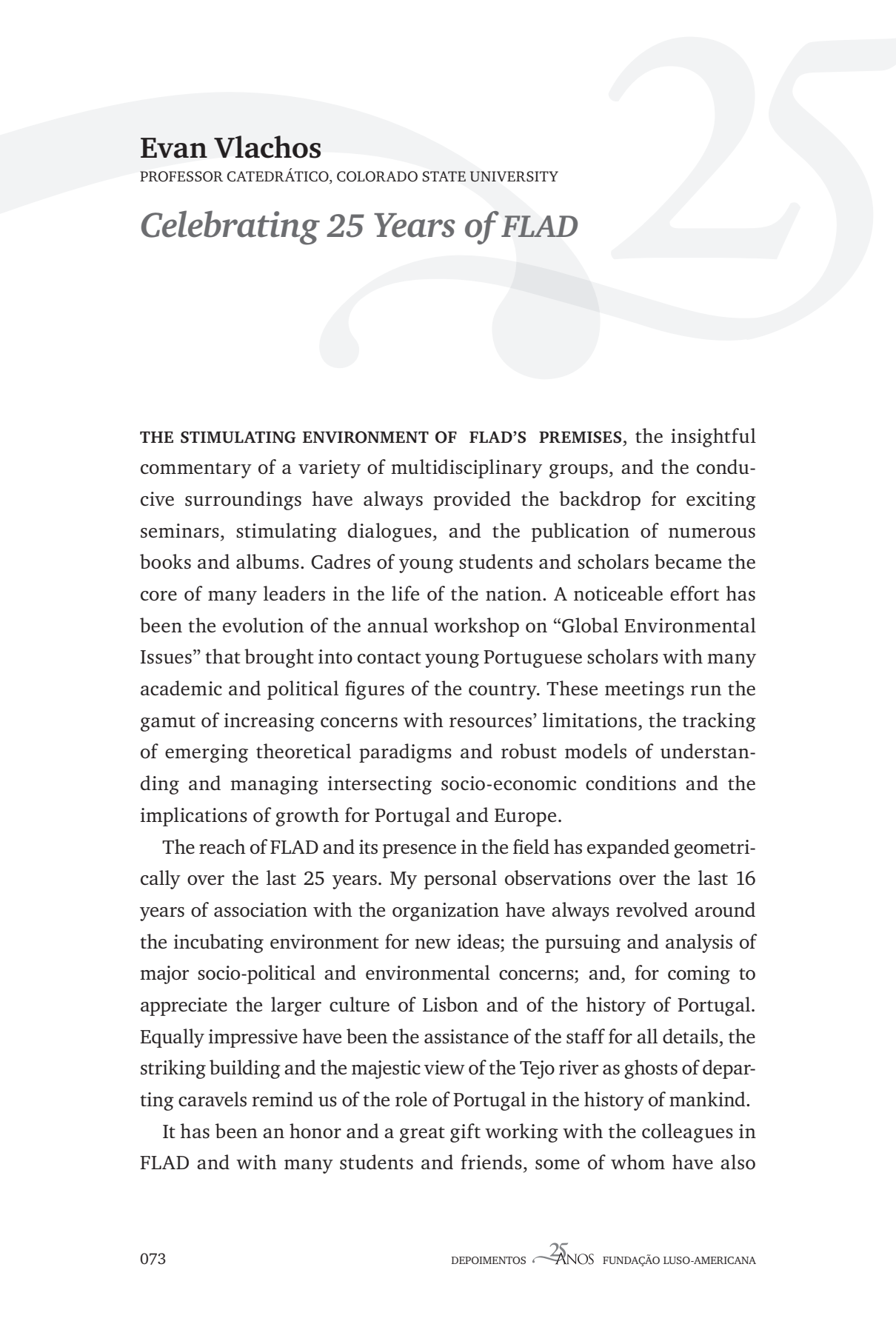
the crucial role Portugal had played five hundred years ago in paving the way for the modern era of globalization.

Given my longstanding interest in Portugal, I am particularly pleased to see FLAD and Georgetown University (where I have now taught for more than thirty years) working closely together. The FLAD-Georgetown partnership has been what we, in the United States, call a ‘win-win’ proposition, one that allows my University to reinforce the quality of its programs, while affording Portuguese scholars and students an academic home where they can research, study, teach, and lecture in Washington, D.C.. Georgetown students had produced several doctoral dissertations on Portugal in the 1980s and 1990s, but a more formal, institutional relationship began to develop a little more than ten years ago when our two institutions inaugurated the FLAD Visiting Professorship in the Department of Government at Georgetown. This initiative has been a resounding success, allowing a veritable “who’s who” of Portuguese political science and history professors (José Manuel Durão Barroso, Maria Carriho, João Cravinho, João Carlos Espada, Nuno Severiano Teixeira, António Costa Pinto, Luis Amado, and Vasco Rato) to showcase their talent. Ten years on, these contacts have had the intended multiplier effect as professors from Georgetown and other US universities participate in colloquia and conferences organized by the major Portuguese universities, as well as the Instituto Português de Relações Internacionais (IPRI). A new phase in the FLAD-Georgetown relationship opened in 2005 with the signing of an agreement that provided scholarships for Portuguese graduate students to attend the M.A. programs of our School of Foreign Service. That same agreement sponsored the participation of mid-level government functionaries from the Lusophone community to participate in the annual Georgetown Leadership Seminar and also supported annual seminars on Lusophone-related subjects. These conferences on literature, culture, immigration, and regional integration brought together leading academicians from Portugal and the United States, generated book

projects, and encouraged further collaborative work between scholars on both sides of the Atlantic. It is a relationship that I hope will continue to prosper.

All this may sound exceedingly dry, but it is a fact that cultural exchange, alongside commerce and investment, is the stuff that brings progress, enhances cooperation, and binds countries and societies together. Multiply what has been done at Georgetown by the hundreds of exchange and research agreements FLAD has forged with other leading U.S. universities. Consider the number of Portuguese and U.S. academics and intellectuals who have benefited from its scholarships and research support. Then, and only then, do we begin to appreciate the depth of strategic vision that shapes the activities of the Luso-American Development Foundation.

It is with heartfelt feeling that I congratulate FLAD on its first twenty-five years. I have little doubt that, over the next quarter century, the Foundation will continue to add to these extraordinary accomplishments, thus contributing to deepening the links between our two democratic and global societies. ●



Evan Vlachos

PROFESSOR CATEDRÁTICO, COLORADO STATE UNIVERSITY

Celebrating 25 Years of FLAD

THE STIMULATING ENVIRONMENT OF FLAD'S PREMISES, the insightful commentary of a variety of multidisciplinary groups, and the conducive surroundings have always provided the backdrop for exciting seminars, stimulating dialogues, and the publication of numerous books and albums. Cadres of young students and scholars became the core of many leaders in the life of the nation. A noticeable effort has been the evolution of the annual workshop on "Global Environmental Issues" that brought into contact young Portuguese scholars with many academic and political figures of the country. These meetings run the gamut of increasing concerns with resources' limitations, the tracking of emerging theoretical paradigms and robust models of understanding and managing intersecting socio-economic conditions and the implications of growth for Portugal and Europe.

The reach of FLAD and its presence in the field has expanded geometrically over the last 25 years. My personal observations over the last 16 years of association with the organization have always revolved around the incubating environment for new ideas; the pursuing and analysis of major socio-political and environmental concerns; and, for coming to appreciate the larger culture of Lisbon and of the history of Portugal. Equally impressive have been the assistance of the staff for all details, the striking building and the majestic view of the Tejo river as ghosts of departing caravels remind us of the role of Portugal in the history of mankind.

It has been an honor and a great gift working with the colleagues in FLAD and with many students and friends, some of whom have also

become major participants in the life of the nation. The Foundation opened new horizons of thinking and planning, on reflecting on the vagaries of history, and on the continuity of a rich culture. More than anything else, the very elegant and supportive environment of FLAD helped concentrate on the interrelationship between theory and practice; expanded the understanding of managing transboundary water resources; and made it possible to confront the difficulties planning and management in water scarce and water stressed environments. I hope and expect that in the many missions of the Foundation resources and the environment will continue the dialogue that began many years ago. ●



Fernando Neves

EMBAIXADOR DE PORTUGAL EM ROMA

Depoimento

A MINHA LIGAÇÃO À FLAD é anterior, ou ao menos coetânea, com a sua criação. No início dos anos 80, quando servia em Washington com o Embaixador Leonardo Mathias, tinha a meu cargo o pelouro do Acordo das Lajes e o acompanhamento do Congresso. As contrapartidas das Lajes tinham uma vertente militar e outra de apoio económico, através do denominado *Economic Support Fund* (ESF). Ora os Democratas, que detinham então a maioria no Congresso, aprovaram uma resolução que restringia drasticamente a concessão de ajuda militar a países terceiros, deste modo pondo em causa o montante dessas contrapartidas no plano militar, redução que à partida não seria compensada pela verba relativamente modesta prevista no quadro do ESF. Acresce que, no complexo processo de decisão americano, o respeito de compromissos financeiros, mesmo internacionais, assumidos pelo executivo, está sempre dependente da aprovação orçamental do Congresso, sendo que, no caso da ajuda externa, o Congresso aprova as verbas totais, consignadas aos destinatários que considera prioritários e o remanescente é rateado entre todos os outros países. Havia assim o risco de que não fossem honradas as contrapartidas previstas no Acordo das Lajes.

Ao tempo, era Presidente da Comissão de Relações Externas do Senado o Senador Claiborne Pell, Democrata, do Estado de Rhode Island. Embora Rhode Island seja um dos mais pequenos Estados da União, tem os mesmos dois lugares no Senado que a Califórnia ou o Texas. Sendo 14% da sua população de origem portuguesa, mantendo então Portugal na sua capital, Providence, um Consulado cuja presença

era muito apreciada pelas autoridades locais e cultivando a Embaixada um relacionamento intenso com os seus representantes no Congresso, as duas vozes de Rhode Island no Senado estavam sempre disponíveis para acolher as nossas pretensões. Acresce que Claiborne Pell tinha uma forte ligação a Portugal, que conhecia bem, pois seu Pai tinha sido Embaixador em Lisboa e ele próprio era detentor da Grã-Cruz da Ordem de Cristo, cujas insígnias muitas vezes ostentava com orgulho.

Ocorreu-me, então, procurar o *Chief of Staff* da Comissão de Relações Externas do Senado, Hans Christianssen, membro do Gabinete de Pell, como é ali prática, com quem mantinha uma boa amizade, para lhe expor o problema. Estava-se em plena Guerra Fria, com a Administração Reagan, na visão estratégica que levou à queda do Império soviético, a assumir uma atitude mais afirmativa no confronto com a União Soviética. Estratégia que congregava largo consenso mesmo entre os democratas. Fiz ver a Christianssen o papel que a consolidação da democracia em Portugal jogava nesse xadrez e que Portugal, saído da experiência de uma revolução que pesara em várias frentes na balança Leste-Oeste, se afirmava como um dos mais firmes e credíveis aliados dos EUA na defesa dos valores da democracia e da liberdade. Washington não nos podia deixar cair, não honrando os compromissos que tinha assumido no caso das Lajes. Seria dar poderosos argumentos aos nossos adversários. Christianssen, com a por vezes surpreendente capacidade de ouvir dos responsáveis americanos, não só ouviu, como logo captou a medida em que ali estavam em jogo interesses do seu país e, alguns dias depois, informou-me que o Senador Pell ia propor a consignação anual, para Portugal, de 80 milhões de dólares do ESF, no quadro do Acordo das Lajes. Daí teve origem o primeiro financiamento da FLAD que, julgo, apenas durou dois anos.

Acompanhei depois, por razões profissionais, mas também, senão sobretudo, afectivas, pelos laços de amizade que me ligam a tantos dos seus responsáveis, o desenvolvimento e a actividade da Fundação que, paulatinamente, soube afirmar-se na sociedade portuguesa e conferir uma nova e mais profícua dimensão às relações entre Portugal e os EUA.

Segui a equilibrada e criteriosa constituição de uma rara colecção de arte contemporânea portuguesa que, além do seu valor cultural e social, creio constituir um precioso património da Fundação.

Depois, no plano das relações externas, na clarividente visão, nem sempre bem compreendida, com que a FLAD soube dar um impulso determinante à compreensão da existência de uma forte complementaridade de interesses entre Portugal e os EUA em África, contribuindo para o desenvolvimento de parcerias e sincronias nesse contexto, tive o privilégio de participar em diversas iniciativas promovidas nesse domínio.

Também no campo da educação pude testemunhar o papel desempenhado pela FLAD no aproveitamento dos contactos e intercâmbios entre Universidades e estudantes dos dois países, a presença portuguesa que soube afirmar em prestigiadas instituições universitárias americanas, bem como, através de programas como o *German Marshall Fund*, promover o conhecimento mútuo entre a juventude dos dois lados do Atlântico.

Mas é no domínio da investigação científica que julgo que a actividade da FLAD, na óptica dos propósitos que levaram à sua constituição, terá sido mais profícua, desde logo para Portugal. Com uma estratégia clara, baseada num critério sensato e rigoroso, a política seguida pela Fundação permitiu, tirando o maior partido possível das potencialidades do relacionamento que lhe é próprio com as instituições americanas e com abertura à articulação com outras instituições e entidades nacionais, criar uma rede de contactos, uma grelha de avaliação e uma massa crítica de conhecimento que lhe conferiu uma visão global, diria política, das metas e necessidades desta área, que muito serviu para impulsionar entre nós a investigação científica, sobretudo quando esta se tornou uma prioridade nacional. Prioridade que, em larga medida devido à sua acção, tem entre nós tido um desenvolvimento assinalável, muitas vezes insuficientemente conhecido, mas onde reside o desígnio e a perspectiva de que, passada a tempestade originada por este anti-ciclone financeiro situado a Oeste dos Açores, Portugal possa entrar num período de crescimento sustentável e são.

Não resisto ainda a registar aqui que é para mim motivo de grande satisfação que o soberbo livro “Uma Casa na Lapa”, que ilustra e historia a magnífica sede da Fundação nasceu num encontro em minha casa, cujo objectivo bem diverso era familiarizar o então futuro Representante de Portugal na UNESCO com o projecto da EXPO 98. Também a inquieta curiosidade que perspassa a “cultura” da FLAD, deu origem, graças à acertada escolha do autor, a um contributo precioso para a História de Lisboa. E nenhum louro sabe melhor do que o que vem do mero acaso. ●

Fernando Ramôa Ribeiro

REITOR DA UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA

Depoimento

A IMPORTÂNCIA DA FLAD NO CONTEXTO DA VIDA CIENTÍFICA, académica e cultural do nosso País não cabe no espaço estreito que as acções concretas tendem a demonstrar.

A sua acção foi global e teve o enorme mérito de conseguir o fomento de cooperação entre Portugal e os Estados Unidos da América com particular destaque para o desenvolvimento de investigação científica, em que o apoio prestado aos investigadores portugueses permitiu que inúmeros projectos pudessem ser por eles prosseguidos em instituições americanas, com grande vantagem para todos e com reconhecida valia para a formação dos nossos investigadores e docentes universitários.

Reconheça-se que a FLAD teve sempre uma atitude activa, associando-se e intervindo em iniciativas de carácter inovador, como foi a criação do Taguspark, de que é membro fundador a par de outras entidades como as Universidades e Empresas.

O apoio concedido através de bolsas e prémios, e também de participação em iniciativas em que a investigação era o móbil principal, deram lugar à concretização de colaborações frutuosas, sem as quais o nosso País teria tido grande dificuldade em acompanhar a evolução dos avanços científicos e deles beneficiar.

Na realidade, da acção da FLAD ressalta uma visão de apoio ao Conhecimento, à Investigação e ao Intercâmbio Científico fruto de uma intervenção criteriosa e oportuna, a que os investigadores e docentes portugueses recorreram para prosseguir as suas aspirações e que viram

concretizadas mercê de uma Instituição que contribuiu, de uma forma notável, para o incremento do Saber e para a construção do Progresso.

De destacar ainda o elevado sentido institucional de que se revestiu a acção de todos os que deram voz e rosto às decisões da Fundação Luso-Americana, tornando fácil o diálogo e responsável o compromisso, sempre honrado pela superior competência dos seus corpos dirigentes. ●

Francisco Carvalho Guerra

PROFESSOR CATEDRÁTICO JUBILADO DA UNIVERSIDADE DO PORTO

Depoimento

A FUNDAÇÃO LUSO-AMERICANA PARA O DESENVOLVIMENTO (FLAD) tem prestado, ao longo dos vinte e cinco anos da sua existência, um valiosíssimo serviço a Portugal nomeadamente na área do Ensino Superior. A relevância desse serviço, passou muito, em meu entendimento, pelo estabelecimento de prioridades na atribuição de subsídios e pela promoção de estudos nas áreas de maior impacto e interesse para o desenvolvimento nacional. Privilegiou assim a educação superior e a investigação científica nas áreas da saúde, da informática, da robótica, dos recursos marinhos e florestais, para citar apenas aqueles que conheci melhor.

Referirei três projectos em que participei directamente.

Após instalação da Escola Superior de Biotecnologia da Universidade Católica no Porto, a FLAD concedeu um subsídio faseado ao longo dos anos, que permitiu o estabelecimento de uma estratégia de crescimento, que possibilitou a aquisição de equipamento, a vinda de professores e de consultores americanos, alguns ainda hoje ligados à Escola, a concessão de bolsas de estudo integradas num programa regular de intercâmbio entre a Escola e as Universidades Americanas envolvendo docentes e discentes. Este saudável desenvolvimento da Escola, apoiado essencialmente na formação de qualidade dos seus docentes, no seu reconhecimento internacional, e na aceitação dos seus licenciados, foram e são evidência bastante do sucesso do projecto.

O mesmo tipo de apoio, embora em menor escala, foi prestado à Licenciatura de Som e Imagem da Escola das Artes, também da Universidade Católica no Porto com estabelecimento de intercâmbios

frutuozos entre esta e várias escolas americanas. Projecto inovador em Portugal, não isento de riscos, mas que a FLAD não hesitou em compartilhar connosco.

Um outro exemplo, agora com o Centro de Citologia Experimental da Universidade do Porto, ligou-se à organização e promoção, durante mais de uma década, dos “Workshops In Experimental Biology”. Anualmente, eram realizados três a quatro cursos com a duração de três a quatro semanas cada um, ministrados pelos mais conceituados professores da moderna Biologia Celular e Molecular, o que permitiu aos vários docentes de Universidades Nortenhas que os frequentaram um enorme progresso científico e pedagógico por todos reconhecido.

Cite-se ainda nos recursos florestais e marinhos nacionais, a actividade desenvolvida pela Fundação Luso-Americana no estabelecimento de intercâmbios frutuozos entre instituições portuguesas e americanas, bem como na promoção de estudos conducentes às melhores estratégias para o seu desenvolvimento sustentável.

Traço comum, que directamente testemunhei, foi o arrojo e o efeito alavanca, nunca negados aos projectos que demonstrassem inovação e interesse para o desenvolvimento nacional. ●

Frank F. Sousa

PROFESSOR E DIRECTOR DO CENTER FOR PORTUGUESE STUDIES AND CULTURE
UNIVERSITY OF MASSACHUSETTS DARTMOUTH

A Fundação Luso-Americana e a Universidade de Massachusetts Dartmouth e a Promoção da Língua e Cultura Portuguesas

A RELAÇÃO ENTRE A FUNDAÇÃO LUSO-AMERICANA para o Desenvolvimento e a Universidade de Massachusetts em Dartmouth (UMD) remonta a 1994, aquando do lançamento do Curso de Verão em Português. Mas o verdadeiro início de uma colaboração fecunda que levou ao estabelecimento de vários programas na área de Estudos Portugueses nesta universidade, desde o *Center for Portuguese Studies and Culture*, em 1996, aos *Ferreira-Mendes Portuguese-American Archives*, em 2009, teve lugar numa reunião com o Dr. Rui Machete, organizada pelo Eng.º Luís dos Santos Ferro, na sede da Fundação, no Outono de 1995, quando me encontrava em Lisboa, numa *Fulbright Fellowship*, a terminar a pesquisa na Biblioteca Nacional que levaria à publicação de *O Segredo de Eça* (Edições Cosmos, 1996). Foi-me então sugerido o lançamento, na Fundação, dessa mesma obra em Fevereiro de 1996. O lançamento foi o pretexto para a primeira visita do reitor da UMD à FLAD e aí o projecto para Estudos Portugueses em Dartmouth começou, de facto, a ganhar perfil, tendo a Fundação participado na sua concepção e depois na sua concretização. Assim se desenvolveram os alicerces de um elo entre uma instituição civil portuguesa, a Fundação, e um parceiro da sociedade civil americana, a Universidade de Massachusetts Dartmouth. E tudo sob o signo de Eça! Isto também no contexto de uma universidade pública americana localizada no Estado de Massachusetts, onde se encontra a mais histórica comunidade portuguesa nos EUA, tendo hoje considerável representação política na Assembleia Estadual em Boston. Acresce que, no modelo universitário

americano de universidade pública, a colaboração entre o poder político e as universidades tem importância, tal como são também relevantes as relações que se estabelecem com mecenas, tanto regionais como nacionais e internacionais. Além do mais, a universidade deve estabelecer uma relação próxima, de *outreach*, com a região onde se encontra. Essas relações complexas, quando bem geridas, revestem-se de enorme importância na elaboração de novos programas académicos, editoriais e bibliotecários. Assim, o primeiro *grant* da Fundação, de Janeiro de 1997, permitiu a contratação de três professores, cujos salários foram em parte subsidiados pela Fundação durante cinco anos. Entretanto, esses três professores – Victor Mendes (língua e literatura portuguesas), Michael Baum (ciência política, com concentração em Portugal e a União Europeia), e Andrea Klimt (antropologia e estudos luso-americanos) – passaram a efectivos, com salários inteiramente assumidos pela universidade, sendo que o investimento da Fundação tem levado (e continuará a levar) a uma contrapartida americana muitas vezes superior ao subsídio inicial. De maior relevo foi o capital académico que três jovens professores na área de Estudos Portugueses aportaram para a vida intelectual e administrativa da universidade, cada um desenvolvendo projectos: Victor Mendes ajudou a fundar a revista *Portuguese Literary & Cultural Studies*, da qual é editor, e é agora director da Pós-graduação em Português; Andrea Klimt aumentou o currículo na área das ciências sociais com novos cursos sobre Portugal e a experiência luso-americana, sendo agora co-directora de uma colecção de livros dedicada à presença portuguesa na América do Norte e chefe do seu departamento; Michael Baum, por sua vez, adicionou cursos ao currículo do seu departamento e tem publicado ensaios e capítulos de livros sobre Portugal e a União Europeia; além do mais, dirige o seu departamento e também o Conselho Científico de toda a universidade e coordena o *Summer Abroad in Lisbon*, que conta já com oito edições.

Assim, estávamos cada vez mais bem posicionados para o passo seguinte no desenvolvimento dos Estudos Portugueses em Dartmouth:

o estabelecimento de um Departamento de Português, independente. Este passo – que colocou o Português em pé de igualdade com outros departamentos dentro da estrutura permanente da universidade – foi decisivo para tudo o que se seguiu em Estudos Portugueses. O apoio da Fundação permitiu, logo de seguida, a contratação da *scholar* e especialista em pedagogia Anna Klobucka.

Em 2001, a Fundação jogou outra vez um papel decisivo, desta feita na criação da *Hélio and Amélia Pedroso/Luso-American Foundation Endowed Chair in Portuguese Studies*, quando o Estado de Massachusetts, através da sua Legislatura, disponibilizou verba para a criação de cátedras em todo o sistema da Universidade de Massachusetts, na condição de cada uma ser financiada em parte através da angariação de fundos (*matching funds*). Com efeito, esta cátedra rotativa de professores convidados tem contribuído para o prestígio dos programas de mestrado e doutoramento, os quais foram criados em 2004 e 2007, respectivamente, sob a liderança de Victor Mendes e Anna Klobucka e com apoio tanto da Fundação como do Ministério dos Negócios Estrangeiros de Portugal.

Entretanto, em 2005, foi estabelecido o *Ferreira-Mendes Portuguese-American Archives Endowment*, com apoio considerável de luso-americanos e, uma vez mais, da Fundação. Esse fundo levou à contratação de dois professores na área de Estudos Luso-Americanos. Os *Archives* foram oficialmente inaugurados em Setembro de 2009, num espaço novo e nobre na *Claire T. Barney Library*, desta universidade. Os Arquivos, também apoiados pelo Governo da Região Autónoma dos Açores, dedicam-se à preservação e conservação de acervos documentais relacionados com a experiência luso-americana, experiência essa que remonta pelo menos até antes da Revolução Americana.

Tal como uma bola de neve rolando, o aspecto interdisciplinar dos Estudos Portugueses tem aumentado de departamento em departamento, inclusive no de História, onde Tim Walker, com um livro publicado sobre a medicina popular em Portugal no século XVIII, foi especificamente contratado para conceder apoio aos Estudos Portugueses,

a partir dessa disciplina. No total, a universidade conta agora com 14 professores cuja área de investigação é Portugal e o mundo de língua portuguesa.

A Fundação também acompanhou o lançamento das colecções *Portuguese in the Americas Series*, onde já saíram 12 volumes desde 2003, e a *Adamastor Book Series*, dirigida por Victor Mendes e dedicada à tradução de livros fundamentais da cultura portuguesa, tais como *Sonnets and Other Poems*, de Camões, na excelente tradução de Richard Zenith, e *The Sermon of Saint Anthony to the Fish and Other Texts*, do Pe. António Vieira, na tradução de Gregory Rabassa.

Na área de manuais para o ensino do português, o Centro publica a *Portuguese-Language Textbook Series*, que deu à estampa, em 2004, *Mais um Passo no Português Moderno*, de Francisco Cota Fagundes, da Universidade de Massachusetts Dartmouth, o único manual hoje disponível para o ensino de gramática avançada, composição e introdução à leitura do conto lusófono. Nessa mesma frente da defesa estratégica da língua portuguesa, a Fundação e o Centro colaboraram na publicação de *Ponto de Encontro: Portuguese as a World Language*, de Anna M. Klobucka et al., o primeiro manual de língua portuguesa a ser publicado por uma grande editora americana, a *Prentice Hall*.

A Fundação e o Centro também colaboraram na organização de uma segunda visita de Saramago, em 2002, que o levou a eventos na *New York Public Library* – com a participação do grande crítico americano, Harold Bloom – e na *John F. Kennedy Library*, em Boston, com a participação da *Massachusetts Foundation for the Humanities* (equivalente à *National Endowment for the Humanities* a nível do Estado). Estas e tantas outras actividades que contaram com o patrocínio da Fundação têm colocado a cultura portuguesa em instituições civis de grande relevo deste lado do Atlântico. O mesmo aconteceu na direcção contrária, com as visitas de Harold Bloom a Portugal em 2001 e de George Steiner – que também intelectual americano é – em 2002.

Afinal, esta vocação transatlântica que caracteriza a relação entre a Fundação Luso-Americana e a Universidade de Massachusetts Dartmouth

tem contribuído substancial e fundamentalmente para o desenvolvimento de um Programa de Português hoje reconhecido nos Estados Unidos e pelo mundo fora. A língua e a cultura portuguesas e o mundo lusófono têm maior visibilidade e expansão, devido a programas que são o fruto de esforços de instituições da sociedade civil de cada um dos países, do sector público e privado, e de uma comunidade luso-descendente, muitas vezes, ao longo dos anos, em posição subalterna, económica e culturalmente, mas que, pela primeira vez, tem contribuído para a promoção da língua e cultura portuguesas numa universidade americana de forma tão expressiva, em termos financeiros e políticos. Ficam assim mais reforçados os vínculos culturais entre luso-descendentes e Portugal, entre os Estados Unidos e Portugal.

A colaboração entre a Fundação Luso-Americana e a Universidade de Massachusetts Dartmouth tem ido ao encontro da vocação principal, assinalada no nome da Fundação, de estreitar os laços de amizade e de colaboração científica e cultural entre os Estados Unidos da América e Portugal. Nesse processo, esperamos que o trabalho do Centro de Estudos Portugueses, do Departamento de Português, a que se junta agora a contribuição dos *Ferreira-Mendes Portuguese-American Archives*, continue nesse sentido e talvez venha a servir de modelo, no que for relevante, no desenvolvimento de outros programas na área de Estudos Portugueses. Porém, com os três volumes da *Portuguese Literary & Cultural Studies* dedicados à África lusófona, outros três ao Brasil, e outro, prestes a sair, sobre a Ásia, os Estudos Portugueses em Dartmouth pretendem, a par da Fundação, criar um espaço que, embora de afinidades especiais com Portugal, esteja aberto a toda a lusofonia, ao mesmo tempo que estabelece ligações, ao mais alto nível, com o *mainstream* americano através de traduções e de outras actividades de índole académica, inclusive a preparação de novas gerações de professores de Português para o ensino universitário e não só. ●



G. Mathias Kondolf

PROFESSOR OF ENVIRONMENTAL PLANNING
AND CHAIR OF THE PORTUGUESE STUDIES PROGRAM
UNIVERSITY OF CALIFORNIA, BERKELEY

Testimonial

IT IS A PLEASURE TO RECOUNT MY EXPERIENCES with FLAD and how FLAD has helped to shape my research and the curriculum at Berkeley. My first experience with FLAD was in June 1995, when I participated in a conference on waterfront redevelopment. This was also my first trip to Portugal, so the experiences are inextricably mixed. I already knew Graça Saraiva and Teresa Ferreira (both ISA at the time) from international conferences, and I knew that there were strong parallels between our Mediterranean-climate rivers and strong potential for fruitful collaboration. However, I was not prepared for the experience of walking the streets of Lisbon and traversing the Alentejo landscape. Simply put, I fell in love with Lisbon and Portugal, which I find has more soul than any other land, old world or new.

My experiences in Portugal have impressed up me the pervasive influence of the Mediterranean climate on patterns of human settlement and resource use, manifest in infrastructural and institutional adaptations in Mediterranean-climate regions worldwide. Some of the characteristics of Mediterranean climate regions that pose challenges to natural resource management, land-use planning, and design of the built environment include summer drought, highly seasonal precipitation and river flow and adaptations to these conditions by biota, high inter-annual variability in precipitation, episodic floods and sediment transport. Irrigation and water diversions alter the seasonality of flow and the perennial/intermittent patterns of streams and rivers in this region. To reduce uncertainty in water availability in Mediterranean-climate

regions, societies have developed legal and institutional arrangements allocate water supplies, and water supply and control infrastructure at a scale far exceeding that degree of control seen in more humid climates. One might expect that environmental planners and designers in California would actively look to the Mediterranean basin for design precedents and solutions to these challenges. While this has been done in some cases, the strong parallels among Mediterranean-climate regions have not been systematically recognized, nor fully developed as organizing themes in teaching and research.

While the commonalities in climate lead to similar river characteristics, the management regimes are quite different between California and the EU. Recent innovations in water management in the European Union create further opportunities for fruitful comparative studies. The EU Water Framework Directive (WFD), adopted in 2000 and currently being implemented by its member states, represents a bold change in river management. The WFD emphasizes catchment-scale, participatory and economically-sound approaches to water management. For students of water resource management in the U.S., the WFD embodies many changes recommended for American water management for over a century, but which have generally not occurred because of institutional and political barriers. The potential application of lessons from the EU experience to California is especially timely as the California legislature attempts to reform the current system of water management, spurred by intensifying water shortages, precipitous declines in populations of native fish, and the urgent need to develop new management strategies for water and land in the Sacramento-San Joaquin Delta, the hub of the state's water system. In both the EU and U.S., tapped-out rivers will become more problematic as climate increases the variability of precipitation in Mediterranean-climate landscapes.

Since 1996, I have worked with Graça Saraiva and colleagues on a variety of topics relevant to our Mediterranean-climate rivers. In 2004, my Berkeley colleague Louise Mozingo and I taught a workshop with Graça on the *Aqueduto das Águas Livres* involving students from ISA,

IST, and Architecture. Then beginning in 2005, I developed a new course, Mediterranean-Climate Landscapes, through which students learned about particular characteristics of Mediterranean-Climate rivers, institutional arrangements for water management in the U.S. and EU, and conducted interdisciplinary team projects. As part of this course, in 2005, 2007, and 2009, I brought ten to fifteen Berkeley students to Portugal for workshops with Portuguese students on water management in rivers and streams of the Lisbon region and the Estremadura, culminating in conferences in the FLAD auditorium and publications. These workshops have been supported by FLAD and (for Berkeley student travel) the Pinto-Fialon fund. In addition, about fifteen Berkeley graduate students have conducted follow-up research on Portuguese rivers, most of which are posted on the PSP webpage under student research. As an illustration of the influence of the workshop experience on students, one of the student participants in the 2005 workshop, Juliet Christian-Smith, began taking Portuguese language courses and successfully applied for a Fulbright fellowship with which she spent a year in Lisbon and Porto following her PhD. Building upon my experiences in Portugal and California, I and colleagues in environmental science, aquatic ecology, analysis of institutions, and natural resource economics have developed an interdisciplinary research program, *Adaptation to Variability: Water Management in Mediterranean Climates* for which we have just received funding from the Institute of International Studies to support ongoing meetings, workshops, and graduate student researchers.

In summary, my research and teaching interests have been profoundly shaped by my experiences in Portugal, and through my love of Portugal and commitment to comparative studies with California, many of my faculty colleagues and dozens of our graduate students have learned about Portuguese rivers, the WFD, and perhaps most importantly, have developed lasting friendships and professional networks with Portuguese colleagues. ●





Graça Machel

PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DA COMUNIDADE

Parceria entre a FLAD e a FDC

A FUNDAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DA COMUNIDADE (FDC) e a Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento (FLAD) são duas instituições da sociedade civil que partilham os mesmos ideais em relação ao desenvolvimento e à valorização do factor humano. Também acreditam na importância de juntar pessoas que tiveram o mesmo passado para discutirem assuntos de interesse comum em prol de um mundo melhor. As fundações estão melhor posicionadas para desempenhar este papel razão pela qual a FDC e a FLAD facilitam o intercâmbio de ideias, culturas e a aproximação de pessoas.

Em princípios da década de noventa, o Presidente da Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento, Dr. Rui Machete, teve a visão de expandir o leque de parcerias da sua Fundação, passando a trabalhar não só com as fundações americanas mas também com as do mundo lusófono, em particular África. Foi assim, que contactou a Fundação para o Desenvolvimento da Comunidade para explorar a possibilidade de estabelecer uma parceria na área da educação e permitir a sua integração em assuntos da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa.

Esta parceria teve como resultados a integração da FDC nas Fundações da CPLP, a participação nos encontros das Fundações Europeias, nos encontros nacionais das Fundações Portuguesas e também a sua eleição como membro Observador da CPLP, o que lhe dá a oportunidade de participar nos encontros convocados pelo Secretariado Executivo. No âmbito desta parceria, também foi possível implementar um projecto de bolsas de estudo em Portugal que beneficiou até ao momento onze raparigas

moçambicanas vindas de famílias carentes. Algumas das bolsseiras já terminaram os seus estudos e encontram-se a contribuir para o desenvolvimento das suas famílias e comunidades nos seus locais de origem.

Decorrente do nosso envolvimento com a FLAD e com outras fundações e instituições do mundo lusófono, temos a registar o estabelecimento de outras parcerias bilaterais com outras instituições tais como: a Fundação Gulbenkian, a Universidade de Évora, o IPAD, entre outros.

Registamos com apreço o financiamento da FLAD para a participação da FDC em vários encontros das Fundações da CPLP e nos encontros nacionais das Fundações Portuguesas, o que contribuiu para o nosso crescimento como instituição de referência, não só no mundo lusófono mas também no resto do mundo.

Em Setembro de 2008 a FDC teve a honra de hospedar, em Maputo, o 5º Encontro das Fundações da CPLP com objectivo de partilhar experiências e discutir assuntos de interesse comum, bem como expor as fundações moçambicanas nessa importante rede das fundações da CPLP, na esperança de que possam reconhecer a sua importância e que dela possam passar a fazer parte. O encontro serviu também para mostrar que, apesar dos desafios que o nosso País enfrenta, tais como a pobreza, a incidência do HIV/SIDA e calamidades naturais, há progressos assinaláveis na preservação da paz, aprofundamento da democracia, crescimento económico e desenvolvimento social.

Seguindo o exemplo da FLAD, a FDC tem estado a promover a participação das fundações moçambicanas nos encontros de Fundações da CPLP. Em 2007, financiámos a participação da Fundação Lurdes Mutola no 4º Encontro das Fundações Lusófonas, que teve lugar em Luanda, Angola.

Em 2008 organizámos o 1º Encontro Nacional das Fundações Moçambicanas, que teve como objectivos partilhar informações sobre o trabalho que cada uma realiza e definir os planos de acção de interesse comum.

Aproveitamos esta oportunidade para apresentarmos os nossos melhores agradecimentos ao Presidente da FLAD e membros do executivo pelo seu apoio ao desenvolvimento da FDC e de Moçambique. ●

Isabel Ferreira Gould

DIRECTORA DO PROGRAMA DE LÍNGUA E CULTURA PORTUGUESA
UNIVERSITY OF NOTRE DAME

Depoimento

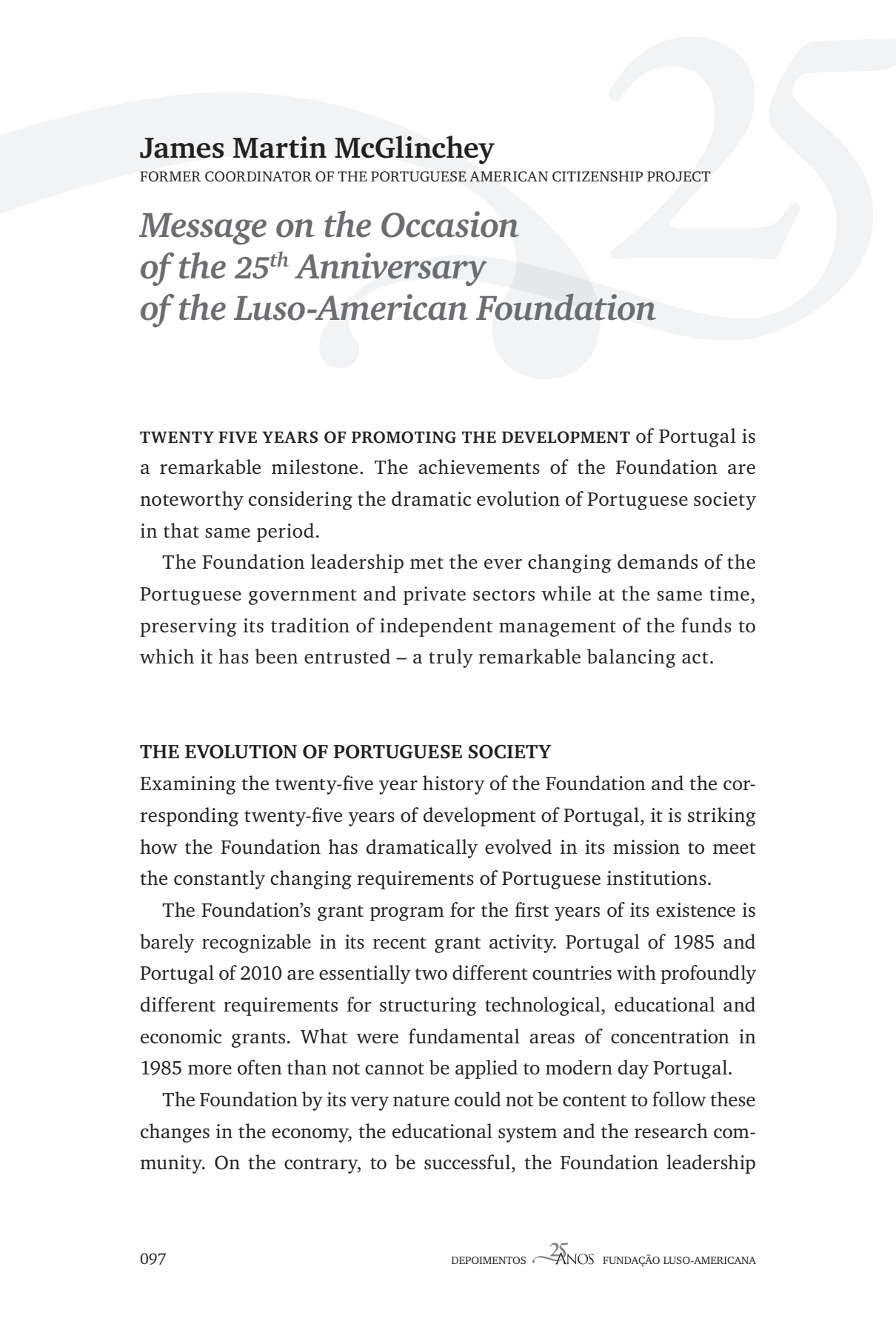
PELA CIRCUNSTÂNCIA DE SE CELEBRAREM os vinte e cinco anos da existência da Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento, quero por este meio endereçar na ilustre pessoa do senhor Dr. Rui Machete, e de seus ilustres colaboradores, os meus sinceros agradecimentos e saudações.

É com muita emoção que relembro o grande apoio que esta Fundação dá para a divulgação e ensino da língua e cultura portuguesas quer aqui nos Estados Unidos da América, quer em outras partes do mundo. A língua portuguesa tem sido, com a ajuda da Fundação, amplamente divulgada e todos nós compreendemos que a palavra é o principal elemento estratégico para a harmonia, compreensão e desenvolvimento de povos e nações de características diferentes. Por este motivo, cumprimento o Presidente do Conselho Executivo da Fundação.

Eu própria e as instituições aonde tenho estudado e trabalhado temos sido ajudadas e, sem o vosso apoio, o nosso trabalho seria reduzido. Fui bolsreira da Fundação Luso-Americana na *Brown University*, durante os anos lectivos de 1994-1996. O apoio que recebi da Fundação foi indispensável ao meu desenvolvimento intelectual no programa de mestrado e doutoramento nesta instituição de ensino superior americana. Mais tarde, na *University of Notre Dame*, durante o ano lectivo de 2007-2008, tive o privilégio de receber uma bolsa da Fundação, que me permitiu fazer investigação em Portugal e continuar a desenvolver a minha tese de doutoramento com vista a transformá-la em livro. A *University of Notre Dame*, onde lecciono actualmente, tem recebido apoio institucional da

Fundação desde o ano lectivo de 2006-2007. Com este apoio conseguimos criar e desenvolver um Programa de Português que hoje atrai mais de uma centena e meia de alunos e que é motivo de orgulho da *University of Notre Dame*. A Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento não tem apenas apoiado as nossas iniciativas e acções; ela tem sobretudo desempenhado um papel crucial na disseminação da língua, da cultura e de valores humanistas.

Aproveito esta oportunidade para cumprimentar e elogiar os esforços e a dedicação da Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento. ●



James Martin McGlinchey

FORMER COORDINATOR OF THE PORTUGUESE AMERICAN CITIZENSHIP PROJECT

Message on the Occasion of the 25th Anniversary of the Luso-American Foundation

TWENTY FIVE YEARS OF PROMOTING THE DEVELOPMENT of Portugal is a remarkable milestone. The achievements of the Foundation are noteworthy considering the dramatic evolution of Portuguese society in that same period.

The Foundation leadership met the ever changing demands of the Portuguese government and private sectors while at the same time, preserving its tradition of independent management of the funds to which it has been entrusted – a truly remarkable balancing act.

THE EVOLUTION OF PORTUGUESE SOCIETY

Examining the twenty-five year history of the Foundation and the corresponding twenty-five years of development of Portugal, it is striking how the Foundation has dramatically evolved in its mission to meet the constantly changing requirements of Portuguese institutions.

The Foundation's grant program for the first years of its existence is barely recognizable in its recent grant activity. Portugal of 1985 and Portugal of 2010 are essentially two different countries with profoundly different requirements for structuring technological, educational and economic grants. What were fundamental areas of concentration in 1985 more often than not cannot be applied to modern day Portugal.

The Foundation by its very nature could not be content to follow these changes in the economy, the educational system and the research community. On the contrary, to be successful, the Foundation leadership

had to be in front of these trends to fulfill its mission to advance the capabilities of Portuguese society to meet the challenges of the 21st century.

The Foundation and its leadership are to be congratulated for serving as an organization which has led, rather than followed, the tidal wave of progress Portugal has enjoyed in the past twenty-five years.

THE FOUNDATION AND THE UNITED STATES

The contribution of the Foundation is based on this ability to formulate a coherent grant program which anticipated the demands of the changing political and economic environment of Portugal. Moreover, with stable leadership, the Foundation has occupied a unique position in the development of Portugal and in the evolution of Portugal's trans-Atlantic relationship with the United States.

On the one hand the Foundation is not a policy-making institution, but it has often served as the *sine qua non* of successful governmental and quasi-governmental programs; the Fulbright program, support for Portuguese studies in U.S. universities, sponsorship of journalists, and U.S. scholarships for Portuguese graduate students in the United States. All of these efforts would not have had the impact they have had without the support of the Foundation.

Administration of these programs is not a small task but their management is dictated by well established regulations. The Foundation made its most distinctive contributions in taking on specific long-standing issues and developing comprehensive programs to address these problems – issues which no other organization could or would confront.

In 1992, I was introduced to the Luso-American Foundation in my capacity as the Economic Counselor of the U.S. Embassy in Lisbon. In the succeeding eighteen years, I have worked closely with the Foundation in an official capacity and as a private citizen on diverse matters, such as the promotion of the Bilateral Tax Treaty between our two countries, participating in Foundation sponsored seminars on issues of

common interest between our two countries, collaborating on visits to Portugal by U.S. political and community leaders and organizing a program of work to address the problem of deportations of Portuguese citizens from the U.S.. My most recent and most intensive collaboration with the Foundation was serving as Coordinator of the Portuguese American Citizenship Project.

As a retired diplomat, I can attest to the fact that no matter how committed one is to the country of assignment, the reality is that customarily after three to four years, personnel move on and policies change with new leaders. Periodic turnovers of leadership are a byproduct not only of the diplomatic service but are a basic tenet in management of many organizations.

The benefits of turnover of leadership however come at a cost in maintaining coherence of programs and policies. Limited terms of office constrain multi-year policy planning; yet long standing problems unfortunately can rarely be resolved with short-term solutions.

The Portuguese American Citizenship Project is an example of an initiative that required a long-term dedicated program of management and support to succeed.

THE PORTUGUESE AMERICAN CITIZENSHIP PROJECT

Over the last twenty-five years, virtually every senior Portuguese government official has encouraged Portuguese Americans to become more actively involved in the U.S. political process. Yet despite these public statements by leaders on both sides of the Atlantic, no organization either in Portugal or in the United States was in a position to meaningfully address this issue until the Foundation stepped in to confront the problem.

Portuguese American communities have had a long history of programs to foster citizenship and civic participation. These efforts to promote responsible citizenship are marked by extraordinary personal commitment of concerned volunteers to improve their communities.

Nonetheless, the separate projects promoting civic participation are notable by the absence of shared strategies. Interaction among interested individuals and organizations within the local community has been limited. Cooperation between communities within a state has been rare. Inter-state cooperation among Portuguese American communities in neighboring states had not taken place.

From its beginning, the Foundation leadership determined that a strong, well organized and active Portuguese community represented a fundamental strength in Portugal's trans-Atlantic relationship with the United States.

When the Foundation inaugurated the Citizenship Project in 1999, it was intended to promote civic involvement by fostering greater cooperation among the local communities. With this commitment, the Foundation also demonstrated two things. First, it was willing to work on high risk projects with the Portuguese American community to address what many had come to believe was a serious weakness. Second, and of equal importance, the Foundation was committed to the long haul.

When the Project was first conceived as a two- to three-year project, the Foundation President Dr. Rui Machete, a political leader with extensive experience in the world of elections and voter mobilization, suggested that the Project was more like a ten-year than a three-year effort. To the best of my knowledge, no other organization had the substantive knowledge, the resources, and the patience to allow the Project to develop over such an extended period of time.

Over the past ten years, we have accomplished a great deal but we need to do much more if we are to be successful. It is largely because of the Foundation's willingness and unique ability to stand by these long-term commitments, however, that we were able to achieve what we have.

THE FUTURE OF THE LUSO-AMERICAN FOUNDATION

A 25th anniversary is a milestone and not an end post. On the contrary, although much work has been accomplished, a great deal of work remains to be done.

It is however difficult to predict how and where the Foundation can best apply its resources to foster development in Portugal. Some persistent problem areas must be continually attacked. Demands by Portuguese institutions for the Foundation's attention five or ten years from now are less well known.

The only certainty is that forward thinking and flexible policy-making, which was an essential element of the successes enjoyed in the past, will be no less essential to its endeavors if the Foundation is to succeed in the future. ●



João Carlos Gomes-Pedro

MÉDICO E PROFESSOR CATEDRÁTICO DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

Depoimento

NA COMEMORAÇÃO DO 25.º ANIVERSÁRIO da Fundação Luso-Americana é para mim uma honra e uma profunda satisfação fazer um depoimento, ainda que breve, sobre o cruzamento da minha trajectória pessoal, científica e cultural com a história da Fundação.

O percurso da minha vida profissional e científica nos últimos vinte e cinco anos é o de uma interacção luso-americana plena, apadrinhada em vários domínios pela Fundação Luso-Americana.

Direi que o domínio mais marcante em termos de apoio à mudança foi e é o da Educação.

A preocupação do Homem pela Educação, particularmente no que se refere aos mais novos dos seus semelhantes, tem o tempo da sua História.

Assim é que o estudo do intelecto humano e o modo como o ser humano aprende tem, desde sempre, fascinado filósofos, educadores, psicólogos e todos os mais para quem a Educação é um fenómeno de cultura e de progresso.

A história da Educação Médica e, de um modo especial, a história da Educação Médica Pediátrica é algo de recente, porém implicadas, estruturalmente, numa filosofia de mudança.

O envolvimento que a seguir descreverei, por parte da Fundação Luso-Americana, inseriu-se numa dinâmica de mudança.

Um processo de «Mudança» constitui sempre um desafio intelectual e moral que se confronta com todo um cortejo de resistências já individualizadas pelos especialistas.

Só é possível mudar quando há sonhos na alma.

Nesta coerência, antecipatório ao comportamento, o que é por demais significativo é o «olho da alma» na designação socrática.

Mais que um apoio pontual foi uma intervenção inspiradora de uma filosofia de Missão o que sempre encontrei enquanto disponibilidade, abertura e estímulo, na Fundação Luso-Americana.

Direi que os afectos e a Admiração pela pessoa do seu Presidente, Prof. Doutor Rui Machete, não escondem a justeza de uma análise avaliativa a que nos obriga a exigência universitária.

Só como exemplos referir-me-ei agora a algumas das intervenções representativas do papel que a FLAD tem desempenhado no que classifico de mudança histórica da Educação Médica.

Em 1993, é criado na Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa o Departamento de Educação Médica (DEM), primeiro departamento científico na área da Educação numa Faculdade de Medicina portuguesa.

Logo após ter sido criado, o DEM é interventor activo na vida educacional da faculdade, designadamente através de várias actividades culturais estruturantes de um contexto de mudança em Educação Médica.

A Fundação Luso-Americana acolheu, na sua sede, um dos Saraus de Arte promovidos pelo DEM – «Arte, Música, Dança e Educação» – a que se dignou assistir o Presidente da Fundação.

Acreditamos que será a Arte da Educação o que fará vingar a transmissão motivadora do conhecimento científico inspirado em valores que já em Aristóteles eram tidos como a Arte da razão.

A nossa crise universitária continua a ser uma crise de Arte.

O Departamento de Educação Médica, na coerência do explanado, cria em 1995 o primeiro Mestrado em Educação Médica em colaboração com a *University of Wales College of Medicine* com a duração de quatro semestres.

Foi esta a semente de viragem, «apoiada» em várias circunstâncias pela Fundação Luso-Americana.

Uma das actividades decorrentes deste Mestrado foi a organização do Simpósio Internacional organizado pelo DEM, em Lisboa, intitulado

Medical Education and Research in the Mandatory Training Period (pre-registration year).

Na Educação Médica Pediátrica os últimos vinte e cinco anos foram os de uma mudança radical de conceitos e de modelos.

Aquilo que chamámos de «Nova Pediatria» decorreu de uma intensa colaboração científica Luso-Americana em muito sediada numa profunda simbiose de modelo garantida por uma profunda Amizade e colaboração entre mim próprio, o meu grupo e o Prof. Berry Brazelton da Universidade de Harvard.

Destacarei, entre muitas actividades conjuntas, a realização em 2002 do Encontro Internacional «Mais Criança – as necessidades irredutíveis» apoiado pela Fundação a qual garantiu, também, a publicação do livro bilingue – *As Necessidades Irredutíveis da Criança – The Irreducible Needs of Children*, publicado em 2005.

A criação do Centro Brazelton na Clínica Universitária de Pediatria, centro difusor da filosofia *Touchpoints* e do paradigma *Avaliação neuro-comportamental do Recém-Nascido* culminou, em 2010, com a criação da «Fundação Brazelton/Gomes-Pedro para as Ciências do Bebê e da Família» de que é instituidora a Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento.

Estamos, outra vez, num *touchpoint* de mudança.

De novo e continuamente, a Fundação Luso-Americana está na vanguarda de um novo modelo educacional.

Nesta hora e nesta oportunidade presto homenagem, com gratidão e vénia ao Prof. Doutor Rui Machete que tem inspirado, de modo tão sublime, esta Ciência do Humano, paradigma dum progresso feito coerência. ●



João de Vallera

EMBAIXADOR DE PORTUGAL EM WASHINGTON, D.C.

Depoimento

A COMEMORAÇÃO DO 25º ANIVERSÁRIO da Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento (FLAD) – a que com satisfação me associo – oferece, para além do contexto formal da celebração da efeméride, uma oportunidade para assinalar os muitos sucessos e a relevância da vasta obra que realizou desde 1985, quando a sua criação inaugurou um novo capítulo no sólido e frutuoso relacionamento que se desenvolve entre Portugal e os Estados Unidos. Sugere também o merecido louvor a quantos, animados por um grande desafio, fizeram nascer uma nova instituição a partir do seu conceito inicial, definindo-lhe prioridades e sabendo traçar-lhe os rumos adequados para melhor concretizar os seus objectivos. Como resultado desse continuado esforço, a FLAD tornou-se uma pedra angular e um ponto de referência incontornável no processo de aproximação das sociedades civis dos dois países. E neste contexto, porque com a sua história se confunde desde a génese, cabe uma palavra de muito especial reconhecimento ao seu Presidente, Dr. Rui Machete.

Não me cabe fazer uma sinopse do percurso da FLAD, nem dissertar sobre a globalidade da obra que realizou. Outros o farão com maior propriedade e conhecimento de causa. Mais adequada e elucidativa parece-me, porventura, a tarefa de identificar uma amostra representativa de iniciativas e de projectos mais recentes – que tive o privilégio de acompanhar de perto – que exemplificam a importância do papel desempenhado pela FLAD nos plurifacetados domínios das suas áreas prioritárias de intervenção, que por vezes apoiam e amiúde se cruzam, em distintas sinergias, com a actividade da Embaixada de Portugal em Washington.

Começando pela Cultura, recordo como, poucos meses depois da minha chegada a Washington, a riqueza do espólio cultural e a noção de primeira globalização associadas aos descobrimentos portugueses ficaram magnificamente evidenciadas através da exposição *Encompassing the Globe*, realizada com o generoso patrocínio de diversas instituições públicas e privadas portuguesas, entre elas a FLAD. Essa notável exposição produzida pela *Smithsonian Institution*, por intermédio da *A.M. Sackler and Freer Gallery*, que esteve patente em Washington durante parte da terceira Presidência Portuguesa da União Europeia e à qual acorreram perto de quatrocentos mil visitantes, ficou conhecida como o principal marco cultural e civilizacional português exibido na capital americana.

Durante o semestre da nossa Presidência da U.E., a FLAD apoiou também a realização de três conferências que a Embaixada organizou, em colaboração com conhecidas Fundações e *think tanks* sediados nesta capital, dedicados ao Médio Oriente, ao Mediterrâneo e à Pena de Morte. A apresentação da edição de 2007 da sondagem anual, conduzida pelo *German Marshall Fund* com co-patrocínio da FLAD, sobre a percepção cruzada das opiniões públicas americana e europeias sobre temas relevantes para as relações transatlânticas teve lugar na Embaixada de Portugal.

Pela mesma altura, e durante um período superior a um ano, a FLAD expunha na Chancelaria da Embaixada uma significativa mostra de vinte e oito obras de dezanove artistas portugueses, nomes cimeiros das três últimas gerações da arte contemporânea portuguesa.

Ainda no domínio da Cultura, tem-se revelado indispensável o investimento da FLAD na promoção e divulgação da língua portuguesa nos Estados Unidos. Os apoios de variada natureza que tem vindo a conceder aos centros de estudos portugueses sediados em universidades norte-americanas (nomeadamente nas de Massachusetts, em Dartmouth, da Califórnia, em Berkeley e Santa Bárbara, Brown, Chicago e Yale) deixam uma marca indelével e merecem especial reconhecimento. Tal distinção estende-se ao projecto seminal *Portuguese Language Initiative*, lançado em 2003, por significar uma contribuição basilar para a reestruturação do ensino do português nos EUA. Desde a mesma altura tem a FLAD

desenvolvido intensos contactos com o *College Board*, instituição de carácter privado que administra os exames de acesso ao ensino superior nos EUA, com vista à criação de um SAT II de Língua Portuguesa, cuja aceitação não só contribuiria para colocar o ensino do português no *mainstream* do sistema educativo americano, como constituiria um sério incentivo para a preservação do uso do português na comunidade luso-americana e para o aumento da procura do nosso idioma aos níveis dos ensinos básico e secundário americanos. A inclusão da língua portuguesa, em 2008, no prestigiado programa de verão da *Concordia Language Villages*, no Minesotta, deve-se também ao apoio financeiro da Fundação. Por outro lado, tem sido igualmente notória a concessão de subvenções para a edição de traduções, em língua inglesa, de clássicos da literatura portuguesa. Recordo nesta vertente, a título de exemplo, a actividade editorial desenvolvida pelo Centro de Estudos e Cultura Portuguesa da Universidade de Massachusetts, em Dartmouth, que em Novembro passado se traduziu na organização de um colóquio na Biblioteca do Congresso durante o qual foram lançados três novos livros, entre eles a primeira tradução para a língua inglesa de uma obra do Padre António Vieira. De realçar também o apoio fundamental prestado pela Fundação à instalação dos *Ferreira Mendes Portuguese-American Archives*, na Biblioteca da mesma Universidade, em cuja inauguração tive também a honra de estar presente, que constituem um património de referência da história da emigração portuguesa para os EUA.

A primazia que a Fundação continua a conferir às áreas da Educação, Ciência, Tecnologia e Inovação – e mais recentemente às questões ambientais – tem proporcionado relevantes avanços em domínios que são essenciais para a sustentação do desenvolvimento socioeconómico em Portugal. A aposta em projectos de vanguarda, principalmente focados na investigação científica, tem aberto oportunidades ao surgimento de sinergias acrescidas em todo o ensino superior e de investigação, designadamente através do estabelecimento de parcerias estratégicas com conceituadas instituições norte-americanas. Esta realidade tem sido evidenciada no sucessivo alargamento das modalidades do regime

de concessões de bolsas de estudo e de investigação aplicáveis a um número cada vez mais vasto de especialidades científicas. Neste capítulo merece realce o crescente apoio a projectos de cooperação científica entre a Universidade dos Açores e instituições congêneres norte-americanas desenhados para responder a questões prementes de especial interesse para o desenvolvimento daquela Região Autónoma.

Com igual satisfação sublinho a oportunidade do arranque de uma nova iniciativa inserida em outra área estruturante da intervenção da FLAD – a que se prende com as relações transatlânticas e o processo de integração europeia. A institucionalização do Fórum Roosevelt, em cooperação com o Governo Regional dos Açores, cuja primeira edição teve lugar em Ponta Delgada em Julho de 2008 e onde tive o grato prazer de participar, assume-se já, no contexto nacional, como um privilegiado ponto de encontro das vertentes transatlântica e europeia das relações externas de Portugal.

A FLAD encontra-se também indissociavelmente ligada a meritorias iniciativas que visam a valorização das comunidades portuguesas nos EUA, um dos vectores mais importantes do relacionamento bilateral, tais como o *Portuguese American Leadership Council of the United States* (PALCUS), única organização de âmbito nacional representativa da comunidade portuguesa, como tal reconhecida pelas autoridades portuguesas e americanas, ou o *Portuguese American Citizenship Project*, programa que tem promovido a naturalização e a participação crescente dos portugueses residentes nos EUA na vida política americana, deste modo reforçando a sua visibilidade e peso específico num sistema que continua a caracterizar-se pela assumida compatibilização entre o objectivo da integração e o simultâneo reconhecimento e identificação com uma origem étnica.

A FLAD não deixou também de apoiar a organização do I Encontro de Legisladores e Presidentes da Câmara Americanos de Origem Portuguesa, que por iniciativa da Embaixada se realizou na sua Chancelaria, em Washington, nos dias 3, 4 e 5 de Outubro do ano passado. ●

John Richardson

FOUNDING CHIEF EXECUTIVE EMERITUS OF THE EUROPEAN FOUNDATION CENTRE
FORMER DIRECTOR GENERAL, NOW ADVISOR
MADARIAGA – COLLEGE OF EUROPE FOUNDATION

Testimonial

In the early nineties FLAD played a leading role in the early development of the European Foundation Centre (EFC) which helped enable the EFC to follow Tradional Luso principles in looking to a Europe wider than the then European Union through an Atlantic perspective to the world.

Staunch support, with Dr. Machete serving on the EFC Governing Council, working with the Oriente Foundation and the Gulbenkian Foundation led to the establishment of a strong Portuguese chapter of EFC members and the national level Portuguese Foundation Centre.

Early EFC policy strategy identified the need for a European Foundation Statute to promote cross-border work of Foundations and to engender a Model for National level legislation. Here Dr. Machete's legal, political, and Foundation experience and culture stood us in good stead as he consented to take the position of Chairman of the EFC Legal Committee which he filled with honour, wisdom and distinction.

I have been priviledged to learn and debate in the fine FLAD Conference facilities gloriously set above the Tagus in Lapa, which I have often described as the best in Europe for small group meetings. FLAD generosity in providing their hospitality to forward a remarkable range of entrepreneurial cutting-edge initiatives of European, American and indeed Global import, is greatly appreciated.

FLAD took the lead with the EFC, Carnegie, the Mott Foundation, The German Marshall Fund of the USA and Ford inter alia in convening global summits for funders held alternatively in Lisbon and the USA. These permitted the kind of informal discussions which led to friendships, trust and partnerships. ●



Jorge Couto

DIRECTOR DA BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL

25 anos a fomentar o ensino do Português e a divulgar a Cultura Portuguesa no mundo anglo-saxónico

O PRESENTE TESTEMUNHO, CURTO E OBJECTIVO, resulta dos contactos e da cooperação institucionais que mantive, durante mais de oito anos, com a Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento (FLAD) e de que muito me apraz dar testemunho.

No exercício das funções de Presidente do Instituto Camões (1998-2002) tive a oportunidade de colaborar, bem como de observar e apreciar de um ângulo privilegiado as iniciativas e o empenhamento colocados pela FLAD no desenvolvimento sustentado do ensino do Português nas universidades norte-americanas, bem como na divulgação da Cultura Portuguesa, sobretudo nos Estados Unidos da América do Norte, país a que nos ligam profundos laços históricos e que acolheu, ao longo de dois séculos, uma comunidade portuguesa de enorme dimensão, da Costa Leste ao Havai, passando pela Califórnia.

O ambicioso programa gizado pela FLAD visava reforçar a presença e o estatuto do Português nos departamentos universitários onde já era ensinada a nossa Língua, embora com estatutos muito diferenciados, bem como fomentar a sua introdução em universidades estratégicas onde ainda não constava dos programas curriculares. A gama de instrumentos a que recorreu a FLAD com a finalidade de atingir o objectivo que se propôs alcançar passou pela concessão de apoios aos departamentos que reforçassem ou introduzissem o ensino da Língua e Cultura Portuguesa nos seus programas curriculares; pela atribuição de bolsas de estudo a docentes e investigadores destinadas a aprofundar os seus conhecimentos ou a desenvolver investigações em universidades e insti-

tuições culturais portuguesas; pelo estímulo ao intercâmbio entre instituições e académicos portugueses e norte-americanos, ou, ainda, pela organização de iniciativas com a finalidade de definir estratégias e fomentar a articulação de instituições públicas e privadas que se dedicam ao ensino da Língua e da Cultura Portuguesas no estrangeiro.

A divulgação da Cultura Portuguesa nos EUA constituiu, também, uma importante linha de acção da FLAD, através do patrocínio concedido à realização de numerosos seminários, colóquios ou congressos, bem como à tradução e edição de obras sobre a História Contemporânea de Portugal ou sobre diversos temas como a Literatura, nomeadamente sobre autores que abrangem um leque que cobre o período compreendido entre os quinhentistas e os contemporâneos e, também, o apoio concedido à edição de revistas académicas norte-americanas especializadas nas Culturas que se expressam em Língua Portuguesa.

Na qualidade de director da Biblioteca Nacional de Portugal, desde Novembro de 2005, tive a oportunidade e o gosto de intensificar a cooperação entre as duas Instituições. À reformulação e melhoria do funcionamento do programa já existente de atribuição anual de bolsas destinadas a candidatos dos EUA, discutimos novas formas de contribuir para a divulgação da Cultura Portuguesa recorrendo às tecnologias de informação e comunicação.

A digitalização conheceu um grande incremento a partir do início do milénio, sobretudo através de um programa aprovado pelo Congresso dos EUA destinado a colocar em linha milhões de páginas de periódicos norte-americanos até à década de vinte do século XX, da iniciativa da Google em parceria com algumas das mais prestigiadas bibliotecas de instituições universitárias estado-unidenses e inglesas e da iniciativa TEL (*The European Library*).

A FLAD e a BNP acordaram que uma das formas de atingir o enorme potencial que constitui os falantes de Inglês seria a de promover, através da Internet, uma iniciativa vocacionada para esse público. Assim nasceu o *Portuguese Culture*, projecto resultante de uma parceria entre as duas Instituições, que já se encontra disponível no ciberespaço.

A iniciativa traduziu-se na criação de um sítio Web integrado na Biblioteca Nacional Digital (BND) da BNP onde serão gradualmente integrados livros (manuscritos e impressos), mapas e iconografia produzidos por nacionais dos mais diferentes países (britânicos, norte-americanos, canadianos, australianos, sul-africanos, irlandeses, brasileiros, portugueses e outros) em Língua Inglesa, cujas obras tenham por tema a Cultura Portuguesa – da Física à Literatura – e que se encontrem no domínio público. O programa pretende, também, incorporar traduções de autores portugueses, bem como publicações cujos direitos se encontrem já disponíveis. A última componente diz respeito aos títulos ou traduções de autores vivos, bem como de outras publicações já retiradas do mercado que confirmam, também, ao programa uma dimensão contemporânea. Conversações com diversas universidades norte-americanas, autores e editores já se encontram em curso com vista a alcançar esse objectivo. Os conteúdos do *Portuguese Culture* conhecerão um significativo crescimento em 2010, bem como a tradução de vários componentes do portal da BNP, designadamente os referentes à sua História e Coleções, graças ao apoio financeiro já atribuído pela Fundação Luso-Americana.

A FLAD tem, ainda, contribuído regularmente para o enriquecimento do acervo da BNP através da oferta de exemplares das obras cuja edição tem patrocinado no estrangeiro, mencionando-se, a título de exemplo, as muito recentes traduções de obras de Camões e de Vieira publicadas nos EUA.

Não quereria deixar de sublinhar a forma primorosa como a FLAD recuperou e remodelou o belíssimo palacete da rua do Sacramento à Lapa, onde se encontra sediada a Instituição, bem como a colecção de pintura contemporânea que foi constituindo no último quarto de século.

Felicitos os administradores e colaboradores da FLAD que contribuíram para criar de raiz uma Instituição tão prestigiada e útil. Gostaria, finalmente, de registar o meu profundo reconhecimento, pessoal e institucional, ao Doutor Rui Chancerelle de Machete, Presidente do Conselho Executivo, principal obreiro da Instituição, pela notável obra que

desenvolveu em prol do reforço do eixo transatlântico das nossas relações externas, pelas numerosas iniciativas que promoveu ou apoiou nos mais diversos sectores económicos e sociais e, sobretudo, pelo inestimável contributo para a investigação e divulgação da Cultura Portuguesa nos países de Língua Inglesa, em particular os EUA. ●

José Carlos Marques dos Santos

REITOR DA UNIVERSIDADE DO PORTO

Parceira na Internacionalização das Universidades

DESDE A REPOSIÇÃO DA DEMOCRACIA, EM 1974, e exceptuando talvez o conturbado período revolucionário que se lhe seguiu, as relações entre Portugal e os EUA têm sido caracterizadas por um espírito de abertura, diálogo e cooperação. Esse espírito foi reforçado com a integração do nosso país no projecto comunitário europeu, uma vez que tal avanço histórico significou o compromisso inexorável de Portugal com os valores e princípios da civilização ocidental. Apesar de já pertencer à NATO, Portugal passou então a beneficiar mais explicitamente da solidariedade atlântica, a qual tem subjacentes a defesa da liberdade, o respeito pela autodeterminação, a salvaguarda da paz e a promoção do desenvolvimento dos povos.

Não obstante, as relações entre Portugal e os EUA continuaram naturalmente desiguais. Muito simplesmente porque os protagonistas são incomparáveis no que respeita ao estatuto geopolítico, à capacidade económica, ao peso demográfico e à extensão geográfica. Portugal é uma estreita faixa de terra com 10 milhões de habitantes, poucos recursos económicos e uma influência geopolítica diminuta. Por seu lado, os EUA são a única superpotência do mundo. Trata-se de um país com 300 milhões de habitantes, um PIB de cerca de 14 mil biliões de dólares, uma capacidade de produção científica quase inigualável e uma indústria cultural fortíssima. Importa, pois, ter consciência de que há um evidente desequilíbrio entre as realidades política, económica e sociocultural das duas nações.

Dito isto, parece-me redutor, por um lado, encarar o relacionamento com os EUA numa lógica de inferioridade e, por outro, cingir esse relacionamento às relações entre os Estados *tout court*. Para lá dos Estados enquanto organizações políticas, existem nos dois lados do Atlântico actores da sociedade civil que funcionam como instrumentos de aproximação entre Portugal e os EUA e que dinamizam o respectivo relacionamento bilateral. Falo de empresas, fundações, associações, universidades, instituições públicas e restantes entidades da sociedade civil. Há, portanto, um espectro bastante amplo de organizações que, actuando autonomamente em relação aos Estados, estabelecem vínculos sólidos entre si e contribuem para o progresso de dois países tão diferentes em termos de grandeza.

Uma dessas organizações é, justamente, a Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento (FLAD). Ao longo dos vinte e cinco anos de vida que agora se comemoram, a FLAD fomentou a cooperação entre a sociedade civil portuguesa e a norte-americana e, deste modo, contribuiu sobremaneira para o progresso económico, social e cultural do nosso país. *Mutatis mutandis*, a fundação proporcionou a instituições dos EUA um contacto próximo com as forças mais dinâmicas da sociedade portuguesa, o que naturalmente teve consequências positivas do lado de lá do Atlântico. Ao incentivar este processo de intercâmbio, a FLAD desempenha, sem dúvida, um papel importante nas relações diplomáticas e na política externa de Portugal face aos EUA. Papel esse que me cumpre aqui enfatizar e enaltecer, por ser de manifesto interesse para o nosso país.

Acresce que a FLAD tem procurado disseminar em Portugal o melhor da herança política e cultural norte-americana, ou seja, todo o conjunto de valores democráticos que a Revolução de 1776 consagrou. Os EUA forjaram a sua identidade, a sua Constituição e os seus textos fundadores nos direitos fundamentais do ser humano e contagiaram o mundo com o seu espírito de iniciativa e de competição económica, o seu apego ao trabalho e à intervenção cívica, a sua valorização do progresso científico e da liberdade cultural, a sua crença na responsabilidade individual e no ideal da sociedade aberta.

Entre as actividades da FLAD destacam-se, pela sua relevância, a concessão de bolsas de investigação, o apoio a projectos de formação e a organização de programas de intercâmbio académico. Desta forma, a fundação tem funcionado como catalisador da cooperação formativa, científica, tecnológica e cultural entre universidades portuguesas e norte-americanas, com vantagens para ambas as partes. Para as nossas instituições do ensino superior são evidentes os benefícios da permuta de conhecimentos, do intercâmbio de estudantes, docentes e investigadores e da partilha de recursos com as suas congéneres dos EUA. Mas também para as universidades norte-americanas não será despendendo o contacto próximo com as nossas instituições académicas, principalmente aquelas que têm um relacionamento privilegiado com centros de excelência europeus, brasileiros, latino-americanos e africanos.

A comunidade académica da Universidade do Porto tem beneficiado largamente dos programas de bolsas e estágios da FLAD e dos seus projectos de investigação, mobilidade e colaboração institucional. Todos esses programas e projectos contribuem, em maior ou menor escala, para a internacionalização da Universidade, factor essencial ao desenvolvimento das instituições de ensino superior portuguesas. Num país periférico como é Portugal, a abertura ao exterior afigura-se crucial para que as universidades ganhem escala e aumentem as suas fontes de financiamento, as qualificações dos seus recursos humanos e o reconhecimento internacional do conhecimento que produzem.

Com base nesta premissa, a Universidade do Porto está a concentrar esforços na cooperação internacional e, por maioria de razão, na cooperação com instituições norte-americanas. Neste âmbito destacam-se as parcerias já estabelecidas com o MIT – *Massachusetts Institute of Technology*, a Universidade de Carnegie-Mellon, a Universidade do Texas (Austin) e a Universidade de Harvard (Programa Harvard Medical School – Portugal), ao abrigo de acordos de colaboração assinados pelo Governo português com as referidas instituições norte-americanas, entre 2007 e 2009. São extremamente importantes estas parcerias, na medida em que se traduzem em investigação e formação avançada em áreas funda-

mentais para o desenvolvimento do país, como a gestão, as tecnologias de comunicação e informação, a energia, os transportes, a biotecnologia e as Ciências da Saúde.

De resto, o ensino e a investigação que se realizam nas universidades norte-americanas revelam, habitualmente, uma forte aplicação prática. O conhecimento produzido ganha valor empresarial ao ser convertido em inovação, contribuindo assim para o crescimento económico dos EUA. Ora esse é outro dos benefícios que Portugal pode retirar das parcerias com universidades e centros de investigação norte-americanos, sabendo nós como o nosso tecido produtivo carece de inovação para mitigar o seu défice tecnológico e reforçar a sua competitividade internacional.

Pelas razões aqui aduzidas, só me resta louvar a existência entre nós de uma instituição, a FLAD, que se notabiliza pelo estabelecimento de pontes entre universidades portuguesas e suas congéneres norte-americanas. Merecem de facto ser enaltecidos estes vinte e cinco anos de actividade da fundação, cujos resultados contribuíram para a dimensão internacional que as nossas universidades entretanto alcançaram, para a qualificação de excelência de vários dos nossos cientistas e para a concretização de projectos de empreendedorismo tecnológico no nosso país.

Em meu nome e em nome da Universidade do Porto, desejo à FLAD as maiores felicidades futuras. Estou certo, aliás, de que a Fundação vai, no novo ciclo que agora arranca, prosseguir as suas actividades com o dinamismo, prestígio e ambição que são seu apanágio desde há vinte e cinco anos. ●

José Cunha-Vaz

PROFESSOR CATEDRÁTICO DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA E PRESIDENTE DO AIBILI

25º Aniversário da Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento

AIBILI – Perspectiva sobre a FLAD

É COM MUITO GOSTO QUE VENHO MANIFESTAR publicamente a notável contribuição da FLAD para o desenvolvimento da AIBILI – Associação para Investigação Biomédica e Inovação em Luz e Imagem ao longo dos últimos dezoito anos. A FLAD está ligada à AIBILI desde o primeiro dia fazendo por isso parte do primeiro grupo de associados, sendo, inclusive, associada honorária da AIBILI. A FLAD sempre demonstrou uma permanente atenção à evolução da AIBILI tendo apoiado sempre a realização dos sucessivos processos de avaliação a que a AIBILI se sujeita regularmente.

A AIBILI é uma organização privada sem fins lucrativos, constituída em 1989 com o apoio da União Europeia no âmbito do Programa PEDIP do Ministério da Economia, com o objectivo de transferência da ciência básica para a prática clínica e para o mercado da saúde. É uma instituição de interface Universidade-Indústria com estatuto de utilidade pública e de relevância científica e tecnológica para o desenvolvimento do País. A AIBILI constitui com o Centro de Neurociências e Biologia Celular (CNC) um Laboratório Associado da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT).

A AIBILI é composta por unidades prestadoras de serviços e de investigação e desenvolvimento (I&D): o Centro de Ensaios Clínicos (CEC), o Centro de Estudos de Biodisponibilidade (CEB), o Centro de Novas Tecnologias para a Medicina (CNTM) e o Centro de Coimbra de Coordenação de Investigação Clínica (4C) a quem a Fundação Champalimaud atribuiu recentemente a designação C-TRACER – Champalimaud Trans-

lational Centre for Eye Research. Possui ainda a Unidade de Gestão e Garantia da Qualidade (UGQ), a Unidade de Transferência de Tecnologia (UTT) e duas Unidades de Projecto: Coimbra Ophthalmology Reading Centre (CORC) e Avaliação de Tecnologias em Saúde (HTA).

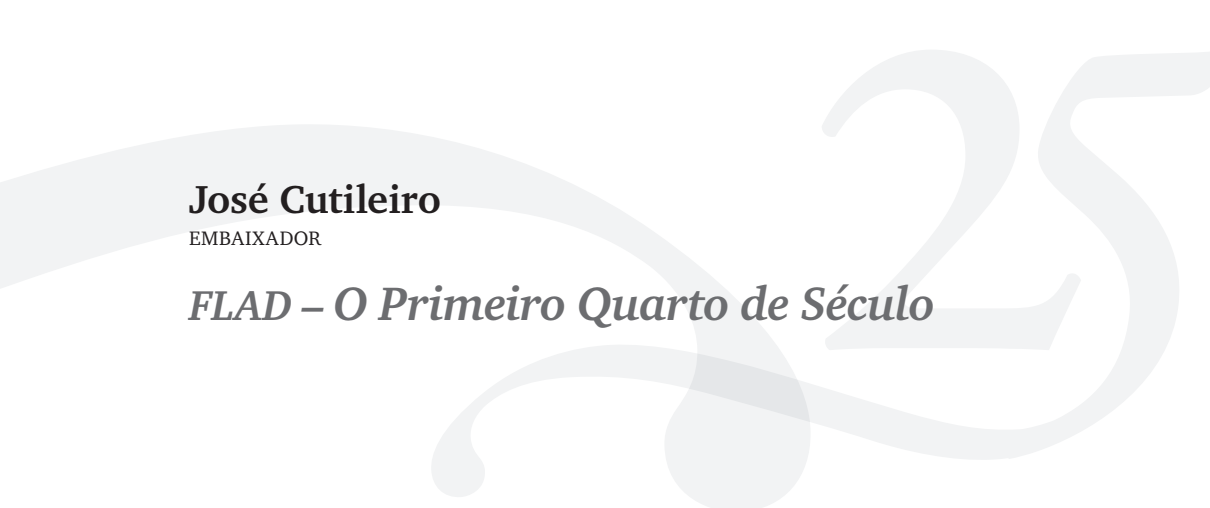
A AIBILI possui desde 2004 a Certificação segundo a ISO 9001, para as actividades de: Investigação e Desenvolvimento em Novas Tecnologias para a Medicina, nas áreas da luz, imagem e óptica; Desenvolvimento de novas moléculas de potencial aplicação médica; realização de Ensaio Clínicos, Estudos de Biodisponibilidade/Bioequivalência e Doseamento de Fármacos. Segue os princípios de Boas Práticas Clínicas sempre que se realizam ensaios clínicos e adicionalmente o CEB segue as disposições Boas Práticas de Laboratório da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE), estando Certificado pela Autoridade Nacional do Medicamento e Produtos de Saúde, IP (INFARMED) para a realização de estudos de biodisponibilidade/bioequivalência (BD/BE) e farmacocinéticos.

Entre 1992 e 2008 a AIBILI participou em 171 ensaios clínicos, nomeadamente: 105 na área de oftalmologia entre 1992 e 2008, 19 na área de neurologia entre 2003 e 2008 e 47 estudos de BD/BE entre 1996 e 2008.

Em 2009 decorreu o lançamento em parceria com a *Critical Health* de um novo produto no mercado global – o Retmarker, desenvolvido pela AIBILI e que possibilita a análise objectiva de imagens do fundo ocular ao longo do tempo.

A FLAD apoiou a AIBILI na sua inceptção, na realização de projectos específicos, no intercâmbio com os EUA e na realização regular de Avaliações Externas.

Todas as actividades da AIBILI foram conseguidas porque se acreditou num projecto e na sua base esteve sempre o entusiasmo, carinho e apoio da FLAD. ●



José Cutileiro

EMBAIXADOR

FLAD – O Primeiro Quarto de Século

A FUNDAÇÃO LUSO-AMERICANA PARA O DESENVOLVIMENTO foi até agora a melhor consequência para Portugal da cedência do uso da base aérea das Lajes na ilha Terceira dos Açores aos Estados Unidos da América. (Digo até agora porque durante os seus quase setenta anos de existência desde que, em plena Segunda Guerra Mundial, o Dr. Salazar acordou, primeiro com Londres e depois com Washington, na colocação de capacidades militares aéreas aliadas na ilha – passando assim a neutralidade portuguesa a ter estatuto mais virtual do que real embora com habilitação que ajudou a prevenir reacções adversas do Eixo – a base não foi utilizada para acudir à defesa de Portugal propriamente dito, que durante todos estes anos nunca foi atacado na Europa, nem à defesa de Portugal como membro da OTAN, no quadro de um ataque convencional do Pacto de Varsóvia à Europa ocidental que tão pouco alguma vez se verificou. Mas a base das Lajes existia e estava pronta a servir, se o Ocidente – ou Portugal – tivesse sido atacado).

Ao longo dos anos a existência da base estreitou relações entre as autoridades político-militares e o alto funcionalismo militar dos dois países, para além do que pertença à Aliança Atlântica só por si teria proporcionado. Melhorou às vezes as condições de aquisição por Portugal de material de guerra norte-americano. Facilitou estágios de preparação de oficiais portugueses dos três ramos em instituições pertencentes ao vasto aparelho de defesa gerido pelo Pentágono. Mas até à revisão dos acordos de 1983 a existência da base não tivera efeitos sobre a sociedade civil portuguesa em geral (embora evidentemente tivesse tido conse-

quências directas nas condições de vida e de trabalho de Praia da Vitória e, mais largamente, da Ilha Terceira).

Dessa revisão resultou, *inter alia*, o estabelecimento da FLAD que veio mudar completamente o impacte na sociedade portuguesa da relação especial com os Estados Unidos criada pela base das Lajes. Não vale a pena abordar aqui os passos de negociação dessa revisão que levaram à ideia de estabelecer uma fundação, determinaram a sua dotação inicial, o seu perfil estatutário e os termos gerais da missão que lhe foi atribuída, a não ser talvez para sublinhar o papel determinante que cabe ao governo português na escolha da sua direcção. Tal coloca a chefia da Fundação, que começou a sua actividade com o rendimento de verbas doadas pelos Estados Unidos em contrapartida da utilização das Lajes e a continuou acrescentando àquele o rendimento de investimentos próprios – sem que em algum momento o Estado português se tenha tornado seu accionista, pequeno ou grande – teoricamente à mercê das vicissitudes da vida política nacional e dos respectivos ciclos eleitorais e não, como seria mais razoável, de critérios e avaliação do seu Conselho Directivo, cujo interesse primeiro é o interesse da Fundação. É certo que até agora tal não levantou problemas, indignidades ou escândalos: o Presidente do seu Conselho Executivo que deixará o lugar este ano, conviveu bem e em respeito mútuo ao longo de cinco lustres com primeiros-ministros fortes, às vezes à frente de maiorias absolutas, de um e do outro lado do espectro político. No futuro porém, por uma questão de princípio e para garantia de andamento escorreito das coisas, seria preferível que o governo de Lisboa não tivesse a voz decisiva que tem na escolha da direcção da FLAD.

Depressa a seguir ao seu estabelecimento sob a Presidência de Rui Machete, a Fundação era uma das três mais importantes de Portugal (as outras duas sendo a Fundação Calouste Gulbenkian e a Fundação Oriente) e tinha intervenções em áreas muito variadas da vida portuguesa – nas artes, na literatura e na cultura em geral, na ciência, nas ciências aplicadas, em sectores como emigração, energia e ambiente, em questões sociais – muitas vezes com atenção particular a laços com os

Estados Unidos. Como é sabido, essas intervenções tomavam muitas formas: bolsas de estudo, apoios a projectos, subsídios a seminários e conferências e à publicação de livros, outras formas de ajuda. Algumas ganharam importância e reconhecimento públicos; todas contribuíram para o processo de modernização e internacionalização da vida portuguesa dos últimos decénios.

Tão importante quanto o que de mais eficaz e útil se encontra em tudo isso foram as relações estabelecidas com algumas entidades americanas – incluindo departamentos de língua e cultura portuguesas em universidades de alto nível – e o trabalho efectuado com comunidades emigrantes portuguesas e luso-americanas. Entre as entidades americanas deve-se destacar a *Brookings Institution*, *primus inter pares* dos *think tanks* americanos, cujos estudos incluem numerosos sectores cobertos pela política interna e a política externa americanas, cujos investigadores passam de vez em quando quatro ou oito anos no governo em Washington, quando o partido a que pertencem conquista a Casa Branca, (enquanto outros, do partido derrotado, voltam aos *think tanks*) e com quem a FLAD mantém há anos relações pessoais e institucionais fortes e tem desenvolvido projectos comuns.

Mas é com as comunidades luso-americanas que, a meu ver, a FLAD efectua há anos o seu trabalho mais importante para as relações futuras entre Portugal e os Estados Unidos ou, dito de outra maneira, para melhor defesa de interesses portugueses nos processos de decisão política norte-americanos que possam afectar aqueles. Por um lado, quase sempre com a colaboração avisada e atenta da embaixada de Portugal em Washington (Washington é posto diplomático importante demais para que, em princípio, S. Bento e as Necessidades se permitam pôr lá um tonto, pelo que só muito raramente tal tem acontecido), a Fundação tem-se batido pela inclusão do português como uma das línguas opcionais em exames de admissão às universidades, o que passa por trabalho perseverante e hábil junto das instituições (privadas) que disso se ocupam. E também junto das comunidades luso-americanas pois, segundo sondagens fidedignas, os jovens lusófonos estão no fundo da tabela das

comunidades imigrantes em apetência de admissão ao ensino universitário (excepto onde haja um número importante de cabo-verdianos).

Por outro lado, preocupada com a ausência quase total de portugueses nas governações estaduais e na governação federal dos Estados Unidos – quando gregos, italianos, irlandeses, polacos, vários latino-americanos nelas estão bem representados, sobretudo entre os eleitos do povo e não apenas no funcionalismo – a FLAD tem fomentado e desenvolvido programas para aumentar nas comunidades luso-americanas consciência dessa lacuna e empenho delas em a irem colmatando, de maneira a que venha a haver mais luso-descendentes entre as elites políticas norte-americanas. É investimento a médio e longo prazo que exige visão do futuro, trabalho no terreno e, mais uma vez, muita perseverança. O papel de estimulador (e de financiador, quando preciso) dessa ambição, que a FLAD tem desempenhado de há uns anos a esta parte será um dos legados mais significativos e sagazes feitos às relações entre Portugal e os Estados Unidos durante os anos de presidência da instituição por Rui Machete. ●

José Joaquim de Oliveira

PRESIDENTE DA CÂMARA DE COMÉRCIO AMERICANA EM PORTUGAL

Depoimento

UM QUARTO DE SÉCULO. IDADE INTERESSANTE, adulta, propícia a balanços e reflexões, não raras vezes razão para projectar o futuro com base na experiência e nos ensinamentos colhidos. É assim com as pessoas e é assim com as organizações. E os primeiros vinte e cinco anos de vida da Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento assim o confirmam. Têm sido anos de riqueza concretizada em iniciativas e em acções consistentes. Precisamente as que fundamentam desenvolvimentos futuros certamente já desenhados no horizonte.

A minha ligação à FLAD surgiu naturalmente, fruto do relacionamento da Fundação com a Câmara de Comércio Americana em Portugal (CCAP), que dirijo actualmente e a que estou ligado há mais de uma década. E, claro, da relação pessoal com o seu Presidente, Dr. Rui Machete, que integra a Direcção da Câmara igualmente há vários anos.

A experiência, tanto na sua dimensão institucional, como na pessoal tem sido invariavelmente rica.

De facto, as organizações são, na grande generalidade, aquilo que os seus dirigentes e sobretudo os seus líderes quiserem que elas sejam. Os líderes fortes, carismáticos e efectivos marcam-nas impondo o seu estilo, a sua imagem, traçando caminhos, definindo rumo e papel na área de actividade e na sociedade em que se inserem. A FLAD espelha este conceito em toda a sua abrangência. Sendo hoje uma fundação de prestígio, respeitada e admirada pela equipa, dirigentes e presidente que a ela se dedicam, é o tipo de

organização que confere um sentido único de privilégio a quem tem a oportunidade de conhecer o seu líder e o trabalho por ele desenvolvido na Fundação.

Indubitavelmente uma organização líder que tem cumprido de forma irrepreensível a sua missão, com intervenções de reconhecido mérito em múltiplas áreas de actividade. Da cultura ao ensino, da ciência aos negócios, muito contribuiu esta instituição para o desenvolvimento das relações entre Portugal e os Estados Unidos da América, como o comprovam os resultados positivos e reconhecidos por todos, sobretudo pelos directamente abrangidos ou envolvidos nas diversas acções levadas a efeito.

Na sua relação com a CCAP, a Fundação tem sido de enorme valia, quer no apoio às várias iniciativas que todos os anos são realizadas no âmbito da missão da Câmara, quer na participação do seu Presidente no *Board of Directors*. Na primeira destaque, entre muitos outros e a título apenas ilustrativo, o apoio à elaboração de diversos estudos sobre temas de interesse para as relações entre Portugal e os EUA. É disso um bom exemplo o estudo sobre Portugal como destino do investimento directo estrangeiro, elaborado pelo gabinete de análise económica da Universidade Nova de Lisboa. Editadas em livro, as conclusões foram disponibilizadas a empresas e a entidades governamentais. Referência ainda para o apoio atribuído à realização de seminários e conferências sobre temas de interesse económico e dirigidos aos negócios, e o apoio financeiro a missões empresariais com o mercado americano como destino. De resto, a Fundação é presença constante em quase tudo o que respeita ao desenvolvimento das relações de Portugal com a América. Quanto à participação na direcção da Câmara, devo dizer que, em qualquer apreciação que faça à colaboração do Dr. Rui Machete, há um risco de ser impreciso, redutor, insuficiente. O Presidente da FLAD, personalidade notável e proeminente da sociedade Portuguesa, condição a que alia uma simplicidade e um espírito de colaboração singulares, tem prestado à CCAP uma colaboração inestimável, pela sua lucidez, clareza de ideias, conhecimento e superior nível intelectual. O seu envolvimento confere à direcção uma qualidade extra e distintiva, bem patente no apoio regular da

Fundação às iniciativas que visam o desenvolvimento das relações de negócio entre os dois países, sem dúvida um pilar inigualável na gestão da CCAP.

Reconhecida pelo público e pelo meio empresarial, a FLAD evoluiu como uma das organizações que muito tem contribuído para o desenvolvimento da sociedade portuguesa em domínios essenciais do país e das suas relações com o exterior, sobretudo com os EUA. Os vários estudos e publicações levados a efeito pela Fundação, e a que tenho tido acesso, têm-se revelado como valiosas contribuições para a compreensão dos temas que abordam. Num vasto leque de obra realizada são disto paradigma os estudos sobre as comunidades emigrantes portuguesas e europeias, sobre as relações entre Portugal e os EUA e entre a União Europeia e os EUA, e um muito interessante trabalho sobre as fundações na Europa.

Finalmente, e porque não poderia deixar de o fazer, um reconhecimento ao trabalho que a Fundação tem feito no domínio da Arte. Uma especial menção para a excelente Colecção de Arte Contemporânea Portuguesa reunida com “o objectivo de estimular a criação de uma nova geração de artistas portugueses” e de “fixar alguma da mais importante criação portuguesa actual”.

Enquanto instituição orientada para o desenvolvimento económico e social português, a Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento tem cumprido exemplarmente a sua missão. Para muitos, um exemplo a seguir. Para o futuro da própria FLAD, um desafio. Também por tudo isto, faço questão de concluir com um voto de felicitações pela efeméride agora celebrada e de todo o sucesso que o quarto de século volvido faz antever! ●



José Manuel Fernandes

JORNALISTA E ANTIGO DIRECTOR DO JORNAL “PÚBLICO”

Uma Ponte para a Outra Margem

AO LONGO DOS SEUS PRIMEIROS VINTE E CINCO ANOS DE VIDA a Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento desempenhou um papel inestimável ao abrir uma nova janela nas relações entre as sociedades civis de Portugal e dos Estados Unidos. Num país onde tudo tende a afunilar em instituições públicas, as pontes que a FLAD permitiu estabelecer entre este pequeno país atlântico e o grande parceiro do Novo Mundo criaram inúmeras oportunidades de intercâmbio que muito valorizaram todos os que delas beneficiaram.

Seria fastidioso percorrer os numerosos programas que a Fundação animou e que proporcionaram a centenas, talvez a milhares de portugueses oportunidades de valorização profissional num país cuja cultura de abertura e de inovação contrasta fortemente com a nossa. Não é possível quantificar o efeito global de todos esses programas, mas estou certo que eles muito terão contribuído para disseminar por toda a sociedade portuguesa gente com espírito mais aberto e uma nova ambição.

Num mundo cada vez mais globalizado, onde ninguém se deve fechar na sua concha, a simples existência destas oportunidades já seria, só por si, importante. Mas a FLAD fez mais do que isso. Como instituição portuguesa, enraizada em Portugal, conhecedora dos problemas do nosso país, soube agir localmente num mundo global. Como? Identificando as áreas em que uma maior colaboração com os Estados Unidos traria mais proveitos a Portugal.

Neste domínio não posso deixar de destacar os muitos programas, seminários e edições que a Fundação tornou possíveis em duas áreas

que muito me interessam e onde melhor posso avaliar o impacto positivo da sua acção: o Ambiente e a Educação.

Por fim não podia deixar de referir três projectos concretos que a Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento tornou possíveis e a que o PÚBLICO teve a honra de se associar. Refiro-me à edição de três notáveis colecções:

- *Árvores e Florestas de Portugal*, nove volumes onde se reuniram contribuições de dezenas dos nossos melhores especialistas e que passou a constituir a grande obra de referência sobre a Floresta Portuguesa;
- *1755 - O Grande Terramoto de Lisboa*, quatro volumes onde foi possível reunir a investigação mais actualizada sobre a grande catástrofe que arrasou a capital há dois séculos e meio, comovendo a Europa do século das Luzes;
- *Portugal como Problema*, seis volumes antológicos onde se reuniram textos de todos os que reflectiram sobre o destino e os problemas do nosso País, recuando a textos escritos ainda antes de Portugal ser Portugal e associando a reflexão filosófica e sociológica à económica e política.

Destaco este exemplo de colaboração da FLAD com uma instituição da sociedade civil – o jornal PÚBLICO – pois considero-o um bom exemplo de como a Fundação sempre soube encontrar os melhores parceiros para, com recursos parcimoniosamente geridos, potenciar as suas actividades e o alcance das suas iniciativas.

Por fim, mas não menos importante, há que destacar o espírito de abertura que marcou, ao longo destes vinte e cinco anos, a actividade da FLAD. Uma abertura que sempre permitiu e valorizou a convivência entre pontos de vista diferentes, fazendo do pluralismo uma marca de água de todas as suas abordagens. Foi também por isso que pode funcionar como excelente ponto de encontro, e de partida, e de chegada, para todos os que queriam utilizar a ponte que estabeleceu para a outra margem deste imenso Atlântico que sempre foi parte da nossa identidade e sempre foi o nosso espaço de abertura ao mundo. ●

José Martins Nunes Nuno Miguel Marta Freitas

DIRECTOR E COORDENADOR DO CENTRO DE SIMULAÇÃO BIOMÉDICA
DOS HOSPITAIS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

A Fundação “Win-Win”

A RELAÇÃO DO CENTRO DE SIMULAÇÃO BIOMÉDICA dos Hospitais da Universidade de Coimbra com a Fundação Luso-Americana é absolutamente exemplar. Desde início, soubemos intuitivamente que a FLAD seria um parceiro institucional de enorme relevo na construção de um dos projectos mais inovadores e avançados no âmbito da educação médica já realizados em Portugal. Assim foi. O acolhimento exigente dos seus responsáveis de ciência e educação, as várias provas de avaliação e discussão minuciosas das matérias relativas à simulação médica, o interesse sério pelo desenvolvimento científico e educacional nos cuidados de saúde – tudo isto a par de uma postura elegante e informada, sólida e sem promessas vãs, fez da FLAD um pilar incontornável e fundador do nosso Centro.

Quando inaugurámos uma parceria frutuossíssima com o *Center for Medical Simulation* (Cambridge, Boston) – um dos mais reputados centros mundiais de simulação médica – ou quando trouxemos para Portugal os mais sofisticados simuladores médicos do mundo ou quando participámos em acções formativas avançadas nos EUA na *Harvard Medical School, Simulation Center*, ou quando recebemos algumas das principais individualidades científicas vindas dos melhores hospitais universitários e centros de simulação médica, americanos e europeus, em tudo isto a FLAD esteve sempre ao nosso lado, exigente nos resultados, e com confiança nos propósitos acordados de inovação médica e de maior desenvolvimento humano, científico e tecnológico na saúde.

Nestes três anos de estreito relacionamento, várias vezes agradecemos à Fundação Luso-Americana em cerimónias públicas, em reuniões científicas ou de trabalho mais privadas. Como prova de respeito e afecto, exibimos, com orgulho, a sua logomarca em todos os nossos materiais e comunicações científicas ou no nosso sítio de Internet (www.simcoimbra.org)!

Em breve consolidaremos o Conselho de Fundadores do Centro de Simulação, onde a FLAD marcará presença e nos acompanhará nos próximos anos.

De facto, se hoje o Centro de Simulação Biomédica dos Hospitais da Universidade de Coimbra é um projecto consistente, inovador e reputado técnica e cientificamente, tem na sua matriz a presença da FLAD. Quando comemora os seus vinte e cinco anos, testemunhamos singelamente com o nosso exemplo muito do êxito e sentido último da sua benévola existência e das incontáveis horas de trabalho dos seus quadros e responsáveis para aproximar cultural, científica e economicamente os dois lados do Atlântico. Uma Fundação de bem, do lado certo da História, com um insofismável legado de projectos e parcerias que tornam Portugal melhor.

É por isso, para nós, a verdadeira Fundação ‘Win-Win’. Parabéns, FLAD!
Keep up the good work! Continuem o bom trabalho! ●



José Neves Adelino

PROFESSOR CATEDRÁTICO DA UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

Depoimento

ACOMPANHEI A FUNDAÇÃO LUSO-AMERICANA para o Desenvolvimento desde a sua constituição e, ao longo de vinte e cinco anos de existência, habituei-me a contar com ela, na sua qualidade de parceiro de referência, em momentos críticos de consolidação e de desenvolvimento da Faculdade de Economia da Universidade Nova de Lisboa.

Ao regressar dos EUA, em inícios da década de 80, ingressei na Nova, com uma proximidade muito especial ao seu (então recentemente criado) MBA. O programa fora lançado em 1980, em parceria académica com a *Wharton School* da Universidade da Pensilvânia e com apoio financeiro do governo Norte-Americano. Com a entrada de Portugal para Comunidade Económica Europeia foi necessário reformular a natureza do apoio americano e a FLAD, entretanto criada, permitiu dar continuidade à ajuda da *US AID*, durante alguns anos, após a adesão.

Nas duas décadas que se seguiram, a cooperação entre a FLAD e Faculdade de Economia tomou, muitas vezes, a forma de uma verdadeira parceria, com cumplicidades várias entre as duas instituições. Em meados dos anos 90, a Faculdade lançou o projecto “Égide” onde congregou contributos de empresas e fundações destinados, exclusivamente, ao financiamento da investigação. Apoiada na Égide, a Faculdade levou à prática um programa de recrutamento de novos docentes que permitiu construir, nos quinze anos que se seguiram, a Escola que hoje conhecemos. A FLAD associou-se à Égide, desde o primeiro momento, participando no fundo e contribuindo, decisivamente, para o desenho do projecto.

Poucos anos depois, a Faculdade criou o “Nova Fórum”, o seu centro de formação de executivos. Este centro, para além de permitir concretizar importantes iniciativas conjuntas entre a Faculdade e a Comunidade empresarial, representa uma importante fonte de financiamento da Faculdade, apoiando a investigação e uma variedade de projectos de desenvolvimento institucional. Uma vez mais, a FLAD associou-se à iniciativa desde o primeiro momento e deu um contributo decisivo para a concepção do novo instituto. Por ter aceitado participar, ao longo dos anos, em diversas qualidades, nos órgãos sociais da Égide e do Nova Fórum, a FLAD ajudou a formular a estratégia da Faculdade e a consolidar a posição que a Escola hoje ocupa no panorama do ensino e da investigação em Economia e Gestão.

Creio que esta capacidade de promover o desenvolvimento inteligente de novas instituições, alavancando recursos escassos para concretizar projectos ambiciosos constitui um dos mais importantes legados da Fundação. A par destes “grandes” projectos, a FLAD soube ainda lançar, com regularidade notável, múltiplas iniciativas que contribuíram para uma maior proximidade entre Portugal e os EUA, nas áreas da Ciência e da Cultura.

Tive oportunidade de participar, no início da década de 90, num projecto que foi, à data, inovador, e reflecte esta natureza quase empreendedora de algumas intervenções da FLAD. A Fundação associou-se a três instituições de ensino (a Universidade da Califórnia, em Los Angeles – UCLA, a Escola de Gestão do Porto e a Faculdade de Economia da Nova) e promoveu um programa de intercâmbio de estudantes de MBA que se prolongou por cerca de dez anos. Durante este período, vinte estudantes americanos e vinte estudantes portugueses visitaram, anualmente, ao longo de duas semanas, as universidades do outro país. As visitas envolveram sessões nas escolas de acolhimento e *case studies*, em empresas que acederam a colaborar no projecto. No segundo ano do intercâmbio, um dos alunos de UCLA escreveu, após o regresso à Califórnia, no jornal da Universidade, que a visita a Portugal, pela natureza formativa do programa, tinha constituído a componente mais importante do seu MBA. Um comentário destes é, acima de tudo, um tributo à capacidade de concretização de projectos inovadores que caracterizou a vida da FLAD.

Em 2006, fui convidado para elaborar, com Thomas H. Fox, um consultor norte-americano, um relatório de avaliação da estratégia e da actividade operacional da Fundação. No sumário de conclusões do relatório resumimos uma opinião, que ainda hoje partilho, sobre o papel da Fundação na nossa sociedade:

“The ... history of the Luso-American (Development) Foundation is a proud one. The Foundation enjoys considerable respect and appreciation from its most important stakeholders, ...

The Foundation can also be proud of a number of significant accomplishments. A significant number of Portuguese institutions have been created or strengthened because of the Foundation’s initiatives and resources. Many are within Portuguese universities, like the Biotechnology School in Porto and a substantial number of new Masters-level programs, but there are other non-academic success stories like the Tagus-Park. Then there are new ideas and policy issues raised to the surface because of the Foundation’s efforts. Immigration policy is a good example; strengthening the legal framework for philanthropy and civil society may turn out to be another. Then, it is clear that the entire Portuguese higher education system and many individuals within that community have benefited mightily by programs like the partnership with the Fulbright Commission and the many important ties with the United States. Moreover, it is almost certain that other Foundation initiatives and programs will evolve into significant accomplishments. It is very hard to predict how many mighty oaks will grow from the many, many acorns the Foundation has sown.”

No meu caso, este testemunho constitui um reconhecimento público do contributo da Fundação – e de todos quantos nela participaram – para o País e para o desenvolvimento das relações entre Portugal e os EUA. Sem esquecer os muitos colaboradores da FLAD com quem tive o privilégio de conviver ao longo destes vinte e cinco anos, não posso deixar de prestar um agradecimento especial a Donald Finberg, Rui Machete, Charles Buchanan e, de uma forma muito particular, Fernando Durão, por tudo aquilo que permitiram que fosse feito. ●



José Pedro Sucena Paiva

PROFESSOR CATEDRÁTICO DO INSTITUTO SUPERIOR TÉCNICO
DA UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA

Por Ocasião dos 25 Anos da Fundação Luso-Americana

A FUNDAÇÃO LUSO-AMERICANA PARA O DESENVOLVIMENTO (FLAD) tem, ao longo dos vinte e cinco anos da sua existência, dado um contributo valioso para o fortalecimento das relações com os Estados Unidos da América.

Criada num contexto em que Portugal ainda não se tinha tornado membro da Comunidade Económica Europeia (hoje União Europeia), a FLAD foi desde então vocacionada para promover o desenvolvimento económico, científico e cultural do País. Dotada de meios financeiros aprovados pelo Congresso dos EUA numa base anual, até ao ano de 1991, a FLAD tem sabido, mercê de uma gestão prudente, conservar e mesmo valorizar o seu património, ao mesmo tempo que cumpre com profissionalismo e eficácia a sua missão estatutária original.

Mau grado a origem dos seus fundos, a FLAD é uma fundação instituída em Portugal, gerida maioritariamente por portugueses – situação que bem evidencia a magnanimidade e espírito democrático dos EUA, enquanto grande potência mundial.

Durante o sexénio em que exerci as funções de membro do Conselho Directivo desta fundação (na verdade, o Conselho de Curadores), ficou bem patente a autonomia de gestão, a não interferência por parte da embaixada dos EUA, o cumprimento escrupuloso dos estatutos e a prossecução da missão de contribuir para o desenvolvimento do País, com o valioso apoio dos EUA.

Foi avisada a ideia de constituir uma fundação portuguesa para gerir os montantes atribuídos, que terão totalizado 112 milhões de dólares

americanos. Assim se garantiu que os fundos atribuídos não fossem rapidamente esgotados e se criou uma organização capaz de se assumir como um alfofre de ideias e uma fonte de acções visando o desenvolvimento e a consolidação da vocação atlântica de Portugal.

Desdobrando-se em múltiplas acções de cooperação e exercendo com discrição uma tarefa diplomática de grande valia, a FLAD é um activo que deve ser preservado. Para tal, contribuiu decisivamente o seu Presidente desde 1988, Dr. Rui Chancerelle de Machete, a quem endereço as minhas felicitações, na altura em que termina as suas funções.

Também uma palavra é devida ao Secretário-Geral, Dr. Fernando Durão, que desde o início se tem empenhado de forma inteligente e integral na prossecução da missão da FLAD – a quem me ligam antigas relações de amizade que se fortaleceram no tempo em que juntos concebemos e demos execução ao projecto TagusPark, Parque de Ciência e Tecnologia da Área de Lisboa. ●



Leonardo Mathias

EMBAIXADOR

A Embaixada em Washington e a Fundação

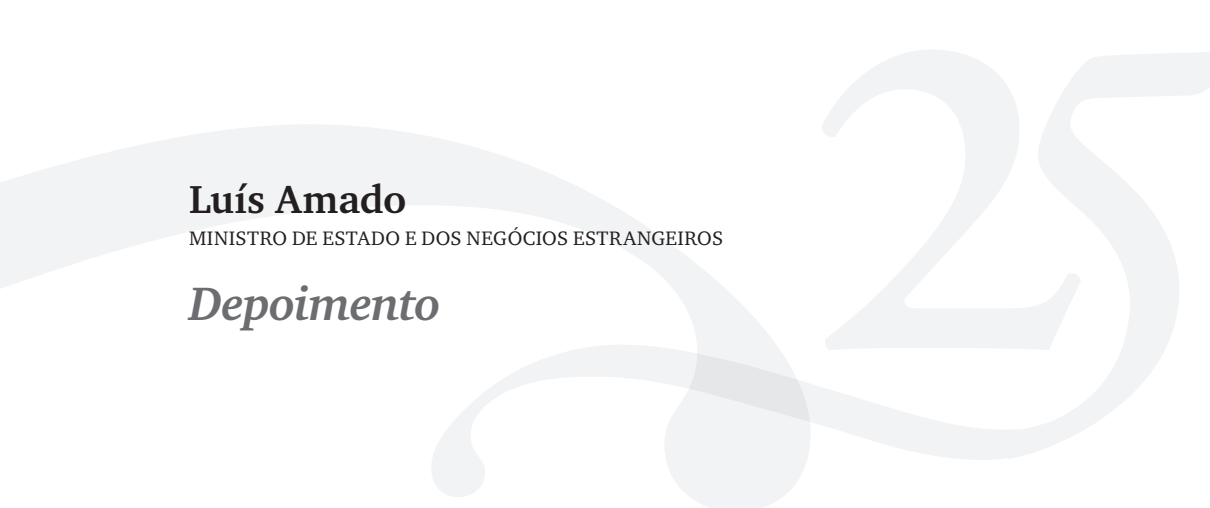
TRÊS MOMENTOS PARA MIM MARCARAM A FUNDAÇÃO. O primeiro quando ela foi criada. Foi em 1983, em Washington. Como os Estados Unidos tinham fundações com Israel e o Egipto também passariam a ter com Portugal. Era uma boa notícia porque as autoridades americanas não estavam em condições de formular perante o Congresso pedidos como os que pretendíamos. A Fundação, pelo contrário, podia assegurar uma resposta mais flexível.

Passado algum tempo e estando eu em Lisboa recebi um convite para ir almoçar com o Dr. Rui Machete ao Aviz que, na altura, estava no Chiado. O interesse do meu interlocutor era simples. Estava eu em condições de lhe dizer se deveria aceitar o cargo que lhe havia sido oferecido para ser o futuro Presidente da nova Fundação. A minha resposta foi entusiástica – que assumisse essas funções! Falei-lhe sobre a Fundação, sobre o que entendíamos que podia ser o seu papel como dinamizador das nossas relações mútuas. E referi-lhe que a Fundação facilitava uma maior visibilidade de Portugal nos Estados Unidos – porque despidas das naturais contingências em que estavam as outras formas da representação externa do Estado.

O terceiro momento deu-se já em 1985, quando por sugestão da Fundação, organizei, na Embaixada, uma reunião com os sectores político, económico, industrial, social e de imprensa, bem como o director do ICEP, representantes da Câmara de Comércio Luso-Americana, de Bancos portugueses e ainda o Eng. Faria de Oliveira pelo IPE. O principal objectivo daquele encontro era o de procurar familiarizar os nossos

interlocutores – o Dr. Rui Machete vinha acompanhado pelo Dr. Bernardino Gomes – com as realidades americanas e apresentar-lhes, na perspectiva da Embaixada e dos demais representantes portugueses, sugestões que pudessem ser-lhes úteis no contexto da acção futura da Fundação. Sabíamos a que ponto todos esses esforços se impunham na cena americana e tínhamos consciência de que a Fundação era um instrumento do maior valor, pela grandeza dos meios de que dispunha e a sabedoria dos que se preparavam para a encabeçar. Os trabalhos decorreram em ambiente de grande franqueza e permitiram uma ampla e profícua troca de impressões.

Depois, no prosseguimento da minha Carreira, fui para Bruxelas para a Representação Permanente de Portugal e dali para outros destinos, e só de longe em longe tive contacto com a Fundação. Dá-me prazer ver agora como está consolidado o seu prestígio e se tem vindo a afirmar como elemento imprescindível nas nossas relações com os Estados Unidos. ●



Luís Amado

MINISTRO DE ESTADO E DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS

Depoimento

SAUDAR O PRIMEIRO QUARTO DE SÉCULO na vida de uma instituição como a Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento é uma tarefa que cumpro com prazer, enquanto cidadão e membro do Governo, por ter acompanhado de perto as suas actividades.

Há vinte e cinco anos, quando a FLAD foi criada, alicerçando-se num então novo modelo de cooperação entre Portugal e os EUA, baseado no Acordo de Cooperação e Defesa assinado entre os dois países em 1983, seria porventura difícil supor que a sua acção, que tem sido o seu principal argumento, pudesse ter alcançado o elevado patamar em que hoje se encontra. Na realidade, a “marca” FLAD, por força de um processo sustentado de afirmação, acabou por se confundir com naturalidade com dois eixos fundamentais da política externa portuguesa – a relação transatlântica e a relação com os Estados Unidos.

Isto só foi possível porque esta verdadeira parceria assenta numa história comum, iniciada desde a independência dos EUA, que Portugal tão cedo reconheceu; tem a geografia como factor de proximidade, sendo o Atlântico um elemento de união; revela uma identidade comum, que passa pela partilha dos mesmos princípios e valores; dispõe de uma base humana que a cimenta, constituída pelos povos dos dois países, nomeadamente pela significativa comunidade portuguesa e luso-descendente que reside, trabalha, estuda e investiga nos EUA; envereda pela economia e pela inovação, com um potencial enorme ainda por explorar e desenvolver, onde os EUA têm sido um importante parceiro comercial extra-comunitário de Portugal, constituindo-se cada vez mais como

destino de importante fluxo de investimentos portugueses, em particular na área das energias renováveis; e abarca uma cooperação crescente e muito relevante no âmbito educativo, científico e tecnológico, que tem surpreendido positivamente e é factor de preparação de novas gerações num mundo globalizado, que não deixarão por sua vez de ser os futuros agentes de aproximação entre os dois países.

Estas são algumas das componentes dinâmicas de uma parceria que se quer viva e ambiciosa. E a FLAD tem sido, e continuará a ser, um instrumento vital do seu desenvolvimento.

A criação da Fundação representou um investimento que tem beneficiado Portugal no seu todo, o relacionamento bilateral com os EUA, a dimensão transatlântica e a cooperação com os países de língua oficial portuguesa.

Esta instituição, inicialmente criada para fomentar o desenvolvimento económico, social e cultural de Portugal através da promoção das relações entre Portugal e os EUA, assim como para incentivar a cooperação entre a sociedade civil dos dois países, ultrapassou em larga medida a missão que lhe foi atribuída.

Sabendo interpretar e acompanhar de forma atenta as prioridades políticas dos diferentes Governos portugueses, definidas em determinados momentos da nossa história recente e no contexto da nossa tradicional inserção geopolítica, integrando-as nas suas próprias actividades e dando-lhes expressão no quadro do relacionamento entre Portugal e os EUA, como prova o papel que tem vindo a desempenhar numa multiplicidade de programas e actividades, a FLAD também se colocou decisivamente na vanguarda constituída por todos os que tentam estudar e responder aos novos desafios da governação global, procurando encontrar respostas conjuntas de Lisboa e de Washington, assim como da União Europeia e dos EUA.

O verdadeiro impacto das actividades da Fundação no desenvolvimento do nosso país, no incremento das relações entre Portugal e os EUA, no aprofundamento da dimensão transatlântica e no desenvolvimento da triangulação com os países de língua oficial portuguesa vai

muito para além do significativo investimento inicial feito pelo Governo português, do apoio que recebeu do Governo norte-americano, dos expressivos montantes investidos pela Fundação e dos mais de treze mil projectos por ela apoiados e concretizados até ao final de 2009.

O cunho da FLAD está indubitavelmente ligado aos inúmeros estudantes, professores e investigadores que beneficiaram das suas bolsas; aos seminários e conferências por si organizados; ao trabalho dos *think tanks* por si patrocinados; às investigações e publicações que receberam o seu apoio; aos programas educativos, culturais, científicos e de intercâmbio que dela recolheram importantes contributos; à promoção do nosso país nos EUA; à compreensão de novos fenómenos económicos e sociais que por ela foram estudados; à projecção de novos espaços de entendimento no contexto do diálogo transatlântico no seu sentido mais lato; à procura das respostas mais adequadas para os problemas do século XXI; tudo resultado da capacidade de iniciativa empreendedora da Fundação.

Uma palavra especial para três aspectos que considero como muito relevantes na acção da FLAD:

- Em primeiro lugar, os programas que tem desenvolvido e apoiado para a plena integração e afirmação da comunidade portuguesa na sociedade norte-americana e para a defesa dos seus interesses junto dos poderes públicos.
- Depois, o apoio que tem concedido à divulgação da língua e da cultura portuguesa nos EUA, através de vários centros de estudos portugueses em universidades, assim como por intermédio de diversos projectos por si empreendidos que visam reforçar o ensino da língua portuguesa naquele país. Se a nossa língua é hoje a 13ª mais estudada naqueles estabelecimentos, existindo 226 universidades norte-americanas a ensiná-la, muito também se deve à atenção que a Fundação sempre dispensou a este importante vector.
- Por último, a particular atenção que a Região Autónoma dos Açores tem recebido da Fundação, que desenvolve diversas iniciativas de relevo em colaboração com as autoridades regionais, com um impacto significativo no arquipélago e na sua população.

É por todas estas razões que julgo ser da mais elementar justiça reconhecer que este ano celebramos muito mais do que os vinte e cinco anos da criação da FLAD. Este ano comemoramos uma intensa parceria com um passado de sucesso, com um presente que se afigura auspicioso e com um futuro em construção acelerada.

Mas a FLAD não seria aquilo que é hoje, e não teria deixado a marca que tem vindo a imprimir, antes de mais nas sociedades portuguesa e norte-americana, sem a liderança do Dr. Rui Machete. A Fundação nasceu, cresceu e desenvolveu-se sob a sua orientação, sendo hoje um elemento indispensável desde logo no relacionamento entre Portugal e os Estados Unidos da América. A sua visão, capacidade de trabalho, empenho e sensibilidade foram fundamentais para fazer da Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento um êxito. Não posso por isso deixar de homenageá-lo, assim como a toda a sua equipa, e agradecer-lhe a sua dedicação ao longo de todo este tempo à frente dos destinos da Fundação. ●

Manuel Braga da Cruz

REITOR DA UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

A Fundação Luso-Americana e a Universidade Católica Portuguesa

AO LONGO DESTES VINTE E CINCO ANOS DE EXISTÊNCIA a Fundação Luso-Americana desempenhou um relevante papel no apoio a projectos da Universidade Católica Portuguesa, contribuindo decisivamente para a sua modernização e internacionalização, e para a sua aproximação ao melhor do mundo universitário norte-americano. Nesse sentido, a Fundação Luso-Americana tem sido um poderoso factor de desenvolvimento do diálogo e da cooperação universitária transatlântica.

Entre os muitos apoios recebidos da FLAD aprez-me registar os que contribuíram para a modernização da Universidade, nomeadamente o apoio à informatização da sede e dos seus vários Centros Regionais, e ao apetrechamento das suas bibliotecas.

Mas terão sido porventura os apoios à internacionalização os que mais dignos de nota se afiguram. Refiro-me à vinda de professores americanos e à ida para os EUA de vários doutorandos e professores da Universidade, em visitas de mais longa ou curta duração.

Esse intercâmbio e essa formação de professores possibilitou algumas das mais relevantes experiências de afirmação da excelência de algumas unidades da UCP, quer na área tecnológica, como foi o caso exemplar da Escola Superior de Biotecnologia, quer na área das humanidades, onde merecem ser realçados os contributos para o início da Escola de Pós-Graduações da Faculdade de Ciências Económicas e Empresariais, para a criação da Católica Global School of Law da Faculdade de Direito, para o lançamento inicial do Programa de Mestrado em Teoria e Ciência Política do Instituto de Estudos Políticos, para o curso de Som e

Imagem da Escola das Artes do Porto, sem esquecer o apoio decisivo à internacionalização da *Revista Portuguesa de Filosofia*, publicada pela Faculdade de Filosofia de Braga.

Em muitas das acções, em que a Universidade Católica inovou no panorama do ensino superior em Portugal, a FLAD esteve presente e actuante com o seu apoio inteligente e selectivo, tornando-se desse modo co-responsável por essas inovações.

Graças à FLAD, a UCP deu passos muito importantes para o intercâmbio e mobilidade de professores e investigadores, onde merece destaque a criação de cátedras FLAD em várias unidades da Universidade, para a atracção de alunos oriundos de outros países, para o estabelecimento de parcerias com outras universidades e centros de investigação estrangeiros, para a aquisição de livros estrangeiros, para a publicação de revistas de referência internacional.

A FLAD contribuiu ainda de forma significativa para o desenvolvimento da cooperação universitária com os países de língua portuguesa, designadamente com o Brasil, Angola, Moçambique, e em especial com as Universidades Católicas desses países.

Sem o apoio da FLAD não teria sido possível à Universidade Católica Portuguesa conseguir a concretização de tantos projectos científicos e académicos, que a tornaram conhecida além-fronteiras e respeitada no panorama nacional. Por esse facto, a FLAD tem sido parceira de percurso da Universidade Católica, partilhando com ela ambições e sucessos. Razão suficiente para que a Universidade Católica esteja especialmente grata e se congratule com o seu 25.º aniversário, e exprima as mais efusivas felicitações ao seu Presidente, a cuja lucidez estratégica se deve de forma especial o sucesso da intervenção da FLAD na sociedade portuguesa. ●

Manuel Carrondo

PROFESSOR CATEDRÁTICO DA UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA E CEO DO IBET

O suporte da FLAD ao IBET

O CONCEITO DE VISÃO E MISSÃO PARA O IBET, gizado junto de colegas do MIT em meados da década de oitenta, é contemporâneo do arranque da actividade da Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento que agora completa 25 anos, numa altura em que Portugal se lançava ao desafio da mudança, com força e optimismo evidentes.

Com o IBET pretende-se, numa altura em que começava a tornar-se claro que a Biotecnologia seria um dos motores do desenvolvimento económico durante décadas, conseguir que a Ciência e Tecnologia investigada por alguns grupos portugueses de excelência pudesse vir a contribuir para o reforço e desenvolvimento da economia portuguesa. Percebia-se que a C&T portuguesa, apesar de frágil e incipiente, poderia acelerar mais rapidamente do que a capacidade que uma economia muito pouco inovadora teria de integrar o conhecimento eventualmente gerado.

Pelo que nos propusemos agregar bons grupos de investigação da área de Lisboa para realizarem actividades multidisciplinares em parceria com algumas das empresas potenciais utilizadoras de tais conhecimentos – empresas dos sectores agro-florestal, agro-industrial, farmacêutico e químico, potencialmente mais impactáveis pelo desenvolvimento da Biotecnologia. Subjacente a esta aposta, havia também uma noção clara de que, a prazo (não antecipávamos quão longo...) a sustentabilidade do suporte social à investigação científica se faria também através da criação de actividades e emprego qualificado, impulsionando a inovação nas empresas, como elemento gerador de riqueza e maior qualidade de vida para Portugal.

Quando em 1988 a congregação de vontades, iniciada pelo INIA (Instituto Nacional de Investigação Agrária) com apoios da Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica (hoje Fundação para a Ciência e Tecnologia), Instituto Nacional de Investigação Científica (INIC), da Fundação Calouste Gulbenkian e do IPE – Instituto das Participações do Estado, permitem o lançamento do IBET e da sua instituição gémea, o Centro de Tecnologia Química e Biológica (que viria a ser integrado como Instituto autónomo, ITQB, na Universidade Nova de Lisboa em 1993), a Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento constituiu-se como uma das primeiras entidades a apoiar o projecto, como sócio fundador que quis ser do IBET.

O teor do apoio previsto é formulado em Março de 1988 de forma inequívoca, como segue:

“...a Fundação Luso-Americana decidiu apoiar a criação do Instituto de Biologia Experimental e Tecnológica (IBET) com a quantia global de 30.000 contos em 1988. Desta quantia, 5.000 contos serão concedidos a título de subvenção inicial e 25.000 contos sob a forma de financiamento a projectos de I&D que venham a ser apresentados e aprovados pela Fundação até ao final do primeiro ano de funcionamento do IBET. Em princípio, a Fundação admite ainda vir a financiar projectos apresentados pelo IBET para o segundo e terceiro anos do seu funcionamento, no valor de 20.000 contos em cada ano. É pressuposto da atribuição deste apoio que a Fundação venha a adquirir a qualidade de sócio efectivo e a ser isenta do pagamento de quotas anuais.

As razões que determinaram a decisão da Fundação foram essencialmente a alta prioridade nacional deste projecto, o carácter aplicado e associado à actividade produtiva que o novo Instituto virá a ter e, finalmente, a utilidade que para o próprio projecto pode ter a participação desde o início, como sócio efectivo, de uma instituição com as características da Fundação.”

Quantitativamente, e à época, este foi um apoio substancial, que permitiu ao IBET alavancar actividades com equipas americanas num

período em que a entrada de Portugal na hoje União Europeia redireccionava a I&D portuguesa para a Europa, de onde vinham os incentivos financeiros. Estas ligações a grupos americanos de mérito internacionalmente reconhecido serviram-nos também de “certificado de qualidade” nas ligações à Europa, que o IBET obviamente também perseguia e persegue.

Como antecipado na, e garantido pela, ligação à FLAD, o IBET alargou competências, actividades e, concomitantemente, recursos externos pelo que o apoio estritamente financeiro da FLAD se foi tornando progressivamente menor, permitindo também à Fundação Luso-Americana redireccionar apoios; mas a sua disponibilidade para reforço da actividade do IBET manteve-se.

Apenas dois exemplos de tais apoios mais casuísticos:

- i] A FLAD suportou a participação em reuniões anuais do Conselho Consultivo do IBET do Prof. Daniel I.C. Wang, um de apenas 14 *Institute Professors* no *Massachusetts Institute of Technology* (MIT) e um dos grande apoiantes do IBET e seus investigadores. O Prof. Dany Wang será constituído Doutor *Honoris Causa* pela Universidade Nova de Lisboa a 21 de Abril de 2010.
- ii] Na área da Biotecnologia de Plantas, em que o Laboratório Associado de Oeiras (ITQB, IGC e IBET) é um dos melhores centros europeus (mas que é área difícil de “venda” quer científica quer tecnológica) a FLAD apoiou há um par de anos o aprofundamento da ligação do Forest Biotech Lab. do IBET a um dos melhores centros de conhecimento florestal dos EUA, a *Warnell School of Forestry Resources* na Universidade da Geórgia.

O nível de credibilidade que a FLAD aportou ao projecto, bem como a participação ininterrupta nos órgãos sociais e apoios supletivos para arranque ou reforço de actividades fortemente dependentes de ligação aos EUA, garantem ao IBET um acréscimo de flexibilidade, tão essencialmente crítico numa gestão de I&D conduzida em regime empresarial e totalmente dependente de contratos.



Manuel Sobrinho Simões

PROFESSOR CATEDRÁTICO DA UNIVERSIDADE DO PORTO
E PRESIDENTE DO IPATIMUP

A FLAD e o IPATIMUP: Apoio generoso e cumplicidade

A FLAD ESTÁ INTIMAMENTE LIGADA À HISTÓRIA do IPATIMUP. Ligada pela positiva, acentue-se, já que não só foi um dos Associados Fundadores do Instituto, em 1989, como se empenhou sempre de uma forma excepcional no seu desenvolvimento.

Esse empenhamento assumiu diversas expressões desde a participação activa nos Corpos Sociais – a Drª Idalina Salgueiro marcou sucessivas Assembleias Gerais e presidiu anos a fio ao Conselho Fiscal – até ao apoio em vários programas e iniciativas prioritariamente vocacionadas para o reforço da avaliação externa do IPATIMUP e a formação das suas gentes.

Nas suas relações com o Instituto, a FLAD teve sempre muito clara a importância daquilo a que Richard Zimler chama a necessidade de reduzir *“the distance between the inside and the outside”* através de medidas activas de relacionamento com instituições estrangeiras em geral, e norte-americanas em particular. Graças a essas medidas e ao clima de colaboração inter-institucional assim criado, a tal distância de que fala Zimler *has shrunk so much* que o IPATIMUP é, hoje em dia, um exemplo de instituição mundializada.

A FLAD criou, desde o início, condições que facilitaram a aproximação do IPATIMUP à comunidade científica internacional e envolveu-se particularmente na construção de um programa de avaliação externa regular, com *accountability*, e na implementação de um programa de intercâmbio bi-direccional com instituições norte-americanas. Este último programa permitiu, e continua a permitir, o treino de muitos jovens investigadores do IPATIMUP na América do Norte, a realização

entre nós de seminários e *workshops* orientados por personalidades dos EUA e o estabelecimento de projectos de investigação em conjunto com cientistas de universidades daquele país.

Sem retirar relevância à produção científica luso-americana que tem vindo a resultar do apoio da FLAD, penso que será pacífico individualizar como a jóia-da-coroa da colaboração FLAD/IPATIMUP a realização, em 93/94, da primeira acção de um processo de avaliação externa internacional que ainda hoje perdura no nosso Instituto. O modelo utilizado nessa primeira avaliação e as respectivas conclusões foram apresentados publicamente na FLAD e reconhecidos, dado o pioneirismo e a qualidade do processo, como uma “experiência exemplar” na caminhada para a internacionalização das instituições de investigação portuguesas.

Neste, como nos outros programas e iniciativas, contámos com uma FLAD que soube sempre misturar em doses *qb* e num clima de tranquilidade e classe, atenção e amizade por um lado, com rigor e exigência por outro. Não espanta por isso a homenagem que o IPATIMUP lhe prestou, na pessoa da Drª Idalina Salgueiro, no dia em que comemorámos o vigésimo aniversário. ●

Maria Lucinda Fonseca

PROFESSORA CATEDRÁTICA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

Uma Instituição Pioneira na Promoção da Investigação sobre Migrações Internacionais e Integração dos Imigrantes

O MEU RELACIONAMENTO COM A FLAD teve início em 1997, numa iniciativa da Fundação para promover a participação portuguesa no projecto internacional *Metropolis*.

O projecto *Metropolis* foi criado em 1995, pela *Carnegie Endowment for International Peace*, de Washington D.C. e pelo *Serviço de Migrações do Canadá*, com o objectivo de promover a investigação e a divulgação de resultados de estudos sobre migrações internacionais, diversidade e integração, relevantes do ponto de vista político. Este projecto congrega uma vasta rede de instituições universitárias, entidades políticas e organizações não-governamentais da América do Norte e da Europa e, cada vez mais, também da Ásia-Pacífico, América Latina e África.

Demonstrando um grande sentido de oportunidade e visão estratégica, a Fundação Luso-Americana aderiu ao projecto *Metropolis* em 1996 e promoveu a constituição do Grupo *Metropolis* Portugal, convidando investigadores do Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa (CEG), do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra (CES) e do Gabinete de Investigação em Sociologia Aplicada da Universidade Nova de Lisboa (SOCINOVA) a participar, com a FLAD, nas actividades do projecto internacional *Metropolis* e a desenvolver um programa de investigação aplicada sobre imigração e integração dos imigrantes em Portugal.

Os três centros responderam, com entusiasmo, ao desafio proposto pela FLAD, constituindo o Grupo *Metropolis* Portugal. A FLAD, através do Dr. Charles Buchanan, representa Portugal na Comissão Directiva do

projecto *Metropolis*, constituindo o suporte institucional que promove a ligação dos investigadores portugueses à rede internacional e coordenando as iniciativas que pretendem fomentar o diálogo entre instituições académicas, decisores políticos, serviços públicos, ONG e outros parceiros interessados na problemática da imigração portuguesa. O CEG, o CES e o SOCINOVA são responsáveis, respectivamente, pela investigação em três domínios: imigração e políticas urbanas (CEG), globalização, migrações internacionais e mercados de trabalho locais (CES) e práticas de cidadania e participação das comunidades imigradas (SOCINOVA).

Além da participação regular nas conferências internacionais, realizadas anualmente, a partir de 1996, o Grupo *Metropolis* Portugal, com o apoio da FLAD, tem organizado *workshops* e publicado diversos trabalhos de investigação neste domínio.

Fruto da participação activa no projecto *Metropolis*, investigadores séniores e estudantes de mestrado e doutoramento, do CES, CEG e SOCINOVA, tiveram oportunidade de divulgar e discutir os seus trabalhos com reputados especialistas de outros países e de alargar as suas redes de contactos com instituições académicas estrangeiras de elevado prestígio internacional.

Os encontros propiciados pelas conferências internacionais facilitaram a criação da rede de excelência *IMISCOE – European Network of Excellence on International Migration, Integration and Social Cohesion in Europe*, coordenada por Rinus Penninx (co-director do projecto *Metropolis*, entre 1999 e 2009), e constituída por centros de investigação europeus, onde se incluem os que fazem parte do Grupo *Metropolis* Portugal e muitos outros membros do projecto internacional.

Em 2006, a FLAD, em colaboração com o CEG, o ACIME – Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas (actual ACIDI), o CES e o SOCINOVA, organizou em Lisboa a 11ª conferência internacional *Metropolis*, subordinada ao tema *Paths and crossroads: moving people, changing places*. Esta conferência foi a mais participada de todas as realizadas na Europa, contando com 995 delegados, provenientes de 43 países, incluindo

investigadores com diferentes filiações disciplinares, dirigentes políticos europeus e americanos e representantes de organizações internacionais. O leque de oradores das sessões plenárias incluiu especialistas de renome mundial, bem como responsáveis políticos nacionais, europeus, americanos, canadianos e dos Países de Língua Portuguesa e ainda representantes de organizações não-governamentais.

As conferências anuais do projecto *Metropolis* têm actualmente uma grande relevância científica e política. A conferência de Lisboa teve uma importância ainda maior, beneficiando do facto de ter antecedido a Presidência Portuguesa da União Europeia, que teve início em Junho de 2007.

A partir de 2006, a participação portuguesa nas conferências do projecto *Metropolis* tem vindo a crescer e a diversificar-se, incluindo dirigentes políticos e quadros superiores de diversos ministérios, do ACIDI, do Governo Regional dos Açores e de câmaras municipais. Ainda no âmbito deste projecto, entre as iniciativas apoiadas pela FLAD, desenvolvidas em Portugal depois da conferência de Lisboa, importa destacar: i) em 2007, o patrocínio de um estudo promovido pelo ACIDI e coordenado pela Organização Internacional das Migrações sobre boas práticas de acolhimento e integração dos imigrantes em Portugal e ii) em 2008, a organização da conferência “Aproximando Mundos: Emigração, Imigração e Desenvolvimento em Espaços Insulares”, em parceria com o CEG, a Direcção Regional das Comunidades dos Açores e o ACIDI. A Fundação patrocinou ainda a edição do livro de actas.

Para além do projecto *Metropolis*, a FLAD tem apoiado muitas outras iniciativas para promover a investigação em diferentes aspectos das migrações internacionais e o desenvolvimento de melhores políticas de imigração. Entre as mais relevantes destacamos: i) a participação numa rede de instituições europeias que inclui universidades e organizações não-governamentais interessadas no debate público das políticas de imigração – *European Migration Dialogue*; e ii) a participação na Plataforma para a Integração dos Imigrantes.

No âmbito do *European Migration Dialogue*, a Fundação e o Centro de Estudos Geográficos promoveram: i) a criação e animação de uma rede

de parceiros portugueses que integra unidades de investigação, sindicatos, associações patronais, associações de imigrantes, câmaras municipais da Área Metropolitana de Lisboa, ACIDI, Conselho Português para os Refugiados, ONG e departamentos de diferentes ministérios com responsabilidades na área da imigração e integração de imigrantes; ii) a organização de dois *workshops*; e iii) a elaboração do relatório relativo a Portugal sobre os temas em debate sobre a imigração para a Europa.

A FLAD tem vindo também a desenvolver uma colaboração estratégica com o MPI – *Migration Policy Institute* que, além da publicação *Europe and Its Immigrants in the 21st Century*, tem estimulado uma cooperação frutuosa entre este instituto e alguns centros de investigação nacionais.

O crescimento do número de investigadores portugueses interessados pelo estudo de temas relacionados com as migrações tem sido acompanhado pelo aumento da sua participação em redes internacionais e pelo reconhecimento da qualidade dos seus trabalhos. No plano das políticas, em 2007, Portugal ocupava o 2º lugar no MIPEX (índice de políticas para a integração dos imigrantes) e em 2009, no relatório do *Desenvolvimento Humano*, era apontado como o país com melhores políticas de integração.

Creio que as actividades da FLAD que aqui evoquei, constituem prova bastante de um já longo historial de sucessos, dando um testemunho claro do seu valioso contributo para os bons resultados de Portugal na investigação e nas políticas de imigração.

Numa nota mais pessoal, como beneficiária e colaboradora de muitos projectos e iniciativas anteriormente referidos, manifesto o meu profundo reconhecimento e agradecimento não só pelas oportunidades de aprendizagem e valorização pessoal que a FLAD me proporcionou, mas também pelos laços de amizade que hoje me ligam a muitos dos seus membros. ●

Miguel Monjardino

PROFESSOR-CONVIDADO DE SEGURANÇA INTERNACIONAL NO INSTITUTO DE ESTUDOS POLÍTICOS DA UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA, COLUNISTA DE POLÍTICA INTERNACIONAL DO SEMANÁRIO EXPRESSO E ANALISTA DA SIC-NOTÍCIAS E TSF RÁDIO NOTÍCIAS

Quatro lições de segurança internacional

VISTO DE INGLATERRA, NO OUTONO DE 2000, o *Center for International and Security Studies at Maryland* (CISSM) na Universidade de Maryland, *College Park*, chamou-me a atenção por duas razões. A primeira teve a ver com o facto de ser um *think tank* integrado numa escola de Política Pública. Numa instituição deste tipo, o estudo, o debate e a divulgação da investigação ou de pontos de vista através de colunas de opinião nos jornais e entrevistas na televisão e rádio são essenciais e fortemente encorajadas.

As pessoas foram a segunda razão. O CISSM tinha e continua a ter uma equipa verdadeiramente multidisciplinar – académicos e ex-decisores políticos e militares, cientistas políticos, físicos nucleares, economistas, médicos, engenheiros e pessoas ligadas às políticas públicas. Num ambiente deste tipo, a segurança internacional é uma coisa controversa e interessante.

Na primavera de 2001 a Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento (FLAD) apoiou a minha estadia no CISSM como académico-visitante. Durante esses meses em *College Park*, houve quatro coisas que me chamaram a atenção.

A primeira foi uma série de conversas com o almirante Stansfield Turner sobre a estratégia e a história. “O que é que pensa da estratégia naval de Péricles?” perguntou-me Turner na nossa primeira conversa. A pergunta foi reveladora. Reveladora de uma preocupação e de um longo percurso estratégico e intelectual.

O almirante Turner foi director da *Central Intelligence Agency* entre 1977 e 1981. Algumas das suas decisões e opções durante esses anos

foram bastante controversas. Turner, todavia, também foi presidente do *Naval War College* em Newport, Rhode Island, entre 1972 e 1974. O resultado da sua passagem pelo *Naval War College* foram reformas profundas no programa académico. A história e a estratégia estavam no coração destas reformas que, na altura, não foram propriamente bem aceites pela Marinha dos EUA. Para o almirante Turner, a função da educação militar profissional era:

“[to] educate the senior officer corps in the large military and strategic issues that confront America in the late twentieth century. They should educate these officers by a demanding intellectual curriculum to think in wider terms than their busy operational careers have thus far demanded. Above all the war colleges should broaden the intellectual and military horizons of the officers who attend, so that they have a conception of the larger strategic and operational issues that confront our military and our nation.”

No centro do programa introduzido por Turner estava – e continua a estar – a *História da Guerra do Peloponeso* de Tucídides. Este clássico das relações internacionais e da estratégia inclui todo o tipo de situações que um oficial militar pode encontrar ao longo da sua carreira. Mas a obra de Tucídides também é indispensável para os civis interessados em compreender os problemas da guerra e da paz.

O seminário do almirante Turner em Maryland sobre a História e a Estratégia visava isso mesmo – educar os alunos interessados nas relações internacionais nas duríssimas realidades da guerra e para as dificuldades estratégicas que rodeiam o processo de decisão político-militar. A opção de Péricles por uma estratégia naval defensiva contra a aliança liderada por Esparta e o impacto das paixões, da razão e do acaso no processo de decisão de Atenas foram temas importantes nessas conversas de Turner com os seus alunos. Poucos meses depois, teve lugar o 11 de Setembro e uma das consequências dos ataques terroristas desse dia foi um aumento do interesse das universidades americanas pela obra de Tucídides.

O debate sobre a China foi a segunda coisa que me chamou a atenção. A ameaça da Al Qaeda contra os interesses norte-americanos no estran-

geiro era clara no final da administração Clinton. Mas na primavera de 2001, o grande tópico da política externa da administração W. Bush era a China. Para a Casa Branca, Pequim era um “competidor estratégico.”

O mês de Março foi passado a discutir as implicações estratégicas e operacionais de um estudo levado a cabo por Andrew Marshall no Pentágono. O estudo defendia que o Pacífico seria o teatro mais provável para as operações militares norte-americanas e discutia as implicações para a capacidade de projecção de poder numa região onde as distâncias eram enormes e muito exigentes do ponto de vista logístico. Em Abril, a crise entre Washington e Pequim tornou-se real quando um caça chinês colidiu com um avião de recolha de informações electrónicas da marinha dos EUA no mar do sul da China. O avião americano aterrou de emergência em Hainan e durante quase duas semanas o destino da tripulação norte-americana e o seu avião foram tema de uma delicada negociação entre Washington e Pequim.

Durante essas semanas, fiz a viagem para o *campus* de *College Park* com um grupo de funcionários públicos de uma província do interior da China que estavam a fazer uma série de cursos intensivos nas áreas da tecnologia, gestão e economia na universidade. Um dia conversei com um destes funcionários. A visita ao *Lincoln Memorial* e a leitura do pequeno mas extraordinário discurso de Lincoln em Gettysburg tinham deixado este chinês pensativo: “A importância e a visibilidade da lei na América é muito diferente do que temos na China. Temos muitas leis na China. Leis para tudo o que se possa imaginar. Mas depois ninguém observa a lei. E é muito difícil impôr a lei quando há interesses poderosos pelo meio.”

A terceira coisa que me chamou a atenção durante a passagem pelo CISSM foi o intenso debate americano e internacional sobre a intenção da administração W. Bush repensar o conceito da dissuasão nuclear e convencional. No dia 1 de Maio de 2001 George W. Bush foi à *National Defense University* (NDU) em Washington, D.C.. anunciar as suas escolhas ao nível das armas nucleares e convencionais, defesas anti-míssil e controlo de armamentos. A ambição da administração nesse dia era a de começar a mudar o mundo estratégico. Dali a alguns meses, esse mundo

mudou mas, como costuma acontecer na segurança internacional, não da maneira que a administração americana tinha pensado.

Este ponto leva-me à última coisa que me chamou a atenção em Maryland – Thomas Schelling e o papel da surpresa na segurança internacional. Na altura, Schelling era Professor de Política Pública e de Economia em Maryland e tinha o seu gabinete no CISSM. Os seus seminários sobre teoria dos jogos, negociação e política internacional eram famosos na universidade. Schelling ganharia o Prémio Nobel da Economia em 2005. O seu prefácio ao livro de Roberta Wohlstetter, *Pearl Harbor. Warning and Decision* (Stanford, Califórnia: *Stanford University Press*, 1962) é uma obra-prima.

“Rarely has a government been more expectant,” escreveu Schelling sobre a administração de Franklin Delano Roosevelt. *“We just expected wrong. And it was not our warning that was at fault, but our strategic analysis. ... There is a tendency in our planning to confuse the unfamiliar with the improbable. The contingency we have not considered seriously looks strange; what looks strange is thought improbable; what is improbable need not be considered seriously.”* Donald Rumsfeld, secretário da Defesa, distribuiu cópias deste prefácio por todo o lado na primavera e verão de 2001. Mas, tal como aconteceu em 1941, a administração W. Bush foi surpreendida pelo 11 de Setembro.

A surpresa e o choque gerados pelo 11 de Setembro mostrou a importância política da segurança. *“Analysts who ignore the importance of ... political order”*, avisou Joseph Nye, *“are like people who forget the importance of oxygen they breathe. Security is like oxygen – you tend not to notice it until you begin to lose it, but once that occurs there is nothing else that you will think about.”*

Dez anos depois, as grandes questões da guerra e da paz, o papel das armas nucleares, defesas anti-míssil e de armas convencionais cada vez mais precisas, o futuro da China e o terrorismo internacional como uma arma ideológica e religiosa continuam connosco. A experiência da minha primavera no CISSM em *College Park* teve uma grande influência no meu percurso profissional em Portugal. A FLAD tornou isto possível. ●

Miguel Tamen

PROFESSOR, UNIVERSIDADE DE LISBOA

REGULAR VISITING PROFESSOR, THE UNIVERSITY OF CHICAGO

Pagar para Ver

DURANTE OS ÚLTIMOS VINTE ANOS A FUNDAÇÃO apoiou várias actividades a que estive ou estou ligado. Fê-lo sempre com generosidade e imaginação e teve sempre paciência para ouvir justificações mesmo quando lhe terão parecido excêntricas. Uma vez concordou com as propostas que lhe fiz, outras não. Em todos os casos explicou as suas razões.

“Generosidade”, “imaginação” e “paciência” são nomes de virtudes ou talentos necessários a pessoas, e que normalmente não se usam a propósito de instituições. De que quem os tem diz-se que costuma prestar atenção às razões e opiniões das pessoas com quem fala. E no entanto essa atenção é não apenas uma característica das boas pessoas como pode ser uma característica das boas organizações e das boas instituições.

Perguntei-me muitas vezes a que se devia tal estilo, ou, como às vezes imprecisamente se diz, esta cultura de corporação. A melhor resposta parece-me ainda ser a mais simples e a mais prosaica: tinha a ver com o tamanho da Fundação, a simplicidade de processos de comunicação e decisão, a pontualidade e o escrúpulo nas respostas. Tinha também, e muito, a ver com os interlocutores. Durante a maior parte destes vinte anos, o meu interlocutor do costume foi Luís Santos Ferro (e todas as virtudes que descrevi atrás lhe podem ser sem exagero imputadas).

Seria ocioso descrever em pormenor as actividades em que participei e que foram apoiadas pela Fundação. Vou por isso dar dois exemplos justamente dos talentos apontados, em que entraram doses diferentes de generosidade, imaginação e paciência.

O primeiro foi o apoio à vinda de um professor visitante norte-americano a um Programa de pós-graduação em humanidades a que estava e estou ligado mas que, nessa altura, estava a começar. A especialidade do convidado e os interesses do Programa eram abstrusos e não tinham nada a ver com Portugal. Esta última condição é importante porque as humanidades, e os seus praticantes, são em geral tratadas de modo mais provinciano que as ciências (fosse eu físico e ninguém me perguntaria se faço física portuguesa). Por outro lado, como o Programa estava a começar, não era possível dar garantias de sucesso ou apontar para um passado particularmente auspicioso. Ora na Fundação não me fizeram perguntas sobre o interesse nacional e sobre as provas do que eu dizia que poderia vir a acontecer. Limitaram-se a confiar e, literalmente, a pagar para ver. Quinze anos depois, o Programa produziu setenta e cinco teses de mestrado e doutoramento e tem mais de sessenta alunos; o professor que a Fundação ajudou a pagar voltou muitas mais vezes, quase sempre pago com verbas que o Programa conseguiu angariar baseado na procura que teve. Ensinou seminários, fez conferências, orientou teses, aconselhou alunos, recebeu alunos nossos na sua Universidade, escreveu cartas de recomendação – e recentemente, por proposta do referido Programa, recebeu um doutoramento *honoris causa* pela Universidade de Lisboa. Sem a Fundação, nada disto teria acontecido.

O segundo exemplo é de natureza diferente. Aqui há uns anos, a Fundação e a Universidade de Chicago sondaram-me para ser professor visitante de Estudos Portugueses nesta última (aqui o provincianismo das humanidades jogou a meu favor: em ambos os lados do Atlântico tem-se a tendência para imaginar que do facto de alguém ter um certo passaporte se segue ser o seu portador especialista nato em assuntos do país emissor). Ao fim do primeiro ano percebi que não tinha alunos e que o interesse por coisas portuguesas era, em Chicago, raro e espasmódico. O impacto na Universidade era nulo. Parecia-me tudo um desperdício de tempo (meu) e dinheiro (da Fundação e da Universidade). Antes de desistir, propus à Fundação, com o acordo da Universidade, uma solução

contra-intuitiva. Em vez de contribuir para criar um outro gueto irrelevante numa universidade importante (que naturalmente aceita os presentes que lhe dão) dever-se-ia, porque justamente, por feliz acaso, não posso reclamar o estatuto de especialista em coisas portuguesas, permitir que eu ensinasse ao abrigo deste programa também as coisas em que geralmente trabalho, mesmo que não tivessem a ver com Portugal. A Fundação aceitou e a situação mudou: os meus cursos começaram a ser co-listados em quatro e às vezes mais departamentos; o número de alunos nos vários tipos de curso aumentou exponencialmente. A experiência já dura há onze anos. Uma consequência desta presença e visibilidade na Universidade foi muitos dos meus alunos terem desenvolvido um interesse por coisas portuguesas, sem que esse interesse tivesse sido, como os interesses intelectuais nunca devem ser, causado por acções de propaganda, e sem que os interessados se tivessem transformado, como nunca em questões intelectuais nos devemos transformar, em apóstolos. Uma consequência importante deste movimento foi a Universidade e a Fundação considerarem que tinha passado a haver condições para co-patrocinar uma posição permanente de Estudos Portugueses em Chicago – para onde já foi contratado o primeiro ocupante. Mais uma vez, e no que me diz respeito, a Fundação pagou para ver.

Não são só os talentos que a Fundação mostrou nestas duas histórias que são parecidos. A *moral* destas duas histórias é também parecida. Nos dois casos, a Fundação agiu de modo contra-intuitivo e as coisas correram bem. A possibilidade e o luxo de agir desta maneira não são um exclusivo dos países ricos, embora naturalmente seja importante que Portugal seja um país rico. São antes o modo razoável de gerir prioridades que distingue as boas das más instituições, e as boas e más maneiras de olhar para projectos e ideias de outras pessoas. A moral destas histórias é que pagar para ver, confiar em ideias, dá resultado. ●



Onésimo Teotónio Almeida

PROFESSOR CATEDRÁTICO NO DEPARTAMENTO
DE ESTUDOS PORTUGUESES E BRASILEIROS
BROWN UNIVERSITY

Da FLAD na Brown e não só

UMA DAS POUCAS VANTAGENS DA IDADE PROVECTA é poder narrar histórias da história contando-as na primeira pessoa e falando de figuras, hoje antigas, como contemporâneas.

Recordo perfeitamente as primeiras notícias da criação da FLAD. Vinte e cinco anos, em sessenta e três meus, não é muito. A FLAD tem a idade da minha filha. Mas avanço que na verdade parece ter muito mais (enquanto sobre a minha filha ainda penso que nasceu há poucos anos. Estranho como a memória funciona).

Quando no início da década de 70 aportei aos EUA, conhecia apenas de nome, e alguma obra, duas figuras dos Estudos Portugueses no país – Francis Rogers, Pontífice em Harvard – o qual, com relativa frequência, a imprensa açoriana exaltava pelos seus grandiosos feitos – e Jorge de Sena, que parecia viver mais em Portugal do que na Califórnia. Havia ainda, é certo, José Rodrigues Miguéis, mas este mantinha-se à margem das universidades. Aos poucos fui-me dando conta da existência de outros académicos como Eduardo Mayone Dias, na UCLA, e Alexandrino Severino, em Vanderbilt, por exemplo, e, na Penn State, Gerald Moser, pioneiro da atenção hoje dada às literaturas africanas em língua portuguesa, alguém cujas pisadas cedo foram seguidas por Russell Hamilton.

Embrenhado na pós-graduação em Filosofia na Brown, só aos poucos – e sobretudo por causa do Ensino Bilingue – na altura a começar em força nas comunidades portuguesas da Costa Leste e na Califórnia – fui divisando a panorâmica do campo. As coincidências da história e os seus pequenos acasos puseram-me nesse tempo em contacto com George

Monteiro, Professor de Literatura Americana na Brown, então regressado de uma experiência marcante no Brasil como bolsheiro da Fulbright. De repente – e aqui entra também Nelson Vieira – começou a desenhar-se no horizonte o que acabaria por ser o Centro de Estudos Portugueses e Brasileiros da Brown, mais tarde o primeiro Departamento de Estudos Portugueses nos Estados Unidos. O ICALP (hoje Instituto Camões) e a Gulbenkian (leia-se, na época, José Blanco) eram as instituições-Mecenas a quem se podia recorrer solicitando apoios. Para portugueses, bater à porta das administrações das universidades americanas era então um trabalho infrutífero, pois nem ao Brasil davam atenção. Todavia, levando-se em mão algum pecúlio conseguido fora-de-muros, captava-se melhor as atenções dos *Deans* porque, afinal, alguém já dera sinais de acreditar no nosso projecto. A expressão americana é *money talks*, mas julgo que deveria ser *when money talks, people listen*.

Na verdade, para além da fraca imagem de Portugal e Brasil nos Estados Unidos (em grande parte devida ao desconhecimento, mas não só, pois antigos preconceitos estavam latentes), tudo tinha de seguir os canais departamentais; as estruturas académicas obrigavam a que os núcleos de Estudos Portugueses e Brasileiros passassem pelo crivo e aprovação das hierarquias dos Departamentos de Espanhol, ou de Línguas e Literaturas Modernas, onde o Português era uma espécie de língua enteada. Só a obtenção de fundos do exterior fazia ultrapassar empecilhos. Foi, aliás, um impulso significativo vindo de Washington, em apoio a um programa de formação de professores para as escolas bilingues das comunidades portuguesas, que tudo transformou permitindo o primeiro furo nos esquemas burocráticos e levando ao “1640” do núcleo de Estudos Portugueses da Brown, que se transformou, à altura, num centro independente dos Estudos Hispânicos. Os passos foram lentos e cuidadosos mas firmes e, ao fim destes últimos trinta e cinco anos, pode dizer-se que o resultado constituiu um triunfo assinalável – tornado possível graças a vicissitudes históricas conjunturais que já narrei em muito mais pormenor noutros lugares.

Simultaneamente, outras lutas iam sendo desencadeadas no país, sobretudo nas áreas onde existem comunidades portuguesas. O Centro de Estu-

dos Jorge de Sena, na Universidade da Califórnia em Santa Barbara (que nos precedeu a todos em muitos aspectos); mas a Universidade de Massachusetts em Amherst, bem como o já estabelecido bastião de Wisconsin, Madison, com a respeitável *Luso-Brazilian Review* (pioneira no género) igualmente se salientaram neste processo de mudança do *status quo*.

Enters FLAD.

A meados da década de 80 surge em cena a FLAD. Cedo o ICA e a Gulbenkian celebraram a sua chegada, confiantes no importante reforço que prometia fortalecer os intervenientes na luta insana por uma implantação mais sólida da presença portuguesa nas universidades norte-americanas. Convenhamos que a FLAD surgiu a todos como uma panaceia e, dos mais diversos quadrantes, se esperava irrealizáveis milagres. Porque sempre pensei que o papel de Portugal deveria ser supletivo, proporcionando *seed money* para iniciativas e não financiando-as por inteiro, advoguei (e advogo ainda para casos congêneres, como o *Rhode Island College*) o apoio das suas intuições como motor de arranque para estimular projectos que devem ser assumidos pelas próprias universidades. O nosso Departamento nessa altura estava já consolidado e em pleno funcionamento, recebendo apoio integral da administração da Brown (cinco professores e duas secretárias inteiramente pagos pela universidade), apenas com alguns subsídios pontuais vindos do exterior, se exceptuarmos o leitorado co-financiado pelo Instituto Camões. Por isso o apoio da FLAD surgiu numa altura em que se tornara importante alargarmos a nossa presença. Isso ocorreu precisamente quando (creio que em 1993) foi estabelecido um acordo de cooperação FLAD/Brown com o Departamento de Estudos Portugueses e Brasileiros e o *Watson Institute for International Studies*, ambos da Brown, e que anos mais tarde passou a denominar-se *Michael Teague Visiting Professorship*. Ele tem permitido o enriquecimento da oferta de cursos na área de Portugal contemporâneo visto pelas Ciências Sociais (Antropologia, Sociologia e Ciências Políticas), bem como pelas áreas de Relações Internacionais e História Contemporânea, cursos esses tanto para os alunos de Licenciatura como para os de pós-graduação (Mestrado e Doutoramento). A presença dos professores visitantes que beneficiam desta bolsa tem sido

aproveitada para participarem em colóquios e congressos nacionais nos seus campos de especialidade; fazerem conferências em universidades interessadas; estabelecerem contactos diversos alargando a sua rede profissional; aproveitarem a oportunidade de se familiarizarem de modo aprofundado com o sistema universitário norte-americano, cada vez mais internacional, permitindo-lhes levar depois e aplicar em Portugal os seus conhecimentos (é vasta a lista de exemplos, estando vários deles registados em testemunhos públicos). Mas esse apoio da FLAD tem permitido também a admissão no Mestrado em Estudos Portugueses de um bom número de alunos luso-americanos que de outro modo não teriam acesso à Brown, visto a universidade não oferecer bolsas para Mestrado. Além disso, vários alunos da Brown têm beneficiado de pequenas bolsas que lhes têm permitido alargar os seus conhecimentos e contactos com a cultura portuguesa (bolsas de pesquisa em Portugal, participação em congressos). Graças ainda a essa mesma bolsa de cooperação, tem sido possível aumentar consideravelmente o número de eventos culturais relacionados com Portugal (e ultimamente, com os países africanos de língua portuguesa) – colóquios, conferências, exposições de filmes. O mais próximo dos quais terá lugar neste primeiro semestre de 2010, sob o título de *Portuguese-African Networks: Explorations through History, Cinema, and Literature*. Finalmente, esse mesmo acordo tem permitido a aquisição adicional de filmes e livros sobre cultura portuguesa para além do que nos permite o orçamento das bibliotecas da Brown.

O apoio da FLAD prosseguiu depois quando em 1996 a Fundação aceitou participar numa iniciativa ainda hoje única (se não estou em erro), a Cátedra Vasco da Gama, pois congregou pela primeira vez cinco instituições e fundações portuguesas num criativo processo gradual de financiamento.

Resumindo: a FLAD tem proporcionado um significativo incremento da presença portuguesa numa universidade onde, como acontece na generalidade das universidades americanas, o interesse se inclina fortemente para o Brasil, de modo a nem o Governo nem as fundações brasileiras se sentirem na necessidade de intervir pois a onda caminha a seu favor. Se Portugal não intervém pela sua parte, essa onda irá toda nessa direcção

Atlântico Sul. Com algumas excepções, está visto. E uma delas reside nas universidades estaduais onde existem fortes comunidades portuguesas. Não será imodesto da minha parte revelar que fui eu quem junto da FLAD advogou a importância de se apoiar uma universidade como a então *Southeastern Massachusetts University*, hoje *University of Massachusetts Dartmouth*, onde presentemente existe um pujante Departamento (o segundo a ser criado nos EUA), que seguiu ao pé da letra o modelo desenvolvido na Brown. Aí o peso da FLAD, através do seu apoio financeiro, foi altamente decisivo e a fundação está de parabéns por isso.

Mas aqui em Rhode Island houve outras intervenções pontuais da FLAD que permitiram uma alteração notável da imagem portuguesa no Estado. Para além de apoios à Biblioteca John Carter Brown e a projectos diversos de outros professores e alunos desta universidade, a FLAD cooperou no financiamento de exposições na prestigiosa *Rhode Island School of Design* e, de diversos modos, colaborou com a *Rhode Island Historical Society*, o *Heritage Harbor Museum*, a *Portuguese-American Scholarship Foundation* e a Casa dos Açores da Nova Inglaterra.

Sobre a intervenção da FLAD a nível nacional, suponho que outros escreverão. Todavia, como membro há anos do *Board of Directors* da PALCUS (*Portuguese-American Council of the United States*) não posso deixar de registar aqui o apoio fundamental que essa organização (cuja existência é altamente importante para garantir uma voz portuguesa nacional nos EUA) tem recebido da FLAD ao longo dos anos.

Este resumo *à vol d'oiseau* deixa atrás facetas que seria ilustrativo explorar em detalhe, mas as limitações do espaço exigem que me quede por aqui. De qualquer modo, o que acima fica enumerado é mais do que razão suficiente para celebrarmos o papel que a FLAD, sob a direcção de Rui Chancerelle de Machete, neste último quartel – que, como disse a abrir estas linhas, parece ser um período bem mais longo – desempenhou no âmbito da presença portuguesa nos EUA e no estreitamento das relações de cooperação a diversíssimos níveis, entre os dois países. ●



Otília Macedo Reis

DIRECTORA EXECUTIVA DA COMISSÃO FULBRIGHT PORTUGAL

Depoimento

2010 É UM ANO ESPECIAL, que marca a passagem de um quarto de século sobre a criação da Fundação Luso-Americana, efeméride importante e que não pode deixar de ser assinalada pelo papel de relevo que a Fundação tem desempenhado no relacionamento bilateral entre Portugal e os Estados Unidos da América.

Para a Comissão Fulbright, que este ano se encontra também empenhada em comemorar o seu cinquentenário, o balanço destes vinte e cinco anos traduz-se positivamente nos resultados de uma contínua e frutuosa cooperação entre as duas instituições, numa área – a do intercâmbio cultural e educacional – que ambas partilham na sua missão e nos seus objectivos.

Em resultado de diversas parcerias estabelecidas entre a Comissão Fulbright e a Fundação Luso-Americana, sucessivas gerações de estudantes e investigadores, portugueses e americanos, receberam bolsas para desenvolver os seus estudos nos Estados Unidos da América e em Portugal.

A comunidade académica e a sociedade em geral puderam ainda beneficiar da presença de professores Fulbright norte-americanos em universidades Portuguesas, através do programa Fulbright / FLAD Rotating Chair for Distinguished Lecturers, a categoria de bolsas mais prestigiada no âmbito do Programa Fulbright.

No presente, o destaque vai para a Bolsa Fundação Luso-Americana / Fulbright para Doutoramentos, que concentra o apoio prestado por ambas as instituições a estudantes portugueses que

pretendam desenvolver os seus programas de doutoramento nos Estados Unidos da América.

Que venham, pois, mais vinte e cinco, mais cinquenta anos de profícua colaboração, em prol do entendimento mútuo e do desenvolvimento de Portugal e dos Estados Unidos da América. ●

Ricardo Serrão Santos

PROFESSOR CATEDRÁTICO DA UNIVERSIDADE DOS AÇORES

A FLAD e o Departamento de Oceanografia e Pescas da Universidade dos Açores

TIVE O MEU PRIMEIRO CONTACTO com Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento no início dos anos 90 no âmbito de uma reunião em Lisboa sobre ciências do mar, para a qual fora convidado, e onde conheci o Sr. Charles Buchanan com o qual continuei a manter contacto ao longo dos anos. Essa reunião, apesar de focalizada na ciência dos estuários e dos ambientes costeiros, foi instrumental para o desenvolvimento de um frutuoso conjunto de apoios à cooperação e à investigação que temos vindo a desenvolver. Recordo e realço em particular um traço fundamental e um grande mérito do carácter do Charles Buchanan. A sua abertura ao diálogo com o outro e a sua sensibilidade para abrir caminhos novos. Enquanto participante oriundo da Universidade dos Açores as questões sobre estuários e ambientes costeiros tinham, para mim, relevância menor e abordei e dei ênfase ao interesse dos grandes domínios oceânicos e mar profundo. Atento, bom ouvinte, estas notas desafiadas, e que a outros poderiam eventualmente soar deslocadas ou despropositadas, foram ouvidas e assimiladas com bondade pelo Charles Buchanan. Ao longo dos anos de uma cooperação muito proveitosa, pude aperceber-me que esta era a essência de ser da FLAD.

O primeiro projecto que a FLAD apoiou no âmbito do DOP foi uma cooperação com o Museu de Zoologia Comparada da Universidade de Harvard para estudarmos a biodiversidade, biogeografia e bio-acumulação em peixes mesopelágicos do Atlântico. No âmbito deste projecto os nossos trabalhos estender-se-iam também ao Museu de História Natural do Instituto Smithsonian, em Washington D.C. e ao

Woods Hole Oceanographic Institute. Desta investigação resultaram não só artigos científicos sobre a bio-geografia e biodiversidade (Porteiro et al. 1999) e bio-acumulação de metais pesados (Martins e tal. 2006) em peixes mesopelágicos, como ainda um outro artigo, de carácter sócio-histórico e naturalista, sobre alguns aspectos curiosos da correspondência entre Olivia Dabney, residente no Faial, e Louis Agassiz que, no século XIX, dirigiu o museu de Harvard (Porteiro et al. 1997).

Ao longo dos anos sucederam-se convites da FLAD para participações em workshops e reuniões onde destaco o grupo de trabalho que se reuniu em torno de Robert Costanza e cujo trabalho conduziu à publicação de um livro e de um artigo na prestigiada revista *Science* (Costanza et al. 1998).

Mais tarde, em 2005, a FLAD foi também um dos apoiantes do workshop que organizámos nos Açores sobre Montes Submarinos, do qual resultaria a publicação, em 2007, da primeira síntese mundial sobre a ecologia, pescas e conservação em montes submarinos (Pitcher et al. 2007).

Outros aspectos em que a FLAD desempenhou um papel fundamental foram os apoios a programas de doutoramento e de pós-doutoramento. Pedro Afonso, actualmente doutor pela Universidade do Havai, foi bolseiro de doutoramento no âmbito de um ambicioso programa que desenvolvemos com o investigador Kim Holland relativo à bio-telemetria acústica de peixes dos Açores. O apoio da FLAD contribuiu também para a implementação da nossa rede de receptores acústicos ao largo das ilhas do Faial e do Pico. Durante diversos anos marcámos com emissores acústicos indivíduos de quatro espécies de peixes dos Açores para conhecer os seus padrões de residência e movimentação com o objectivo de melhorar a planificação e distribuição de áreas marinhas protegidas nos Açores (Afonso et al. 2008a,b,c; Afonso et al. 2009a,b). Neste projecto estudámos também a dispersão de peixes costeiros e a conectividade entre habitats baseadas na dispersão larvar e micro-química dos otólitos, em estreita colaboração com a Universidade da Califórnia em Santa Bárbara (Fontes et al. 2009a,b).

Por fim gostaria de fazer referência ao apoio da FLAD no que respeita à investigação sobre as reacções imunológicas dos organismos hidrotermais. O estudo sobre os ecossistemas hidrotermais, numa colaboração de Raul Bettencourt com *Stony Brook University, Marine Science Research Center* em Nova Iorque, sobre a biodiversidade de moléculas de defesa em invertebrados marinhos, tendo em vista a descoberta de novos factores biológicos com aplicações biomédicas (Bettencourt et al. 2007, 2008, 2008). Este trabalho teria continuidade num projecto apoiado pela NSF.

Este é apenas um resumo parcial do perfil do apoio da FLAD. Este apoio foi instrumental para o alargamento de parcerias e a consolidação da nossa investigação em ciências do mar. A lista de artigos científicos abaixo discriminada, apesar de parcial, é um espelho da frutuosa colaboração estabelecida.

Alguns artigos científicos resultantes de alguns projectos e/ou acções apoiados pela FLAD:

Afonso, P., T. Morato & R. S. Santos 2008a. "Spatial patterns in reproductive traits of the temperate parrotfish *Sparisoma cretense*. *Fisheries Research*": 90 (1-3): 92-99.

Afonso, P., J. Fontes, T. Morato, K. N. Holland & R. S. Santos 2008b. "Reproduction and spawning habitat of white trevally, *Pseudocaranx dentex*, in the Azores, central north Atlantic". *Scientia Marina*, 72 (2): 373-381.

Afonso, P., J. Fontes, K. N. Holland & R. S. Santos 2008c. "Social status determines behaviour and habitat usage in a temperate parrotfish: implications for Marine Reserve design". *Marine Ecology - Progress Series*", 359: 215-227.

Afonso, P., J. Fontes, K. N. Holland & R. S. Santos 2009a. "Contrasting habitat use patterns and behavioural modes in a highly mobile reef fish, *Pseudocaranx dentex*: implications for marine reserve design". *Marine Ecology - Progress Series*, 381: 273-286.

Afonso, P., J. Fontes, R. Guedes, F. Tempera, K. N. Holland & R. S. Santos 2009b. "A multi-scale study of red porgy movements and habitat

use, and its application to the design of marine reserve networks”. Pp.423-444. In: J. Nielsen, H. Arrizabalaga, N. Fragoso, A. Hobday, M. Lutcavage & J. Sibert (Eds.). “*Tagging and Tracking of Marine Animals with Electronic Devices*”. Reviews: Methods and Technologies in Fish Biology and Fisheries, Vol. 9. Springer Science, Dordrecht.

Bettencourt, R., P. Roch, S. Stefanni, D. Rosa, A. Colaço & R. S. Santos 2007. “Deep sea immunity: unveiling immune constituents from the hydrothermal vent mussel *Bathymodiolus azoricus*”. *Marine Environmental Research*, 64 (2): 108-127.

Bettencourt, R., P. Dando, D. Rosa, A. Colaço, J. Sarrazin, P.-M. Sarradin & R. S. Santos 2008. “Changes in gill tissues of the vent mussel *Bathymodiolus azoricus* held for 6 months in aquaria at atmospheric pressure”. *Comparative Biochemistry and Physiology, Part A*, 150 (1): 1-7.

Bettencourt, R., P. Dando, P. Collins, V. Costa, B. Allam & R. S. Santos 2009. “Innate immunity in the deep sea hydrothermal vent mussel *Bathymodiolus azoricus*”. *Comparative Biochemistry and Physiology, Part A*, 152 (2): 278-289.

Costanza R, F. Andrade, P. Antunes P, M. van den Belt, D Boersma, D.F. Boesch, F. Catarino, S. Hanna, K. Limburg, B. Low, M. Molitor, J. G. Pereira, S. Rayner, R. Santos, J. Wilson & P. M. Young 1998. “Principles for sustainable governance of the oceans”. *Science*, 281 [5374]: 198-199.

Fontes, J., J. E. Caselle, P. Afonso & R. S. Santos 2009a. “Multi-scale recruitment patterns and effects on local population size of a temperate reef fish”. *Journal of Fish Biology*, 75 (6): 1271 – 1286.

Fontes, J., J. Caselle, M. S. Sheehy, R. S. Santos & R. R. Warner 2009b. “Natal signatures of juvenile *Coris julis* in the Azores: investigating connectivity scenarios in an isolated oceanic archipelago”. *Marine Ecology - Progress Series*, 387: 51–59.

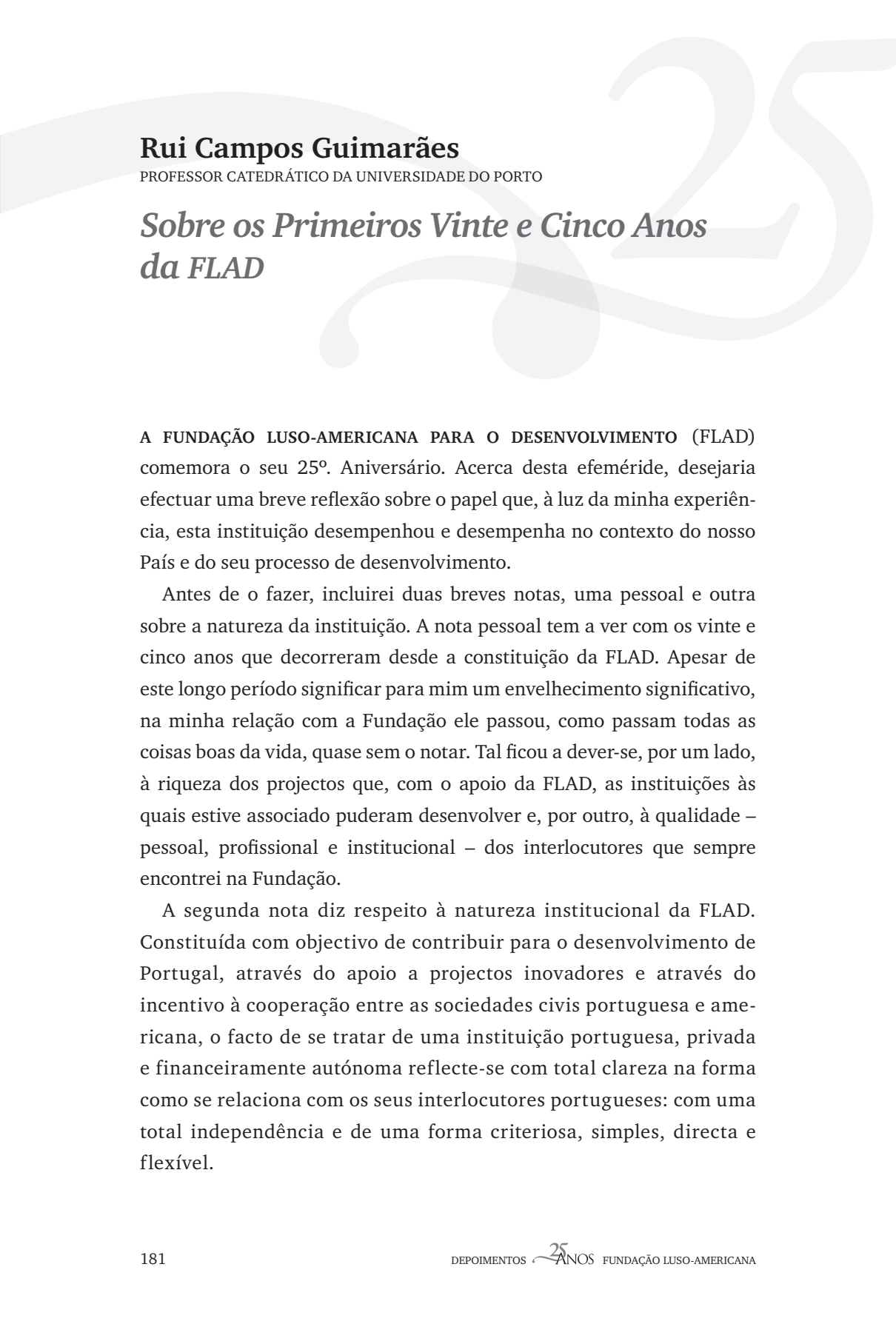
Martins, I., V. Costa, F. Porteiro & R.S. Santos 2006. “Temporal and spatial changes in mercury concentrations in the North Atlantic as indicated by museum specimens of glacier lanternfish *Benthosema glaciale* (Pisces: Myctophidae)”. *Environmental Toxicology*, 21 (5): 528-532.

Pitcher, T. J., T. Morato, P. J. B. Hart, M. R. Clark, N. Haggan & R.S. Santos (Eds.) 2007. *Seamounts: Ecology, Fisheries and Conservation*. Blackwell Publishing, Oxford, UK; Iowa, USA; Victoria, Australia: xxiv + 528pp with 156 illustrations. (ISBN: 978-1-4051-3343-2).

Porteiro, F. M. & R. S. Santos 1997. “De Olivia Dabney para Louis Agassiz- uma colecção de peixes do litoral dos Açores do século XIX no Museu de Zoologia Comparada da Universidade de Harvard”, pp. 603-619 – In: *O Faial e a Periferia Açoriana nos séculos XV a XX*. Actas do Colóquio. Horta.

Porteiro, F. M., K. Hartel, J. E. Craddock & R. S. Santos 1999. “Meso-pelagic fish from the Azores (Eastern North Atlantic) deposited in the Museum of Comparative Zoology”. *Breviora* (Museum of Comparative Zoology/ Univ. Harvard) 507: 1-42. ●





Rui Campos Guimarães

PROFESSOR CATEDRÁTICO DA UNIVERSIDADE DO PORTO

Sobre os Primeiros Vinte e Cinco Anos da FLAD

A FUNDAÇÃO LUSO-AMERICANA PARA O DESENVOLVIMENTO (FLAD) comemora o seu 25º. Aniversário. Acerca desta efeméride, desejaria efectuar uma breve reflexão sobre o papel que, à luz da minha experiência, esta instituição desempenhou e desempenha no contexto do nosso País e do seu processo de desenvolvimento.

Antes de o fazer, incluirei duas breves notas, uma pessoal e outra sobre a natureza da instituição. A nota pessoal tem a ver com os vinte e cinco anos que decorreram desde a constituição da FLAD. Apesar de este longo período significar para mim um envelhecimento significativo, na minha relação com a Fundação ele passou, como passam todas as coisas boas da vida, quase sem o notar. Tal ficou a dever-se, por um lado, à riqueza dos projectos que, com o apoio da FLAD, as instituições às quais estive associado puderam desenvolver e, por outro, à qualidade – pessoal, profissional e institucional – dos interlocutores que sempre encontrei na Fundação.

A segunda nota diz respeito à natureza institucional da FLAD. Constituída com objectivo de contribuir para o desenvolvimento de Portugal, através do apoio a projectos inovadores e através do incentivo à cooperação entre as sociedades civis portuguesa e americana, o facto de se tratar de uma instituição portuguesa, privada e financeiramente autónoma reflecte-se com total clareza na forma como se relaciona com os seus interlocutores portugueses: com uma total independência e de uma forma criteriosa, simples, directa e flexível.

Ao longo da sua vida, a FLAD canalizou um enorme apoio a instituições nacionais, tanto em termos financeiros como no estabelecimento ou no reforço de parcerias, em particular com instituições americanas. E fê-lo de formas muito distintas, que incluíram a concessão de bolsas, o apoio a projectos institucionais e a programas de formação e intercâmbio ou o lançamento de projectos próprios.

Não me deterei nos números globais que traduzem a intensidade de tal apoio, que a todos impressionam, sobretudo aos conhecedores da exigência dos critérios que sempre pautaram a selecção dos projectos merecedores do apoio da FLAD. Referir-me-ei seguidamente a duas experiências que marcaram instituições que tive o orgulho de servir:

- o Departamento de Engenharia Mecânica (DEMec) da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto (FEUP) e a sua instituição de interface com o mundo empresarial, o Instituto de Engenharia Mecânica e Gestão Industrial (INEGI);
- o Instituto Superior de Estudos Empresariais (ISEE) da Universidade do Porto, que depois deu lugar à Escola de Gestão do Porto (EGP) e à EGP – University of Porto Business School (EGP-UPBS)
- a Associação Empresarial para a Inovação (COTEC Portugal).

Para compreender o relevo da intervenção da FLAD na primeira destas experiências, que teve lugar entre 1986 e 1990, é necessário situá-la no contexto do DEMec e do INEGI de então. O primeiro começava a mostrar, por um lado, os resultados da formação intensa dos seus docentes em reputadas universidades estrangeiras e, por outro, as dificuldades que as limitações de equipamento computacional impunham. A FLAD, compreendendo como ninguém o potencial de desenvolvimento do DEMec nas áreas computacionais, tornou-se o parceiro principal do seu Plano de Reapetrechamento, que marcou definitivamente a sua evolução. A percepção da importância das ligações entre a universidade e o mundo empresarial levou, em 1986, à constituição do INEGI. Também neste contexto, em que este instituto dava os seus primeiros passos, o papel da Fundação foi crucial, no apoio significativo a um conjunto de ambiciosos projectos de cooperação com diferentes empresas nacionais.

Os apoios recebidos, que, como sempre, deram mais frutos nuns casos e menos noutros e, não menos importante, as (re)orientações nas quais tais apoios se traduziram para o DEMec e o INEGI desempenharam um papel de extremo relevo. E tanto a qualidade como a dimensão e a intensidade das intervenções destas instituições nos nossos dias aí estão para demonstrar o acerto das opções então tomadas, muitas delas com o empenho da FLAD.

Numa outra iniciativa – indubitavelmente estruturante para a Região do Norte – a FLAD desempenhou um papel de destaque ao associar-se à Universidade do Porto na criação, em 1988, do ISEE e na sua posterior conversão deste em EGP-UPBS. E fê-lo não apenas no apoio financeiro que deu a esta iniciativa – que envolveu, primeiro, o arranque do MBA da Universidade do Porto e depois a criação de outros mestrados e mestrados executivos em Gestão, todos de enorme importância para a Região – mas também no contributo que deu para a formulação de um modelo institucional inovador, congregando em torno da universidade um conjunto significativo de empresas e estabelecendo redes eficazes de ligação a instituições congéneres dos Estados Unidos da América. E, em todo este percurso, por vezes atribulado, soube manter sempre, com total independência (e acerto, acrescentaria), fidelidade aos princípios que devem necessariamente orientar instituições com o carácter de uma Escola de Gestão.

No âmbito da COTEC Portugal, a FLAD foi o seu parceiro principal no lançamento, em 2004, do Programa COHiTEC, que tem por objectivo apoiar a criação de empresas de base tecnológica e elevado potencial de crescimento. A primeira fase deste Programa, baseada numa metodologia desenvolvida pelo Centro HiTEC da *North Carolina State University*, centra-se na avaliação das oportunidades de negócio que podem ser criadas a partir das características únicas das tecnologias propostas por investigadores integrados nas universidades portuguesas ou noutras unidades do Sistema Nacional de Ciência e Tecnologia. A partir de 2006, esta fase do Programa COHiTEC foi complementada com uma outra, que tem por objectivo o desenvolvimento de planos de negócios suficientemente robustos para serem *de facto* apresentados a investidores.

O Programa COHiTEC esteve na origem da criação da mais recente iniciativa da COTEC Portugal na área de valorização do conhecimento: a iniciativa Act (Acelerador de Comercialização de Tecnologia), que se crê poder vir a dar um contributo essencial à mudança de paradigma de desenvolvimento económico de que o nosso País tanto carece, no contexto de uma economia global baseada no conhecimento.

Quando revisito o papel que a FLAD desempenhou nos seus vinte e cinco anos de existência e, sobretudo, quando analiso toda a cooperação da qual beneficiaram as instituições às quais estive ligado, não posso deixar de incluir uma nota final sobre a influência que a Fundação e os seus colaboradores tiveram sobre todos nós, na tentativa de ultrapassar as dificuldades com que diariamente fomos, somos e sere-mos confrontados. E para concretizar as formas como nos ajudaram a vencer, nada melhor do que citar Fernando Pessoa (Revista de Comércio e Contabilidade, n.º 5, 1926, em “Fernando Pessoa – O Comércio e a Publicidade”, com Organização, Introdução e Notas de António Mega Ferreira, 1986):

“Para vencer – material ou imaterialmente – três coisas definíveis são precisas: saber trabalhar, aproveitar oportunidades e criar relações. O resto pertence ao elemento indefinível, mas real, a que, à falta de melhor nome, se chama sorte.

Não é o trabalho, mas o saber trabalhar, que é o segredo do êxito no trabalho, saber trabalhar quer dizer: não fazer um esforço inútil, persistir no esforço até ao fim, e saber reconstruir uma orientação quando se verificou que ela era, ou se tornou, errada.

Aproveitar oportunidades quer dizer não só não as perder, mas também achá-las.

Criar relações tem dois sentidos – um para a vida material, outro para a vida mental. Na vida material a expressão tem o seu sentido directo. Na vida mental significa criar cultura. A história não regista um grande triunfador material isolado, nem um grande triunfador mental inculco. Da simples “vontade” vivem só os pequenos comerciantes; da simples “inspiração” vivem só os pequenos poetas. A lei é uma para todos.”

Estamos muito gratos por nos terem ajudado a aprender a trabalhar, a aproveitar oportunidades e a criar relações.

Termino com a afirmação da certeza de que, nos próximos vinte e cinco anos, a Fundação saberá ultrapassar as dificuldades com que diariamente será confrontada com a mesma independência e critério com que soube granjear o respeito e a admiração generalizados, que a converteram numa instituição nacional de grande relevo. ●



Thomas H. Fox

INDEPENDENT CONSULTANT AND FORMER VICE-PRESIDENT
FOR INTERNATIONAL AFFAIRS OF THE COUNCIL ON FOUNDATIONS, USA

Happy Birthday, Fundação Luso-Americana!

I AM VERY PLEASED TO JOIN IN THE CELEBRATION of FLAD's 25th anniversary. As the former Vice President for International Affairs of the Council on Foundations in the USA and Assistant Administrator of the US Agency for International Development, in 2005 I was privileged to help evaluate the foundation's first twenty years and make recommendations for its future. I came away from that assignment with a number of conclusions that are still valid today. Overall, the history of the Luso-American (Development) Foundation is a proud one. The Foundation enjoys considerable respect and appreciation from its most important stakeholders, and its staff is both committed to the Foundation's mission and happy to work there. Particularly noteworthy is the fact that the large majority of the Foundation's employees, at all levels, have been with the Foundation for at least fifteen years; they are proud of their organization. Its leadership is strong and enhances the stature and influence of the Foundation.

The Foundation can also be proud of a number of significant accomplishments. A significant number of Portuguese institutions have been created or strengthened because of the Foundation's initiatives and resources. Many are within Portuguese universities, like the Biotechnology School in Porto and a substantial number of new Masters-level programs, but there are other non-academic success stories like the TagusPark. Then there are new ideas and policy issues raised to the surface because of the Foundation's efforts. Immigration policy is a good example; strengthening the legal framework for philanthropy and

civil society was another possible major achievement when I was there in 2005. The entire Portuguese higher education system and many individuals within that community have benefited mightily by programs like the partnership with the Fulbright Commission and the many important ties with the United States. Its support for many African organizations in the former Portuguese colonies of Mozambique and Angola has also produced impressive results. It is very hard to predict how many mighty oaks will grow from the many, many acorns the Foundation has sown, in Portugal, in the United States and in Africa.

One last thought. The Fundação Luso-Americana is particularly valued because it does more than simply provide funds for projects. Its continuous involvement as a partner, mentor and even manager is an important element of its importance to projects. A nice tribute, that. Would that more foundations in the United States would be described with those words!

Happy 25th Birthday! ●

Tiago Fleming Outeiro

INSTITUTO DE MEDICINA MOLECULAR
FACULDADE DE MEDICINA DE LISBOA

Prata com sabor a ouro!

CELEBRA-SE ESTE ANO O 25º ANIVERSÁRIO da Fundação Luso-Americana. São, portanto, as bodas de prata de uma instituição que muito tem dado ao nosso País.

Desde que contactei pela primeira vez com a FLAD, há cerca de 12 anos, fui percebendo que se trata de uma instituição genuinamente interessada em promover o desenvolvimento, que não se limita apenas às relações Luso-Americanas.

Na minha área de actividade, a ciência, tive a honra de receber apoios importantes da FLAD, quer ao nível de bolsas, de apoios para a participação em congressos nos EUA, para o desenvolvimento de projectos científicos, e para poder organizar reuniões científicas em Portugal e nos EUA.

A FLAD ocupa um espaço singular, uma vez que não são muitas as instituições em Portugal a quem possamos recorrer para este tipo de apoios.

Nos seus dirigentes, encontrei, sempre que possível, abertura e disponibilidade para apoiar as várias iniciativas em que me envolvi. Encontrei disponibilidade para ouvir e para melhorar propostas que apresentei. E encontrei também portas abertas para acolher iniciativas que organizei.

Nem tudo terá sido perfeito nestes vinte e cinco anos. Há sempre espaço para fazer mais e melhor. Mas, pela minha experiência, o balanço que faço só pode ser positivo.

É por tudo isto que, neste caso a prata vale, sem qualquer dúvida, ouro!

Parabéns à FLAD, e que os próximos vinte e cinco anos sejam recheados de sucessos! ●



Vartan Gregorian

PRESIDENT, CARNEGIE CORPORATION OF NEW YORK

Testimonial

THE LUSO-AMERICAN FOUNDATION (FLAD) is a great testament to American and Portuguese statesmanship, whereby a portion of fees raised from American use of the Azores Islands is earmarked for promoting Portuguese culture – not only in Portugal but also elsewhere, including the United States of America. As president of Brown University, I welcomed FLAD's support for Brown's Portuguese and Brazilian Studies Department, one of the best in the country. As a member of the advisory board of FLAD – appointed by Portuguese and U.S. authorities – it was my pleasure to participate in the Foundation's deliberations as it acted on various proposals from Portugal and elsewhere in the world. During my tenure on the FLAD board, I came to appreciate the importance of this focused and well-run foundation and the exemplary leadership of Rui Machete, who has combined his academic expertise, political skills, and cultural acumen to lead FLAD so well and with such imagination. His tireless work and dedication to the Foundation's mission have resulted in many major accomplishments. ●



Victor K. Mendes

PROFESSOR ASSOCIADO NO DEPARTMENT OF PORTUGUESE
UNIVERSITY OF MASSACHUSETTS DARTMOUTH

Depoimento

CARÍSSIMA FLAD,

É com genuína alegria que lhe escrevo por ocasião do seu vigésimo quinto aniversário. Apesar de ter ouvido e lido a seu respeito antes, como princesa abastada que generosamente comprou um quadro a um meu amigo jovem artista, apenas tive oportunidade de a conhecer mais de perto por volta dos seus dez anos entre, sobretudo, homens bem falantes e bem vestidos num fim de tarde. Lembra-se? Por razões inconfessáveis, quis ter uma filha, e o destino quis desafiar-me efectivamente com dois rapazes filhos mais inteligentes do que eu, que já a visitaram várias vezes nos últimos anos, creio que invariavelmente para lançamento de livros que ajudei a fazer como autor ou como editor. Eles são um pouco mais novos do que você, o que me lembra muito uma cena de sublime quotidiano da minha fase do Estoril, quando uma amiga loirinha do rapaz mais novo se virou para mim, o pai, numa síntese perfeita de ingenuidade e malícia, e me chamou *tio*. Conhecia este hábito de chamar tio ao pai do amigo, mas o definitivamente fulminante neste caso foi o som muito fechado do *o* de *tio*: *tiú*. Se me meto nestas fonéticas da Linha é porque acho muito que na veia familiar pela via dos afectos você dava para minha sobrinha.

Digo isto porque, como sabe, mas talvez não com todo o detalhe, você é responsável pela minha permanência na América desde os anos 90. A sua prima Gulbenkian pagou-me uma estadia entre Los Angeles e Santa Bárbara em 1993 por boa razão, e gerou-se-me a repentinamente enraizada ilusão de que toda a América seria como L.A.. E não é. Ora parabéns,

FLAD, por ter gerado de forma bastante substancial o seu próprio *oncle d'Amérique*. Se me lembro do filme assim, e não de *My American Uncle*, é porque o francês é a minha segunda língua, mas agora tento viver principalmente numa terceira, como você bem sabe. O professor Henri Laborit mostrou-me com algum didactismo que a minha vida se poderia transformar consideravelmente. E não me posso de todo queixar da escassez de mudanças. Como disse no seu auditório em 1999, passei a ter dois relógios com cinco horas de diferença. E de *eurotrash* passei a apreciar o levantar cedo da Nova Inglaterra. E do declínio da minha pequena república, iniciado no reino, que faz daqui a umas décadas 500 anos, passei a observar e participar com gosto nas décadas e oportunidades que se seguem ao século de ouro da América (1870-1970).

Já agora, ocorre-me esta coisa da forma de tratamento. Lembro-me bem da sua sugestão recente de nos tratarmos por tu, que achei simpática e até um pouco comovente, dadas as distâncias, apesar de tudo. A dificuldade é seguramente minha, que não acho o jeito certo de dizer tu, FLAD, etc. Não é certamente menos amor, envergonho-me apenas um bocadinho de o escrever, mas talvez o mesmo conjugado espontaneamente com respeito, consideração, admiração que não exclui da minha parte a intimidade e o conforto para dizer tudo o que haja a dizer; veja como lhe falo com o coração nas mãos. Tudo isto podia ser melhor escrito, com mais tempo para revisão, e até pedir ajuda a um colega competente para que esta carta dos seus 25 ficasse memorável, mas por causa do volume da *Portuguese Literary & Cultural Studies 15/16* sobre Angola, que está agora a imprimir em East Providence, e de fazer o que é preciso para assegurar uns *matching funds* da minha reitora para o *PhD in Portuguese (Humanities and Social Sciences)* aqui da Universidade de Massachusetts Dartmouth, ambos generosamente financiados em parte por si, não me sobrou grande tempo; agora tenho de concluir, como quem fala, esta missiva e estugar o passo para uma reunião no *Administration Building*.

A minha profissão universitária está infectada pela crítica desde pelo menos há duzentos anos, e certamente na sua vida tem tido oportunidade de o observar. Pois não quero negar o lado benéfico dessa infecção, mas

tão-só colocá-la entre parêntesis. Os seus vinte e cinco anos, FLAD, a 5000 quilómetros de distância comovem-me. Não vou aqui reprimir doentia-mente a finíssima melancolia por um ou outro bom projecto não apoiado, certamente pelas melhores razões, uma vez que a minha relação consigo é amplamente gratificante. E, como o que há entre nós, FLAD, desculpe a minha brutal honestidade, está igualmente aquém e além do dinheiro, faço o seu elogio com uma sinceridade radical e completamente focada, como uma coisa que também me faz bem. É possível que quando você se olha ao espelho lhe pareça hiperbólico o que acabo de dizer. Por favor, note: o seu olhar consideravelmente estrábico entre dois continentes, que nos momentos de algum desalento, por esta razão ou aquela, lhe pode parecer feio ou disfórico a partir de dentro, é visto de fora, pelo menos garantidamente por mim, como uma beleza que faz do caso muito especial do seu estrabismo um benefício para si e para os outros – e não uma doença. Acredito que outros a possam admirar como eu.

Uma das razões para optimismo quanto ao futuro é que o que me prende a si tem vindo a melhorar e a aprofundar-se nos últimos anos. Não só decidi em 2009, em Moscovo, depois de ser assaltado por falsos polícias locais, e meio adoentado, pensar em procurar o hospital americano da cidade, como também me tornar cidadão americano. Nunca tive uma avassaladora pulsão pela América nem nunca o anti-americanismo me moveu; achei muito confortável em Moscovo a mera ideia de poder contar com a confiável, inexcusável e hospitaleira ajuda de compatriotas americanos. Justamente a hospitalidade distingue as pessoas que trabalham na sua casa, FLAD. Desde a funcionária da recepção. Desde o porteiro da garagem.

Sei que o Presidente Machete se reforma por ocasião dos seus 25 anos, FLAD, e que lhe tem sido muito dedicado. No mês passado, meio corado e um pouco envergonhado pelo talento de outro agradecimento, perguntei-lhe se era boa ideia escrever-lhe um soneto. O estimado Dr. Machete disse-me que era melhor escrever sobre os seus 25 anos, FLAD. Aqui está; desculpe. Muitos parabéns e felicidades.

Disponha formal e informalmente para o que for preciso. ●



Sobre a Fundação



A FUNDAÇÃO LUSO-AMERICANA para o Desenvolvimento é uma instituição portuguesa, de direito privado e financeiramente autónoma, criada em 1985, pelo Decreto-Lei n.º 168/85, de 20 de Maio.

Pretende contribuir para o desenvolvimento económico, social e cultural português, através do apoio financeiro e estratégico a projectos inovadores e do incentivo à cooperação entre entidades de Portugal e dos Estados Unidos da América.

O seu património inicial constituiu-se através de transferências monetárias feitas pelo Estado Português, originadas pelo Acordo de Cooperação e Defesa entre Portugal e os EUA (1983).

Após ter recebido uma dotação inicial, vive, desde 1992, exclusivamente do rendimento do seu património.

O apoio da Fundação é atribuído de diversas formas, incluindo a concessão de bolsas, o apoio a projectos institucionais e a programas de formação e intercâmbio. Parte importante da actividade da Fundação consiste em projectos próprios geridos individualmente ou em parceria com outras instituições.

EDIÇÃO
Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento

TÍTULO
Fundação Luso-Americana – 25 anos.
Depoimentos.

DESIGN
José Brandão | Elisabete Rolo
[Atelier B2]

COORDENAÇÃO
Miguel Vaz | Paula Vicente

REVISÃO
Paula Vicente

IMPRESSÃO
www.textype.pt

TIRAGEM
1000 Exemplares

Lisboa, Abril de 2010

ISBN
978-972-8654-46-7

DEPÓSITO LEGAL
309 877/10

